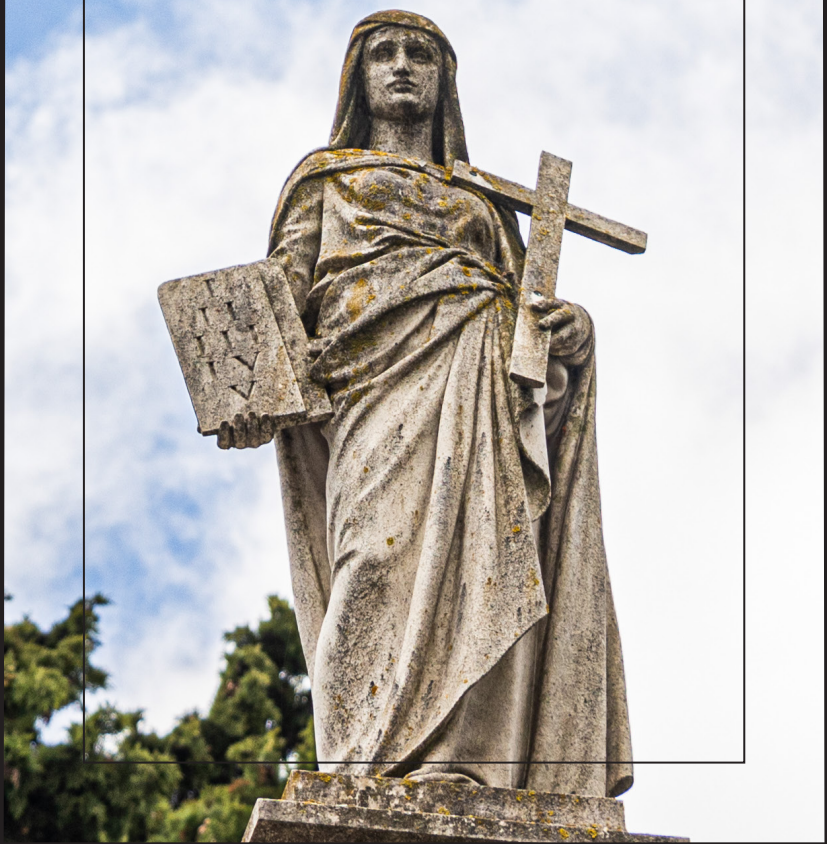
#4

P'ARTE: recolhas poéticas

# SYMPATHY FOR THE GRAVE



#4

PARTE: recolhas poéticas

# SYMPATHY FOR THE GRAVE

PARTE : recolhas poéticas

Direcção: SYNESTHESIA | THELEME | CEComp

ISSN: 2184-6480

Ficha Técnica #4

Título: Sympathy For The Grave
Edição e Revisão: Patrícia Sá e Alexis F. Viegas
Design Gráfico, Capa & Paginação: Madalena Cardoso
Editorial Fotográfico: Beatriz Clara
Design Gráfico do Logótipo: Maria Câmara

Data de Publicação: Dezembro 2023

© Todos os textos publicados são responsabilidade e propriedade dos respetivos autores.

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDP/00509/2020.

# ÍNDICE

PREFÁCIO: *TAFOFILIA* OU A ARTE DE AMAR A MORTE ..... 9
*Gisela Monteiro*

INTRODUÇÃO ..... 15
*Alexis F. Viegas e Patrícia Sá*

UMA BREVE INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS SOBRE A MORTE ..... 19
*M. Francisca B. B. de Alvarenga*

A MORTALHAZINHA, *de Jakob e Willhelm Grimm* ..... 29
*Tradução de Claudia J. Fischer e Vera San Payo de Lemos*

VIGÍLIA ..... 33
*Amanda Jansson Breitsameter*

O JARDIM DE PEDRA ..... 34
*A. M. Catarino*

A FÁBRICA ..... 38
*Analita Santos*

TUBERCULOSE ..... 40
*Andreia Esteves*

MEMENTO MORI ..... 44
*Andreia Pinho*

ECOLOGIA DO SANGUE ..... 50
*Bárbara de Vallera*

DESCANSO ..... 52
*Cátia Marques*

SACRIFÍCIOS OCULTOS ..... 54
*Cláudia Passarinho*

WHITE ROSES, WHITE SILK ..... 57
*Dália Rodrigues*

PSICOPOMPOS ..... 58
*Fotografia de Gisela Monteiro e Texto de David Soares*

ISOTROPIAS DE PUTREFACÇÃO ..... 60
*Fotografia de Gisela Monteiro e Texto de David Soares*

A ÁRVORE INVERTIDA ..... 64
*Fotografia de Gisela Monteiro e Texto de David Soares*

EXCERTO DE «SOBRE A COR DA MORTE»,
EM *ICHOROGRAFIA* (1576) DE BINMARDER DA SILBA ..... 66
*Fotografia de Gisela Monteiro e Texto de David Soares*

A HERANÇA ..... 70
*Gisela Silva*

ACORDO DE CORVOS ..... 74
*Helena Menezes*

O SUBSTITUTO ..... 75
*J. M. Dias*

DESCANSA EM PAZ ..... 80
*José Maria Covas*

UM PEDACITO DE TERRA ..... 82
*Juan Umbarila*

A TYPICAL LOVE STORY ..... 84
*Kira Steel*

A FAMÍLIA GONZAGA ..... 85
*Laura Vasques de Sousa*



AR DOS MORTOS ..... 88
*Liliana Duarte Pereira*

DEVERES E DEVOLUÇÕES ..... 89
*Maria Duran*

MAÕS NA PÁ, PÓ NOS OLHOS ..... 95
*Maria Duran*

O DIA DOS MORTOS ..... 98
*Maria Gaio*

LEMBRA-TE QUE ÉS PÓ E AO PÓ VOLTARÁS ..... 99
*Maria Leonilda Pereira*

AQUI JAZ ..... 101
*Maria Leonilda Pereira*

TODOS OS SANTOS ..... 105
*Maria Varanda*

A MALDIÇÃO ..... 107
*Marta Nazaré*

CHILDREN OF THE GRAVE ..... 110
*Texto e Fotografia de Miky Morgado*

A PROPOSTA ..... 114
*M. J. Lima*

SENHORA SOMBRIA ..... 118
*Murilo Guimarães*

RIR NA MORTE ..... 119
*Nuno Amaral Jorge*

ATÉ AO CÉU / SENTINELA / A IRMÃ USHER ..... 124
*Texto e Fotografia de Nuno Amaral Jorge*

NO DIVÃ ..... 127
*Nuno Gonçalves*

NA SOMBRA DE UM TÚMULO ..... 130
*Paula Campos*

A ÚLTIMA CEIA ..... 133
*Pedro Lucas Martins*

ONDE OS VERMES DORMEM ..... 136
*Rita Santos*

O CEMITÉRIO ..... 139
*Sabrina Leão*

A ENCARREGADA ..... 142
*Sandra Henriques*

O GUARDIÃO ..... 143
*Sandra Martins*

YA NADIE COMPRA FLORES ..... 144
*Santi Pérez Isasi*

AETERNUM VALE ..... 149
*Susana Silva*

ERA UN BARATRO VESTITO DI FIORI /
IT WAS A VOID DRESSED IN FLOWERS ..... 152
*Vanessa Montesi*

DON'T YOU REMEMBER HOW? ..... 153
*Verónica Sousa*

O AMANTE DO QUE NÃO É AMADO ..... 154
*Zeh Maurício Ferreira*

AQUI JAZEM AS NOTAS BIOGRÁFICAS ..... 159

© Beatriz Clara 2023. Cemitério dos Prazeres.

PREFÁCIO

# *TAFOFILIA*
## OU A ARTE DE AMAR A MORTE[1]

GISELA MONTEIRO

Já em meados do século XIX se passeava entre os recém-erguidos sepulcros dos novos cemitérios de Lisboa (implantados em 1833 para responder a um pico de mortalidade decorrente de uma epidemia de cólera): o Cemitério do Alto de São João, criado numa quinta com o mesmo nome, no Alto Varejão; e o Cemitério dos Prazeres, localizado junto da ermida da Nossa Senhora dos Prazeres, nas Terras dos Almeirões. Sabemo-lo, porque o autor Mendes Leal Junior († 1886) nos conta os passeios que dava em 1845 no Cemitério dos Prazeres – ainda antes da revolta da Maria da Fonte (o último estertor da tradição de enterramentos *ad sanctos e apud ecclesiam*[2] que, por todo o Portugal, enchiam igrejas e capelas com o cheiro agoniante da morte). Com detalhe, reflectiu sobre as sepulturas escolhendo algumas para desenhar, descreveu-nos visitas e meditações entre os recentes jazigos e sepulturas e o seu fascínio com as histórias por contar que vislumbrava entre os eloquentes epitáfios gravados na pedra. Deixou-nos em perpetuidade um essencial testemunho de época:

> A nova Necropolis ergue ao ceu as vaidades da morte. As pyramides symbolicas apontam, como dedo immovel de cadaver, para o ceu e para Deus... entremos...
>
> Eil-as, as moradas dos finados, infileiradas como as habitações dos vivos. D'um lado e d'outro lado os emblemas da morte. – Aqui a saudade – além a eternidade – mais longe a saudade e a eternidade enleiadas e conjuntas!
>
> Quantas gerações alí jazem!
>
> (Junior 1845, 4)

Hoje, chamar-lhe-íamos *tafófilo*.

Tafófilo é quem se dedica à *Tafofilia*, o gosto ou atracção por cemitérios: palavra de origem grega, nascida da união de *Taphos*, que significa *túmulo*, e *Philia*, que signi-

1 Este texto segue o Acordo Ortográfico de 1945.

2 A devoção às relíquias dos santos criou nos crentes a pretensão de serem enterrados o mais próximo possível dos altares que as continham, o que se designou por enterramento *ad sanctos* (*junto dos santos*). Em finais do século XII, a importância do próprio altar enquanto espaço eucarístico ultrapassou a importância das relíquias e é aí que os crentes se querem agora inumar: criou-se, então, o sepultamento *apud ecclesiam* (*na igreja*). Nos séculos seguintes, as pessoas continuaram a ser enterradas dentro e à volta das igrejas, preferencialmente junto do altar-mor. Cf., Ariés (2008, 70-72).

fica amor ou paixão. Um tafófilo deambula entre túmulos e jazigos, porque nos epitáfios aprende histórias que não viveu, porque se deslumbra com a arte funerária e a cantaria artística de outrora, fotografa, desenha ou escreve inspirado nesses espaços de paz, feitos para contemplar a vida e recordar quem nos deixou.

Grafada como *Taphophilia*, a palavra apareceu impressa em 1940 num dicionário de psiquiatria publicado pela Universidade de Oxford[3] e durante décadas foi relegada aos livros de psiquiatria e dicionários de medicina para caracterizar o que se considerava ser uma condição clínica, descrita como uma fixação, atracção ou gosto mórbido por cemitérios. Nas décadas de oitenta e noventa do século XX, com a publicação de livros sobre turismo cemiterial, a palavra começou a ser empregue sem essa carga negativa, sendo o turismo tumular[4] a sua vertente mais visível, atingindo um pico de utilização durante a década de noventa.

No final desses anos, com a popularização da Internet, descobri a palavra *Taphophilia* quando procurava *online* por fotografias de cemitérios. Não a encontrei na grafia portuguesa, nem nos dicionários portugueses e estrangeiros que tinha, mas, no fundo, não era preciso: o seu significado era claro e já me era familiar há muito. A existência de um nome validou e valorizou a minha experiência habitual de visitar cemitérios e de neles encontrar inspiração; assim, com essa nomenclatura em mente, continuei nos anos seguintes as minhas visitas a cemitérios. Quando chegou o momento de criar um espaço para partilhar o meu trabalho e as minhas investigações sobre a temática cemiterial – o blogue *Mort Safe*[5] –, adoptei a palavra como divisa: «Tafofilia: Atracção por cemitérios, sepulturas, funerais».

Com efeito, ao longo dos anos, já me acostumei a explicar várias vezes o que é a tafofilia – e quando me perguntam o que faço respondo que sou tafófila, em vez de enunciar a minha profissão ou formação académica. Obviamente, a palavra ainda é uma novidade para muitos, mas (ecoando o sentimento tafófilo dos passeios oitocentistas de Mendes Leal Junior, por exemplo) a tafofilia já existe há muito tempo.

Observe-se o caso da pirâmide de Caius Cestius, túmulo romano construído entre os séculos XVII a.C e XII a.C. e embebido na muralha aureliana de Roma: em 1716, este foi integrado no Cemitério Protestante de Roma[6] e incluído na rota de monumentos a visitar no chamado "Grand Tour" realizado por membros das elites culturais europeias[7]. Desenhado e pintado à exaustão, foi um dos primeiros cemitérios de peregrinação turística: a magia do espaço e dos nomes das personalidades nele inumadas convidavam à visita. Esta pirâmide assinala o local de repouso dos poetas ingleses John Keats († 1821) e Percy Shelley († 1822). Foi neste local que o escultor americano William Story († 1895) instalou o seu trabalho «Anjo da Dor»[8], dedicado à sua esposa Emelyn († 1894), uma das mais copiadas estátuas da arte funerária, reproduzida até em capas de discos.

Partilhando desse espírito, no século XIX os visitantes de Paris encontravam sinalizados nos guias turísticos os novos cemitérios que cercavam a capital, assim como a morgue da cidade e as catacumbas onde, entre as ossadas de seis milhões de parisienses, se ouviam concertos[9]. O fascínio por estes cemitérios permaneceu intacto ao longo do século XX; hoje, no século XXI, o Cemitério de Père Lachaise (fundado em 1804) continua a liderar as estatísticas turísticas (s.n. 2011), atraindo tafófilos e curiosos graças a nomes como o do compositor polaco Frédéric Chopin († 1849), o escritor irlandês Oscar Wilde († 1900) ou o cantor americano Jim Morrison († 1971), vocalista da banda *The Doors*.

Ora, no século XIX em Portugal não eram os textos dos guias turísticos que convidavam a visitarem-se os cemitérios, mas os de uma revista especializada que documentava e perpetuava na memória esses espaços. De periodicidade quinzenal, a *Revista dos Monumentos Sepulchraes*[10] começou a ser publicada em Outubro de 1868 e propunha-se a «preencher uma lacuna, que ainda existia na litteratura portugueza» (Baptista 1868, 3), pretendendo publicar uma fotografia de todos os jazigos existentes nos cemitérios de Lisboa, por ordem numérica; terminados estes, dar-se-ia continuidade com a publicação das imagens de todos os jazigos existentes nos cemitérios das «principaes cidades do continente e ilhas» (*ibid*., 4). Infelizmente, a revista existiu apenas durante seis números, privando tafófilos e demais estudiosos de cemitérios de «uma cousa util, um reportorio de apontamentos interessantes para todas as familias, e por ventura um valioso subsidio para a história» (*ibid*., 6) – como,

3 Foi utilizada a tecnologia *Ngram* disponibilizada pela Google, que permite procurar palavras e expressões em livros, tendo um *corpus* crescente, constituído por publicações em diversas línguas e uma cronologia que se estende de 1500 até 2019 (consultado a 24 e 25 de Junho de 2023).

4 Na língua inglesa é utilizada a expressão "tombstone tourist" para designar pessoas que fazem turismo cemiterial, visitando cemitérios, coleccionando epitáfios, fotografias de jazigos e sepulturas de personalidades famosas, fazendo decalques de pedras tumulares, etc.

5 Criado em 2011 para apresentar trabalhos e investigações de temática cemiterial, desenvolvidos desde 2009. A página homónima de Facebook também surgiu em 2011 e, em 2014, foi criado o perfil de Instagram.

6 O nome mais comum no período referenciado era Cemitério Protestante, mas actualmente aparece frequentemente designado por Cemitério Não-Católico ou por Cemitério dos Estrangeiros. Criado em 1716 com o enterramento de William Arthur, natural de Edimburgo, era o local de enterramento para todos os que, por não professarem a religião católica, estavam impedidos de ser enterrados no interior das igrejas da cidade.

7 N.E: O "Grand Tour" foi uma prática comum para a elite europeia, entre os séculos XVII a XIX. Trata-se de uma viagem pela Europa, onde Itália é destino último e principal, realizada maioritariamente por jovens homens de classe alta, ao atingirem a idade adulta.

8 No original, e de acordo com o autor, «The Angel of Grief Weeping Over the Dismantled Altar of Life» (1894).

9 Segundo o jornal diário *Le Figaro*, a 2 de Abril de 1897 realizou-se um concerto secreto nas catacumbas de Paris, acessível apenas por convite, onde cerca de quarenta e cinco músicos tocaram peças de vários compositores, incluindo Chopin e Beethoven, e se declamou poesia.

10 Pode ser consultada a compilação dos seis números da *Revista dos Monumentos Sepulchraes* no site da Biblioteca Nacional de Portugal, disponível em: https://purl.pt/26306.

sabiamente, um amigo da revista a considerava no primeiro número.

Apesar de o Romantismo em Portugal se ter desenvolvido numa corrente cultural em que os cemitérios e a morte eram quase uma personagem, com os seus negros ciprestes e túmulos arruinados onde repousavam amantes desditosos, as visitas ao cemitério continuaram a ser vistas como um dever e uma obrigação, um aspecto religioso, uma prática triste e melancólica, uma forma de viver o luto.

No entanto, há cem anos já se promoviam visitas de carácter recreativo aos cemitérios portugueses. No primeiro volume do *Guia de Portugal,* de Raul Proença, publicado em 1923 e dedicado a Lisboa e arredores, incluem-se percursos no Cemitério dos Prazeres, no Cemitério do Alto de São João e no Cemitério dos Inglesinhos (1717)[11], destacando os monumentos pela importância dos inumados ou dos artistas que neles trabalharam; também no quarto volume, quando se apresenta a cidade do Porto, estão incluídos percursos para o Cemitério de Agramonte (1855) e para o Cemitério do Prado do Repouso (1839), demonstrando assim que, já nessa altura, se percebia a importância dos maiores cemitérios do país enquanto espaços de cultura e património artístico.

Actualmente, os mais relevantes cemitérios do século XIX são observados como museus a céu aberto, atraindo visitantes de toda a parte com visitas guiadas, percursos e exposições; publicam-se livros e guias especializados e entre os itinerários culturais do Conselho da Europa existe um dedicado apenas aos cemitérios. Criaram-se associações que os promovem e protegem, como no caso do Cemitério de Highgate (1839), em Londres, que foi salvo do abandono e destruição por um "Grupo de Amigos"[12], que o recuperou, o estuda e nele promove visitas guiadas para angariação de fundos (os bilhetes para as visitas têm de ser adquiridos com bastante antecedência, porque esgotam sempre). No Cemitério de Glasnevin (1832), em Dublin, podemos visitar um museu, fazer compras na loja de *souvenirs* ou almoçar na esplanada do restaurante, com vista para as sepulturas decoradas com cruzes celtas – tudo dentro do cemitério. Em Bristol, no Cemitério de Arnos Vale (1837), fazem-se casamentos.

Cada país tem a sua cultura – e é por isso (e também porque a palavra tafofilia ainda não faz parte dos dicionários de português[13]) que é maravilhoso publicar-se este número especial da revista *P'ARTE: recolhas poéticas*, dedicado em exclusivo à tafofilia. Que se dê voz aos tafófilos que passeiam entre os sepulcros e que neles se inspiram para escrever prosa e poesia, que sobre eles reflectem, que os desenham e fotografam. Porque criar não é morte: *é vida*.

Recordando as palavras de Percy Shelley que, quem sabe antevendo a prematuridade da própria morte, descreve comoventemente o cemitério onde seria inumado:

11 O cemitério dos Inglesinhos é o cemitério britânico de Lisboa, fundado em 1717.

12 O cemitério está ao cuidado do colectivo *Friends of Highgate Cemetery*.

13 Até mesmo o dicionário *online* Priberam declara *tafofilia* como uma «palavra não encontrada» (consultado a 23 de Julho de 2023).



> The cemetery is an open space among the ruins covered in winter with violets and daisies. It might make one in love with death, to think that one should be buried in so sweet a place.
>
> (1829, 3-4)

Talvez esta seja uma mais adequada definição de tafofilia: a de que ser *tafófilo* é saber que *memento mori* e *carpe diem* nos dizem o mesmo.

Gisela Monteiro, tafófila
Lisboa, Julho de 2023.

## REFERÊNCIAS


ARIÉS, Phillipe. 2008. *The Hour of Our Death*. Nova Iorque: Vintage Books.

BAPTISTA, António Maria. 1868. «Introdução.» *Revista dos Monumentos Sepulchraes* 1: 1-6. https://purl.pt/26306.

JUNIOR, Mendes Leal. 1845. *Os Tumulos Portuguezes no Alto dos Prazeres*. Lisboa: Typographia da Academia das Bellas Artes.

S.N. 2011. «O Lugar do Morto.» *Jornal Expresso*, 12 de Fevereiro de 2011.

PROENÇA, Raul. (1923) 1983. *Guia de Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

SHELLEY, Percy B. 1829. *Adonais: An Elegy on the Death of John Keats, author of Edymion, Hyperion, Etc*. Cambridge: W. Metcalfe.

© Beatriz Clara 2023. Cemitério dos Prazeres.

# INTRODUÇÃO

ALEXIS F. VIEGAS E PATRÍCIA SÁ

A revista *P'ARTE: recolhas poéticas* é uma publicação periódica do Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, fruto de uma iniciativa do grupo P'ARTE (que integra agora o grupo Synesthesia - THELEME), que conta já com três números dedicados à *recolha* de submissões poéticas em diferentes línguas, reunindo autores um pouco por todo o mundo. Nós, Alexis F. Viegas e Patrícia Sá, investigadores e escritores, fomos desafiados a editar e a organizar o quarto número desta revista e, no espírito *sombrio* que caracteriza tanto a nossa investigação como a nossa escrita, propusemo-nos a trazer um tópico intrigante, embora inesperado, para o contexto académico em que esta publicação se insere: a tafofilia.

A tafofilia, ou o gosto/atração por cemitérios, está dicionarizado no *American Psychiatry Association,* o que, para alguns, poderá ser um sinal patológico. No entanto, a morte, apesar de ainda ser considerada um assunto tabu na nossa sociedade, não deixa de incutir um certo fascínio, muito próximo do que Julia Kristeva caracteriza como próprio do abjeto: algo que, simultaneamente, repele e atrai. De facto, representações da morte abundam, umas mais positivas, outras mais negativas, outras neutras. Segundo a conceção da *danse macabre* medieval, a morte é o grande nivelador da sociedade, não discriminando entre nobres, clérigos ou plebeus: todos se encaixam na sua dança.

Existem vários cultos em torno da morte; ninguém pode simplesmente desaparecer sem causar algum tipo de impacto. Os vivos precisam de um qualquer processo que marque o fim da vida e a passagem para a morte. O corpo nunca é apenas um corpo para os entes queridos do defunto. Por isso, existem rituais, cultos, cerimónias, como esforço de consolo para os vivos. A par deste ambiente sombrio, a morte não deixa de ser como um íman para muitos, em especial os tafófilos, os que são atraídos pela morte, pelos seus lugares e pelos seus ritos. Mas não só; recordemos o fascínio pela morte que assombra as obras de tantos artistas, poetas, ou músicos, mas também de filósofos, sociólogos, e até elementos da comunidade científica. A morte é aquele estado confuso de não-vida ao qual ninguém consegue aceder, mas não por isso deixa de ser objeto de reflexão. Por que morremos? O que acontece depois, se é

que acontece algo sequer? Qual o significado da vida, do universo e de tudo?

Talvez, também, pela sua inevitabilidade, ousamos pensar na morte como algo consolatório. Ela vem para todos. Os ossos dos mortos por nós esperam. Este risco do *não-ser* tanto aterra, como intriga. Há quem procure uma cura, como se a morte fosse uma enfermidade, e o maior exemplo literário dessa procura é *Frankenstein*, de Mary Shelley. As buscas da ciência pelo prolongamento da vida são ecos do esforço tão antigo e alquímico de evitar a morte. As próprias obras de arte são a tentativa humana de alcançar a imortalidade através da memória. Mas, enquanto tentamos escapar desta certeza a todo o custo, também a procuramos. A Morte no Tarot não é uma carta de medo: significa transformação e novos começos. A morte é tão necessária à vida como a luz ou o ar. Em vida, construímos cemitérios que tantas vezes visitamos com alguma saudade, mas não necessariamente com o desejo de ressuscitar os mortos lá enterrados. São lugares de contemplação, de perspetiva, de recordação, que constroem o nosso presente.

A morte e os seus lugares podem ser vistos de várias formas, e foi isso que nos propusemos a explorar com este número. Dado um tema com potencialidades tão vastas, capaz de tocar todos de uma forma ou de outra, desejámos espelhar essa diversidade com a abertura da tradicional chamada de recolhas poéticas para que incluísse, desta vez, também contos, microcontos, fotografias e ilustrações. Neste longo número, que conta com cerca de 40 autores, artistas e investigadores oriundos de diferentes partes do mundo, com profissões e percursos académicos e artísticos igualmente variados, procurámos dar expressão à tafofilia que, como Gisela Monteiro aponta de modo exímio no preâmbulo que antecede esta introdução, «já existe há muito tempo». Em Portugal, como a própria refere, a adoração pelos cemitérios está presente desde o século XIX e, no resto da Europa, muito antes disso.

Terminamos esta curta nota introdutória com um parágrafo de agradecimentos. Primeiro, à equipa editorial pelo voto de confiança e por acolherem um número tão especial numa revista que espelha, de modo tão exemplar, o desígnio comparatista que nos une. Segundo, a Gisela Monteiro, Francisca Alvarenga, Beatriz Clara, David Soares e Madalena Cardoso que, por sua vez, aceitaram o desafio de produzir diferentes conteúdos que compõem o enquadramento estético, teórico e artístico deste volume: desde o conto, à fotografia, ao ensaio e *design*, o contributo destes amigos e colegas foi essencial para que este projeto editorial se concretizasse. Terceiro, à Fábrica do Terror, nossa parceira nesta aventura tafófila e a quem estendemos um profundo agradecimento. Por último, mas não menos importante, agradecemos ao Dr. Licínio Fidalgo, gestor do Cemitério dos Prazeres, por ter acolhido o editorial fotográfico que aqui apresentamos, bem como estendemos a nossa gratidão a todos os autores, artistas e investigadores que enviaram as suas submissões, cuja qualidade exímia se pode mais do que ler e ver em cada página – pode ser *sentida*.

Sem mais demoras, convidamos todos os leitores a embarcar nesta viagem pelo mundo da tafofilia, uma lápide de cada vez.

© Beatriz Clara 2023. Cemitério dos Prazeres.

# UMA BREVE INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS SOBRE A MORTE[1]

M. FRANCISCA B. B. DE ALVARENGA

Death, be not proud, though some have called thee
Mighty and dreadful, for thou art not so; [...]
Thou art slave to fate, chance, kings, and desperate men,
And dost with poison, war, and sickness dwell,
And poppy or charms can make us sleep as well
And better than thy stroke; why swell'st thou then?
One short sleep past, we wake eternally
And death shall be no more; Death, thou shalt die.

(John Donne, «Sonnet X: Death Be Not Proud», Songs and Sonnets, 1633)

O estudo da morte, do morrer e dos rituais associados a esta realidade não é uma invenção do passado recente. Ao longo do tempo, a morte tem vindo a ser pensada pelas várias áreas do saber, que procuram respostas tanto objectivas e extrospectivas, como introspectivas. A tanatologia, isto é, o campo de investigação que se ocupa da morte (do grego *thanatos*, θάνατος, morte, e -λογία, sufixo que exprime a noção de estudo), está, pelo menos nos últimos dois séculos, na vanguarda da produção de conhecimento científico acerca dos processos biológicos e químicos da morte, a par com a medicina, ainda que o objectivo desta seja radicalmente diferente: adiar a morte, evitá-la quando possível e, mais recentemente, tornar a morte uma realidade mais confortável, acompanhada e informada[2]. Outras áreas que, à partida, poderiam não estar directamente relacionadas com a morte acabaram por desenvolver as suas próprias especialidades: o luto, em psicologia; a área do planeamento urbano, responsável pela sanidade e salubridade dos locais; a gestão e a economia, com sectores inteiramente dedicados aos rituais da morte, nas várias áreas da medicina, da burocracia, dos funerais, e por aí adiante; a antropologia e o estudo dos rituais fúnebres nas várias culturas; a sociologia e o estudo da relação entre os vários aspectos sociais

1 Este texto segue o Acordo Ortográfico de 1945.

2 Atestam esta nova tendência os debates acerca da eutanásia e/ou do suicídio assistido, bem como o desenvolvimento dos cuidados paliativos, áreas que têm vindo a produzir, não só conhecimento, como práticas protocolares profissionais nos últimos anos, em Portugal e no resto do Mundo.

da morte; a medicina veterinária e o estudo do controlo populacional, a eutanásia e as formas de cuidados paliativos aplicados às mais variadas espécies animais; a política e o desenvolvimento e aplicação de necropolíticas[3] que impactam, directa ou indirectamente, a vida e a morte de grupos das populações que controlam; as artes, da literatura ao cinema, e a representação que fazem da morte, procurando sentido, significados e formas de lidar com o momento que pode ser o mais traumático e sublime da vida de uma pessoa, bem como daqueles que a rodeiam. As áreas de estudo não se esgotam com esta pequena lista.

As atitudes que o ser humano tem para com a morte estão dependentes não só de personalidades, educação e história pessoal, mas também da cultura e tempo histórico em que se enquadram (Jacobsen 2016, 2). Estas atitudes e mentalidades foram já amplamente estudadas, distinguindo-se o contributo de Robert Kastenbaum (1972), que pensa o conceito de «death systems» (sistemas da morte)[4] para se referir à forma de organização individual e social no que respeita à morte e aos seus rituais, e Philippe Ariès (1974), com o conceito de «death mentalities» (mentalidades sobre a morte). O conceito de Ariès diz respeito ao conjunto de formas de estar e pensar a morte e os seus rituais, intimamente relacionados com contextos sociais, culturais, históricos e políticos. De acordo com Michael Hviid Jacobsen, Ariès propõe quatro grandes fases históricas destas «death mentalities» no Ocidente: a «tamed death» (morte domesticada)[5], a «one's own death» (morte do/a próprio/a), a "thy death/death of the other» (a morte do outro) e a «forbidden/invisible death» (morte proibida/invisível). A «tamed death», que se situa cronologicamente na Idade Média, é marcada pelo contacto corriqueiro com a morte, onde a preparação para a morte e o cuidado com os moribundos decorria em casa, existindo uma maior proximidade física e espiritual entre os vivos e os mortos. Aqui, o acto de morrer, bem como os eventos que memorializavam a pessoa defunta ou próxima da morte, eram públicos (Jacobsen 2016, 4). A fase do «one's own death» caracteriza-se pela progressiva individualização destes rituais, passando a morte a ser encarada como um momento de máxima consciência para ser experienciado sozinho. É durante esta fase que se popularizam as campas individuais, os sepulcros e os epitáfios personalizados. O

3 Uma das vertentes da necropolítica diz respeito à exposição dos cidadãos à morte, deixando nas mãos do Estado a decisão de quem tem direito à vida, ou não, e, sobretudo, quando expor as pessoas à morte. O mais recente evento da pandemia mostrou-se fértil em exemplos desta natureza. Por exemplo, a Suécia adoptou uma política de infecção generalizada, à custa dos seus cidadãos mais velhos ou imunocomprometidos, para promover a imunidade de grupo, situação que expôs milhares de pessoas à possibilidade da morte ou doença prolongada. Em Portugal, e no resto do Mundo, cada país com o seu ritmo, a decisão de eliminar a obrigatoriedade da máscara, por exemplo, obriga pessoas imunocomprometidas ou pessoas que não querem arriscar um Covid longo a limitar ainda mais a sua vida ou, em várias situações, como a profissional e a de transporte, não oferecendo qualquer hipótese para a protecção da sua saúde.

4 Todas as traduções presentes no texto são de autoria própria.

5 Domesticado, aqui, refere-se a algo relacionado com a *domus*, a casa, o familiar.



momento seguinte, denominado «thy death/death of the other», marcou o período Romântico europeu, trazendo consigo uma crescente alienação e distância da morte e dos seus rituais, embora tenha paradoxalmente exacerbado os rituais e cultura do luto ao atribuir particular enfâse à dor de perder alguém próximo e querido. O aumento da oferta e da procura de rituais para a comunicação com os mortos que se verificou nesta altura ilustra a noção vigente da morte como ruptura entre o ser vivo e o ser morto (Jacobsen 2016, 5). Por fim, Ariès atribui à contemporaneidade (isto é, à data do seu trabalho seminal) a fase da «forbidden/invisible death», que se distingue pelos processos envolvidos em tornar a morte uma realidade escondida, através da esterilização, profissionalização e privatização (no sentido de tornar privado, ao invés de público) da morte e dos seus rituais. Ariès distingue dois grandes factores que contribuem para esta nova realidade: a medicalização da morte, no sentido em que a ciência e a figura do médico se tornam os primeiros "guardiões" da morte[6]; e a profissionalização da morte, que se refere a toda a indústria tanatológica, encarregue de transportar, tratar e preparar o cadáver, reservando para si a principal responsabilidade de organizar todo o ritual fúnebre, com a intervenção mínima da família que, por sua vez, vê o luto relegado para segundo plano, conforme aos ditames sociais (Jacobsen 2016, 6).

Por considerar que, desde os anos 70 do século XX até aos tempos de hoje, o tema e sistemas da morte estão já alterados em relação à última fase proposta por Ariès, Jacobsen propõe uma quinta fase, denominada «spectacular death» (morte espectacular)[7], na qual a morte já não é um tabu, uma vez que parece existir um certo revivalismo dos estudos sobre a morte e o luto, bem como conversas e debates públicos e políticas sociais acerca destes temas (e.g. eutanásia, suicídio assistido, formas de cremação alternativas, enterros naturais). Esta fase diz respeito à morte como "espectáculo", ou seja, indica um interesse redobrado na morte e nos seus rituais, num movimento de simultânea repulsa e fascínio, semelhante ao que Julia Kristeva (1982) definiu como «abjection» (abjecção).

Assim, Jacobsen distingue cinco características do período actual: a nova mediatização da morte, ou a visibilidade mediatizada da morte (e.g. noticiários, cenários fictícios); a comercialização da morte (e.g. indústria tanatológica e o uso da morte para efeitos de *marketing* em indústrias como o fitness, a moda, etc.); a retoma de rituais relacionados com a morte, com uma maior liberdade e oferta, incluindo o aparecimento de novas técnicas de tratar o cadáver (e.g. aquamação, isto é, hidrólise alcalina, e enterros naturais) e de memorializar os defuntos (e.g. páginas de redes socias); o melhoramento dos cuidados paliativos e o aparecimento de movimentos como o «natural death movement», o «happy death movement», o «death aware-

6 Primeiro, na tentativa de a evitar, depois no trabalho de assistir aos últimos momentos da vida de uma pessoa – uma morte que acontece cada vez mais nos hospitais e não em casa.

7 "Espectacular" refere-se, aqui, ao que é observável, um espectáculo.

ness movement» ou o «death with dignity movement»[8]; e, por fim, a morte enquanto objecto de estudo académico além das ciências médicas e forenses (Jacobsen 2016, 16). Contudo, é importante referir que continua a existir uma certa distância e evitação do tema da morte e seus rituais, desta feita controlada pelos profissionais de saúde e da tanatologia, pelos agentes do Estado responsáveis pela saúde e administração públicas, assim como pela sociedade em geral.

Todas estas estruturas, rituais e conhecimentos fazem parte daquilo que Robert Kastenbaum (1972) conceptualizou como «death systems», isto é: «[S]ociophysical network by which we mediate and express our relationship to mortality» (1972, 310)[9]. Anos mais tarde, Kastenbaum aprofundou esta definição, sublinhando a importância das relações interpessoais e simbólicas neste sistema: «[T]he interpersonal, sociophysical, and symbolic network through which an individual's relationship to mortality is mediated by society» (2012, 102)[10]. Este aperfeiçoamento conceptual torna-se relevante precisamente por destacar as vertentes individuais, colectivas e/ou sociais que a morte e os seus respectivos rituais apresentam, nomeadamente a influência social e cultural na vivência da e com a morte. Desta forma, o sistema da morte ajuda-nos a compreender uma determinada sociedade, demonstrando que está tão dependente desta quanto esta está de si. Significa isto que, até determinado ponto, a morte e o morrer são construções sociais em (quase) constante mudança (Jacobson 2016, 2). Este sistema existe em todas as culturas de modo mais ou menos evidente, mas apresenta formas ou elementos diferentes consoante o tempo histórico e o contexto sociocultural em que se desenvolve. Alguns dos principais objectivos dos sistemas de morte incluem a previsão de ameaças à vida (e.g. pandemias, guerras, desastres naturais), a prevenção de eventuais situações que ameacem a vida (e.g. medidas de saúde pública, saneamento urbano, planos de segurança e emergência), cuidar daqueles que estão perto da morte (e.g. cuidados paliativos), lidar com o corpo morto (e.g. serviços funerários, limpezas de cenas de crime), trabalhar para a coesão e consolidação social após a morte (e.g. rituais funerários e memorialísticos, apoio psicológico individual e colectivo), ajudar a compreender a morte (e.g. ensino, campanhas de sensibilização, artes) e legitimar formas socialmente aceites de provocar a morte, ou seja, as necropolíticas (e.g. pena de morte)[11].

8 Movimento pela naturalidade da morte; movimento pela morte feliz; movimento de consciencialização da morte; movimento da morte com dignidade.

9 Uma rede socio-física, através da qual mediamos e expressamos a nossa relação com a mortalidade.

10 Uma rede interpessoal, socio-física e simbólica, a partir da qual a relação que um indivíduo tem com a mortalidade é mediada pela sociedade.

11 Destes elementos, destacam-se as necropolíticas por nem sempre serem explícitas, o que se mostrou problemático já por várias vezes na história da Humanidade, uma vez que reserva para o Estado o direito de provocar e controlar a morte dos seus cidadãos. Para entender a problematização deste conceito, pode pensar-se no efeito nefasto que a necropolítica teve durante a Segunda Guerra Mundial, com a exterminação sumária de milhões de judeus, homossexuais, pessoas com deficiência e outros, ou nas políticas de



Por fim, Kastenbaum destaca os principais actores destes sistemas: as pessoas que trabalham nestas indústrias; os eventos ou datas que marcam a morte de alguém ou algum evento catastrófico (e.g. o 11 de Setembro, os dias de memorialização das vítimas do Holocausto ou dos soldados das Grandes Guerras); os objectos relacionados com a morte (e.g. caixões, fornos crematórios, lápides), que podem, por vezes, ser objectos que foram "emprestados" para participar neste sistema, através de uma adaptação do seu significado ao contexto específico, mas sem alteração do objecto em si, como, por exemplo, as coroas de flores; os símbolos e as imagens, onde se inclui a linguagem, muitas vezes atenuada quando se fala de morte (e.g. alguém que "partiu", que "está num lugar melhor", o "descanso eterno"), outras vezes acentuada quando se faz recurso à figura da morte num contexto a que a ela se não refere (e.g. alguma coisa é "de morrer a rir"); e, por fim, os sítios associados ao culto da morte ou onde a morte ocorreu (e.g. locais de crime, morgues, hospitais).

Um dos sítios que, hoje em dia, é indiscutivelmente associado à morte é o cemitério. Este local pode ser organizado de várias formas, existindo casos de cemitérios organizados por religião ou etnia, por exemplo[12], podendo, inclusivamente, servir de local de turismo, parte daquilo a que se chama «dark tourism»[13], mas também num turismo focado na memorialização de figuras públicas (por exemplo, a campa de Oscar Wilde no Cimetière du Père Lachaise, em Paris).

A atracção pelos cemitérios não é um fenómeno contemporâneo, já que a sua visitação é frequente desde que foram criados, não apenas para o luto dos familiares e amigos dos defuntos. O século XIX inglês, por exemplo, foi marcado por uma forte discussão que teve como elemento central o cemitério e culminou com o «Anatomy Act» (Acto da Anatomia) de 1832. A par de outras coisas, este acto limita o acesso aos cadáveres, muitas vezes exumados e roubados directamente dos cemitérios por "grave snatchers" (ladrões de túmulos) e vendidos às universidades e hospitais para, aí, serem autopsiados e examinados com intuito científico e pedagógico. Contudo, esta prática não era legislada, afetando desproporcionalmente as camadas mais pobres da sociedade, que não tinham meios para proteger as campas dos seus familiares. Esta protecção, que se fazia ao colocar uma grade no topo da campa, inspirou várias histórias sobre monstros imortais que deixavam as suas sepulturas durante a noite, impedidos de o fazer pelas grades. É também no cemitério que a expressão "saved by the bell" (salvo pelo sino) tem origem, já que, após a constatação de que

exclusão durante a crise do HIV-SIDA nos anos 80 do século passado.

12 É o caso do Aarhus Vestre Kirkegaard, em Aarhus, Dinamarca.

13 Turismo macabro, caracterizado por visitas de grupo ou individuais a sítios onde grandes catástrofes naturais ou provocadas pelo Homem aconteceram, ou a sítios infames pela sua relação próxima com a morte, como é o caso dos cemitérios, mas também locais onde foram cometidos homicídios, entre outras coisas. Contudo, pode ser problemático utilizar esta expressão, no sentido em que alguns locais que rapidamente seriam incluídos nesta categoria, como, por exemplo, os campos de extermínio Nazi, não são passíveis de ser reduzidos à curiosidade mórbida.

haveria um número relativamente elevado de pessoas que eram, inadvertidamente, enterradas vivas, se começaram a instalar pequenos sinos, ligados à pessoa por um cordel, que ficavam por cima das campas.

Em Portugal, num caso bastante recente, os cemitérios voltaram a ser um lugar de contestação e de criação de significados. A Câmara Municipal de Gondomar prepara-se para recorrer da sentença do Tribunal da Relação, que ordena a exumação de mais de mil pessoas, em consequência de uma acção sobre a propriedade dos terrenos em que o cemitério está implantado (Lusa 2023).

O tema da morte, os seus rituais e os seus lugares, particularmente os cemitérios, continuam a ser um tema de intenso debate e escrutínio académico. Tanto pela via das ciências forenses e médicas, como pela via das ciências sociais, das humanidades e das artes, estes serão temas que continuarão a prender o imaginário das sociedades vindouras. A atracção, por vezes compulsiva, pelos meandros da morte pode oferecer uma miríade de possibilidades – sobre as quais esta brevíssima introdução pretendeu falar – nem sempre mórbidas, nem sempre felizes, mas sempre reveladoras.

---

## BIBLIOGRAFIA


ARIÈS, Philippe. 1977. *História da Morte no Ocidente. Da Idade Média aos Nossos Dias*, traduzido por Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro, Brasil: Saraiva de Bolso.

—. 1975. "Les grandes étapes et le sens de l'évolution de nos attitudes devant la mort." *Archives de sciences sociales des religions* 39: 7-15. www.jstor.org/ stable/30128364.

—. 1967. "La mort inversée. Le changement des attitudes devant la mort dans les sociétés occidentales." *European Journal of Sociology*, 8 (2): 169-195. https://doi.org/10.1017/S0003975600001508.

BARRETT, Gary W., e Terry L. Barrett. 2001. "Cemeteries as Repositories of Natural and Cultural Diversity." *Conservation Biology*, 15 (6): 1820-1824. http://www.jstor.org/stable/3061286.

BILLOCK, Jennifer. 2018. "From Yoga to Movie Nights: How Cemeteries Are Trying to Attract the Living." *Smithsonian Magazine*, 22 de Março de 2018. www.smithsonianmag.com/travel/yoga-movie-nights-cemeteries-attract-living-180968478/.

CONNOLLY, Tristanne, ed. 2011. *Spectacular Death. Interdisciplinary Perspectives on Mortality and (Un)representability*. Bristol, Inglaterra: Intellect.

CORR, Charles A. 2014. "The Death System According to Robert Kastenbaum." *OMEGA*, 70(1): 13–25. https://doi.org/10.2190/OM.70.1.c.

DAVIES, Douglas J. 2005. *A Brief History of Death*. Oxford, Inglaterra: Blackwell.

FEIJÓ, Rui, Herminio Martins, e João de Pina-Cabral, eds. 1983. *Death in Portugal. Studies in Portuguese Anthropology and Modern History*. Oxford, Inglaterra: Jaso.





FERREIRA, Rafaela Ferraz, Ana Júlia Almeida Miranda e Francisco Queiroz. 2022. *Death and Funeral Practices in Portugal*. Nova Iorque, Estados Unidos da América: Routledge.

FOSTER, Greg. 2011. *Gender, Race, and Mourning in American Modernism*. Cambridge, Inglaterra: Cambridge University Press.

FRANCAVIGLIA, Richard V. 1971. "The Cemetery as an Evolving Cultural Landscape." *Annals of the Association of American Geographers*, 61 (3): 501-509. https://www.jstor.org/stable/2569228.

GORER, Geoffrey. 1955. "The Pornography of Death." *Death, Grief, and Mourning*, editado por Geoffrey Gorer, 192-199. Nova Iorque, Estados Unidos da América: Doubleday.

HARITAWORN, Jin, Adi Kuntsman e Silvia Posocco, eds. 2014. *Queer Necropolitics*. Nova Iorque, Estados Unidos da América: Routledge.

JACOBSEN, Michael Hviid. 2016. "'Spectacular Death' - Proposing a New Fifth Phase to Philippe Ariès's Admirable History of Death." *Humanities* 5 (2):1–20. https://doi.org/10.3390/h5020019.

JUPP, Peter C. e Glennys Howarth, eds. 1997. *The Changing Face of Death: Historical Accounts of Death and Disposal*. Londres, Inglaterra: Palgrave Macmillan.

KASTENBAUM, Robert. 1977. *Death, Society, and Human Experience*. Nova Iorque, Estados Unidos da América: Routledge.

——. 1972. *The Psychology of Death*. Nova Iorque, Estados Unidos da América: The Springer Publishing Company.

——. 2002. *Macmillan Encyclopedia of Death and Dying*. Nova Iorque, Estados Unidos da América: Macmillan Reference USA.

KELLEHEAR, Allan. 2007. *A Social History of Dying*. Cambridge, Inglaterra: Cambridge University Press.

KRISTEVA, Julia. 1982. *Powers of Horror: An Essay on Abjection*. Nova Iorque, Estados Unidos da América: Columbia University Press.

LUSA. 2023. "Autarca de Gondomar 'chocado' com sentença que obriga a desenterrar mais de mil mortos." *TSF*, 7 de Julho de 2023. www.tsf.pt/portugal/sociedade/autarca-de-gondomar-chocado-com-sentenca-que-obriga-a-desenterrar-mais-de-mil-mortos-16653545.html.

LUSHETICH, Natasha. 2018. *The Aesthetics of Necropolitics*. Londres, Inglaterra: Rowman & Littlefield.

MARSHALL, Tim. 1995. *Murdering to Dissect. Grave-robbing,* Frankenstein *and the Anatomy Literature*. Manchester, Inglaterra: Manchester University Press.

MBEMBE, Achille. 2003. "Necropolitics." *Public Culture*, 15(1): 11-40. https://doi.org/10.1215/08992363-15-1-11.

MENDES, Rita Canas. 2018. *Viver da Morte. A Indústria Funerária em Portugal*. Lisboa, Portugal: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

MILLER, DeMond Shondell, e Jason David Rivera. 2006. "Hallowed Ground, Place, and

Culture. The Cemetery and the Creation of Place." *Space and Culture*, 9 (4): 334-350. https://doi.org/10.1177/1206331206292450.

MIONEL, Viorel. 2020. "(Not So) Dark Tourism: The Merry Cemetery in Săpânţa (Romania) – An Expression of Folk Culture." *Tourism Management Perspectives*, 34: 1-12. https://doi.org/10.1016/j.tmp.2020.100656.

MÓNICA, Maria Filomena. 2011. *A Morte*. Lisboa, Portugal: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

NOYS, Benjamin. 2005. *The Culture of Death*. Oxford, Inglaterra: Berg.

NUNES, Lucília. 2020. *E Se Eu Não Puder Decidir? Saber Escolher no Final da Vida*. Lisboa, Portugal: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

OSSWALD, Walter. 2013. *Sobre a Morte e o Morrer*. Lisboa, Portugal: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

RICHARDSON, Ruth. 2000. *Death, Dissection and the Destitute*. Chicago, Estados Unidos da América: University of Chicago Press.

SILVERMAN, Gila S., Aurélien Baroiller e Susan R. Hemer. 2021. "Culture and Grief: Ethnographic Perspectives on Ritual, Relationships and Remembering." *Death Studies*, 45 (1): 1-8. https://doi.org/10.1080/07481187.2020.1851885.

SMITH, D. Vance. 2020. *Arts of Dying - Literature and Finitude in Medieval England*. Chicago, Estados Unidos da América: Chicago University Press.

STONE, Philip, e Richard Sharpley. 2008. "Consuming Dark Tourism: A Thanatological Perspective." *Annals of Tourism Research*, 35 (2): 574-595. https://doi.org/10.1016/j.annals.2008.02.003.

TERCIER, John. 2013. "The Pornography of Death." In *Pornographic Art and the Aesthetics of Pornography*, editado por Hans Maes, 221-235. Londres, Inglaterra: Plagrave Macmillan.

WALTER, Tony. 1994. *The Revival of Death*. Londres, Inglaterra: Routledge.

## RECURSOS ADICIONAIS RECOMENDADOS PELA AUTORA

Canal de *Youtube* de Caitlin Doughty, escritora e agente funerária, intitulado «Ask a Mortician», disponível em: http://www.youtube.com/@AskAMortician.

NEAL, Carthew, Mark McNeil e David Farrier, dirs. 2018. *Dark Tourist*. Netflix.

Podcast do colectivo "Order of the Good Death", intitulado *Death in the Afternoon*, disponível gratuitamente na plataforma *Spotify*, bem como o seu *website* disponível em: https://www.orderofthegooddeath.com/.

*Website* "The Natural Death Centre: Independent Funeral Advice", criado pela The Natural Death Society, no Reino Unido, disponível em: http://www.naturaldeath.org.uk/.

© Beatriz Clara 2023. Cemitério dos Prazeres.

# A MORTALHAZINHA (DAS TOTENHEMDCHEN)

Jakob e Wilhelm Grimm

TRADUÇÃO DE CLAUDIA J. FISCHER E VERA SAN PAYO DE LEMOS

Uma mãe tinha um rapazinho de sete anos, tão bonito e tão amoroso que ninguém conseguia deixar de olhar para ele sem lhe querer bem, e ela também o amava mais do que tudo no mundo.

Um dia, de repente, ele adoeceu e Deus Nosso Senhor levou-o para junto de si. A mãe não se consolava e passava os dias e as noites a chorar.

Mas, pouco tempo depois de ter sido enterrado, o menino começou a aparecer à noite nos lugares onde costumava sentar-se a brincar quando ainda era vivo; se a mãe chorava, ele também chorava e, ao amanhecer, desaparecia.

Como não havia nada que fizesse a mãe parar de chorar, uma noite, o menino apareceu vestido com a mortalhazinha branca que levava no caixão. Com a grinaldazinha na cabeça, sentou-se na cama aos seus pés e disse: «Oh, mãe, pára de chorar, senão eu não consigo adormecer no meu caixão. A minha mortalhazinha não vai secar com as tuas lágrimas todas a cair sobre ela». Ao ouvir isto, a mãe ficou assustada e não chorou mais.

Illustração de Otto Ubbelohde, 1909.

Na noite seguinte, o menino voltou a aparecer. Vinha com uma candeiazinha na mão e disse: «Vês, a minha camisinha já está quase seca, e agora tenho descanso na minha campa». Então, a mãe entregou a sua dor a Deus Nosso Senhor, suportando-a em silêncio e com paciência, e o menino não voltou a aparecer, ficando a dormir na sua caminha debaixo da terra.

© Beatriz Clara 2023. Cemitério dos Prazeres.

# VIGÍLIA

AMANDA JANSSON BREITSAMETER

Eles chegam quando a luz se vai.
Cantam e dançam sobre a terra fria.
Vagueiam entre as lápides,
contemplam sobras e sombras.

Nós, silenciosos e atentos,
aqui abaixo,
os esperamos.

# O JARDIM DE PEDRA

A. M. CATARINO

O homem flutuava em direção ao jardim. As aves nas árvores emudeceram à sua passagem, talvez a admirar a canção triste que trazia na bagagem. Esgueirou-se pelo lado do portão ancorado na fossilizada ferrugem do gonzo superior. Qual convidado indesejado, desceu um degrau de húmus e regou o jardim com o segredo do seu olhar. Por entre o descuidado matagal, vislumbrava esculpidas flores com líquenes e fungos incrustados na textura do granito – haverá algo mais sublime do que uma flor de pedra? A fragilidade da vida cristalizada na ponta de um cinzel?

O visitante passeou-se entre as flores que nunca murcham. Sorriu ao recordar as palavras do padre que em criança lhe ensinara a heráldica das flores de pedra. Séculos haviam passado desde a última vez que ali estivera.

Passou os dedos pelas papoilas cinzentas, eufemismo de um sono eterno, deitadas num campo do qual nenhum soldado se voltará a levantar (as flores de pedra não têm cor, imitam a cinza de um lume nómada, alvorando-se do mistério de um irrevogável silêncio).

O intruso deteve-se diante dos amores-perfeitos, memória de alegres amores na corola de dias passados; imprevistos vizinhos dos malmequeres que contam histórias da melancolia da perda do amor. Tivera um pouco dos dois no único romance da sua vida: amor-perfeito de princípio e malmequer no final. No final, restara apenas a noite a ser escuridão, perdida que estava a sua amada (certas saudades são piores do que a morte).

O desconhecido prosseguiu o passeio, como se cheirasse o perfume das flores de pedra na ausência de um tempo para além do tempo perpétuas e saudades, solitárias ou entrelaçadas, em elaborados arranjos de pedra, a querer significar isso mesmo: perpétua saudade; margaridas a alvorarem-se de uma inocência que apenas outros tempos poderiam asseverar; miosótis, também conhecido por não-me-esqueças, a cravar a dor da separação em cada impossível passo; narcisos a renascer, em cada golpe do escopro, amor divino a suplantar a egoísta vaidade; o jarro a evocar a memória das suas modestas origens, pois crescia junto aos ribeiros, acessível a todas as mãos, ao mesmo tempo que simbolizava o casamento pela luxúria da intimidade nas suas formas; acantos a florescer na superfície pedregosa, simbolizando vida eterna



e superação da dor e pecado nos seus espinhos; mais felizes do que a rosa, visceral insígnia de amor e martírio; o jasmim a perfumar jazigos de uma esperança divina...

Qual a melhor estação para estar morto?

Que melhor flor de pedra para adornar uma lapela de mármore?

Violeta, flor de março, a anunciar a primavera, numa lágrima de renascimento?

Crisântemo, flor de novembro, a triunfar sobre o inverno, em promessa de uma segunda vida?

Sem imaginar uma resposta, o homem colocou as mãos atrás das costas e continuou o seu périplo. Só sabia uma coisa: se os ossos se esfarelam em pó, as flores de pedra espreitam ainda do matagal que cobre os cemitérios de igrejas abandonadas, como acontecia ali.

Mas não se esgotava assim a variedade do jardim de pedra.

Havia ainda muito que o homem não inundara com o olhar.

Observou as heras de pedra em competição com as suas irmãs vegetais, a cobrir tudo o que tocam – a irmã gémea de ruínas e do abandono, um vislumbre de eternidade em cada ramo cortado que volta a rebentar.

Seguiu a fronteira de ciprestes, a derrubar o muro do jardim, infinita muralha devorada pelo tempo, com os seus dedos crepusculares envolvidos em anéis de luto.

Açucenas, a aludir à pureza e castidade dos alvos ossos que lhe servem de alicerces. Estas açucenas de pedra herdaram o papel das flores reais, usadas originalmente para disfarçar o cheiro dos mortos, juntamente com ramos de cipreste.

Não fora esse o princípio deste lugar?

Os ramos de ciprestes e açucenas a camuflar o lúgubre odor da morte?

É o sonho de qualquer emigrante ser enterrado no mesmo solo que o viu nascer. Mas o que dizer de um féretro que não chegou ao destino? O que dizer de um barco-caixão naufragado em desconhecida longitude?

O morto deixou tombar os ombros: deveria ser esta a sua última morada, não o fundo de um oceano sem nome, água dentro e fora do corpo, prisioneiro de uma saliva de abismo, banquete de peixes, com algas a enrolar-se nos ossos e salmoura a temperar-lhe a eternidade. O mar grita liberdade através do gorgolejo dos afogados. E ele que não passava de uma esmola que a vida dera ao destino, imprevista escala de solidão no envelhecimento do mundo.

Caminhara tanto para nada.

Esmagado pelo peso da angústia, o morto desabou sobre os joelhos, aos pés da estátua de um anjo. Sentia-se cada vez mais longe do céu; aos pés cresciam-lhe raízes na terra.

Como haveria então de ganhar as suas asas?

© Beatriz Clara 2023. Cemitério dos Prazeres.

# A FÁBRICA

ANALITA SANTOS

Um novo dia. Reduzo a velocidade para uns míseros vinte quilómetros por hora ao aproximar-me, na curva do destino, do malfadado edifício branco com paredes gastas. A vida não para mesmo quando abrandamos.

O carro atrás reclama. *Sou cumpridora, sempre fui, desiste de buzinar*. Desacelero ainda mais. Abro o vidro e olho por cima do ombro esquerdo. Nem tinha reparado antes. Malmequeres rebeldes no canteiro improvisado à entrada. Sinto o aroma das flores misturado com o fedor a esgoto que me bate abafado no rosto. O telhado de madeira está carcomido. Será que é pela angústia do que se vive lá dentro? Curioso o que conseguimos ver quando realmente olhamos.

Desacelero ainda mais (e o carro nervoso ultrapassa-me). Estaciono no parque de terra batida. Primeiro, verifico se o portão de ferro está realmente fechado ou apenas encostado. Segundo, reflito na incerteza de uma decisão. *Talvez hoje?* Não.

Vivo em desacerto com os relógios. Em certos dias, parece que madrugam. Antes das nove horas, quando levo os netos à escola, o portão grisalho está já escancarado. Noutras ocasiões, parece que não há uma alma sequer lá dentro. Cinco da tarde ainda é cedo para encerrar o expediente, correto?

Há um ano que faço este percurso. Não apenas uma vez, mas quatro vezes por dia. Sinto o apelo, mas não paro. Apetece-me, mas não quero. Como apresentarei o caso? Como farei o pedido? Recordo-me das palavras da Rosa Montero: «Estar louco, é sobretudo, estar só». Mas eu não estou louca.

Desde que a morte começou a rondar a porta, surgiu em mim esta angústia misturada com desejo. Chamem-na de inconveniência insana, uma aberração. Pouco me importa. Para mim, é pura curiosidade. C-u-r-i-o-s-i-d-a-d-e.

Gosto de me precaver, antecipar cenários, ter o controlo, apesar da perfeita certeza que a idade nos traz: não tenho controlo algum. Sobre nada. Num instante, tudo muda. Que o diga o amigo Francisco; com cinquenta e sete anos, deitou-se indisposto, *deve ter sido algo que comi, não te preocupes, Carla, volta a adormecer, vou à casa de banho ver se vomito*, e lá ficou. Ainda teve tempo de sentir o frio do chão antes de a baba lhe irromper do canto da boca, as pernas a agitar o ar, a cabeça como um badalo vigoroso a bater na porta, uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete vezes, num ritmo



animalesco, primitivo, que despertou a mulher. Tarde demais.

Nem sempre fui assim, com esta vontade de encarar as ondas. Noutros tempos, fugi, aldrabei o destino. Não é a idade que nos verga ou mata. Que o diga a amiga Margarida, que não chegou ao meio século porque *as vozes* ordenaram que descobrisse se a gravidade também funciona quando somos a Mulher Maravilha que todos julgam. Funciona. Escutei o embate na calçada.

Hoje é o dia. Oh, dia de coragem. Reduzirei a velocidade. Abrandarei até parar, não importa que buzinem. Estacionarei. Convicta, vou cheirar o malmequer; o fétido do esgoto passará despercebido. O portão de ferro, encostado. Sorte. Com um ligeiro empurrão, entro. Ainda tenho o aroma do malmequer na mente. Olho para cima: o telhado de madeira aguenta o peso, está em bom estado. A negligência é apenas exterior, contrassenso neste mundo, onde parece que só o brilho externo seduz.

Observo os caixões empilhados até ao teto. À frente, atrás, à direita, à esquerda, em cima, em baixo. São Miguel. São Miguel. Tons de barro, tons de lama, tons de morte. Em Londres, há uma funerária que vende caixões com *designs* simétricos, cores variadas, alguns desenhados à mão, outros ecológicos e biodegradáveis. Também há a opção de personalizar: «Descansa em paz, Filipa». Parece-me bem. Talvez cravasse um poema, talvez de Florbela Espanca, pois o meu fado será como o dela. Mas, nesta fábrica de caixões, não. Não há surpresas assim. Há dor. Sofrimento. No canto, um caixão de meio corpo, um corpo demasiado pequeno, de alguém que não teve tempo de crescer, dilacera-me o coração. Triste será a mãe, o pai que o comprar. Avanço, periclitante.

– Olá! Está aí alguém?

Apenas silêncio. Escuto a pele a arrepiar-se. Melhor assim. A morte não pede licença. Ali está ele, de boca aberta, língua acetinada, comprido, elegante e estreito, à minha espera.

# TUBERCULOSE[1]

ANDREIA ESTEVES

– Olá, Albert. Olá, Vincent. Olá, Helen.

Da janela do quarto, Emily vê-os a todos. Acordam ao crepúsculo e começam a deambular pelo relvado. Há um atrevido, o Rupert, que se diverte atravessando a parede da Igreja de um lado para o outro. «Olhem para mim!», grita animado, como se fizesse esta brincadeira pela primeira vez. Rupert morreu jovem, claro; Emily só não sabia precisar com que idade. O certo é que conserva muita energia para um espírito.

Hoje, a mãe já está sentada e espera a filha para o chá.

– Olá, mãe – cumprimenta Emily, sentando-se a seu lado.

– Oh, minha querida. Onde estão as tuas irmãs? – *Lá dentro, claro*.

– Não sei – responde a filha.

– E o teu irmão?

*Juntar-se-á a ti em breve*. Emily não atormenta a mãe com este pensamento. Sofrer em espírito é diferente. Afinal, quando sofremos em vida, temos um corpo no qual alojar as nossas dores. Podemos escolher o coração, a cabeça ou, até, transformar essa dor em tiques nervosos ou personalidades soturnas. No entanto, quando a carne nos deixa, a mágoa paira sem lugar. Não fica quieta, nem sequer debaixo da terra.

Como não há espaço para alojar novos sofrimentos no espírito da mãe, as duas entretêm-se a recordar dores antigas, a falar do passado de uma que fascina a outra. Quando acabam o chá, Emily encarrega-se de limpar o bule de névoa com um sopro e volta para dentro.

– Em, olha para o teu vestido. Por onde andaste?

– Desculpe o atraso, senhor. Fui ver a mãe.

Ela puxa a cadeira mais para a frente e começa a comer a sopa. O pai não poderá censurá-la por visitar uma campa. As irmãs não lhe dirigem a palavra durante o jantar, mas mais tarde, quando Emily vai para o quarto, fazem-lhe perguntas.

– Consegues realmente vê-los? Isso parece-me tão tolo e infantil, para não dizer perigoso.

– Imagina caíres e ninguém te ouvir? Oh, é terrível.

1 Este texto é escrito ao abrigo do Acordo Ortográfico de 1945.



– Tens de prometer que não voltas mais lá, Em. Prometes?

Ela promete, mas volta sempre, claro. O som dos teixos a baloiçar ao vento é o seu convite de regresso.

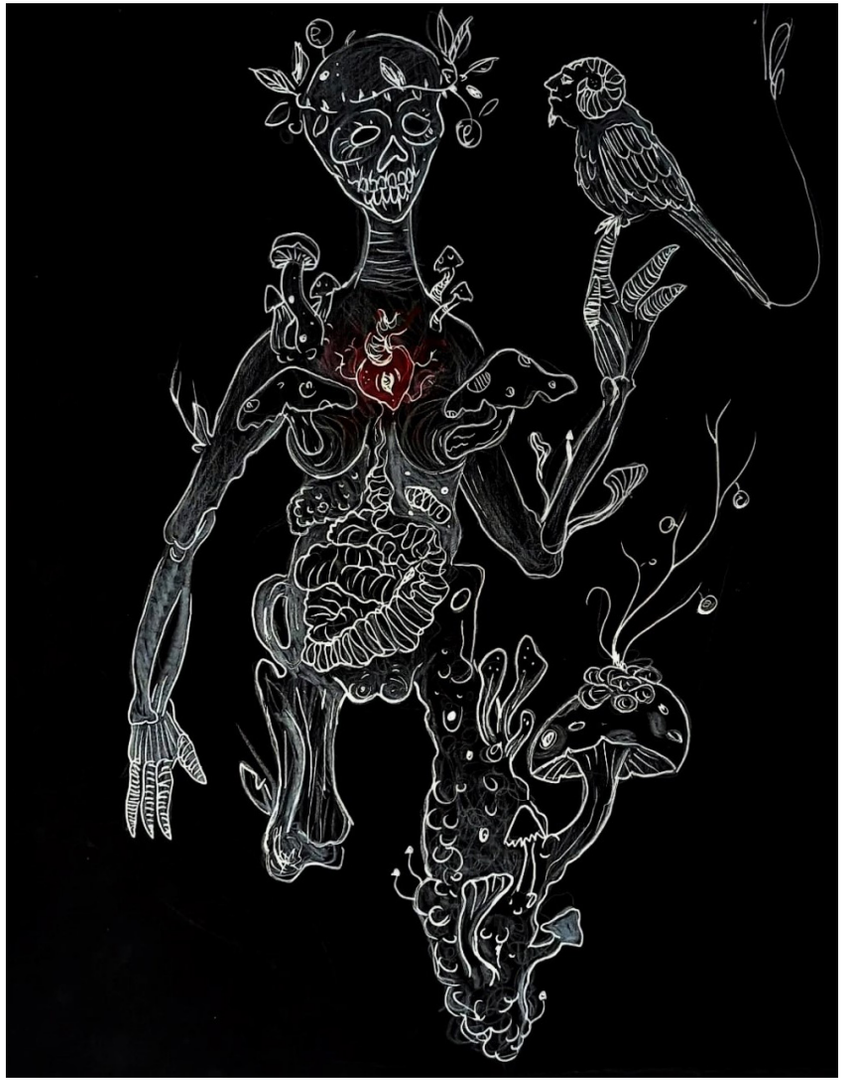
– Olá, Albert. Olá, Vincent. Olá, Helen.

Da janela do quarto, Emily vê-os a todos. Quando as irmãs já dormem, levanta-se da cama para acender uma vela. Lembra-se das histórias que a mãe lhe contou nesse dia, ao crepúsculo; e começa a escrever.

© Beatriz Clara 2023. Cemitério dos Prazeres.

# MEMENTO MORI

ANDREIA PINHO



Série *Memento Mori*, #3, 2022, A4, lápis de cor, cartolina preta.

Série *Memento Mori*, #5, 2022, A4, tinta da china.

Memento Mori é uma série de desenhos em aberto iniciada em 2022. A artista usa diversos tipos de papeis e materiais, tais como tinta da china, aguarela, grafito, cartolina, entre outros. A figura do esqueleto é utilizada para despir o sujeito retratado de qualquer característica física, visto que estamos todos sujeito à condição humana, independentemente do nosso credo, país, etnia e era. Nesta série são retratados, por vezes, momentos do dia a dia, outras vezes apenas um corpo em decomposição, onde são visíveis diversos elementos que rementem para a continuação do ciclo da vida. Tal como o título indica, é uma reflexão sobre a fragilidade efemeridade da vida, mas também da dualidade e beleza da natureza e do seu ciclo, onde diversos organismos prosperam.

Os conceitos de 'vanitas' e 'grotesco' são muito explorados no trabalho da artista, através de diversos meios, tais como a recolha, o colecionismo, a assemblagem, desenho e, recentemente, a cerâmica. Para esta peça, a artista inspirou-se na descoberta arqueológica da caveira de uma criança grega (300 a 400 a.c.), cuidadosamente ornamentada por uma coroa de flores em cerâmica. A imagem da caveira suscitou fascínio pelo seu aspecto, mas também por levantar diversas questões interessantes: a durabilidade e versatilidade da cerâmica; a relação e dualidade entre o belo, a inocência, o grotesco e a decomposição; as flores como símbolo de beleza e de efemeridade (ironicamente, neste caso, são os únicos elementos intactos) e o inevitável. A artista reinterpretou essa imagem, adicionando novos elementos, como os cogumelos, que rementem para o ciclo/continuidade da vida. Esta obra é feita com diferentes argilas naturais, apanhadas e processadas pela artista, que usou ainda vidrados em determinadas zonas para tirar partido das reações entre as pastas e vidrados.

*Memento Mori*, 2023, 12x14x13,5cm, argilas naturais (wildclay), vidrados. (CERÂMICA).

© Beatriz Clara 2023. Cemitério dos Prazeres.

# ECOLOGIA DO SANGUE

BÁRBARA DE VALLERA

"Listen to them: the children of the night. What sweet music they make."
Bram Stoker's *Dracula*, Francis Ford Coppola

Só os amantes sobrevivem.
São imensamente antigos
Detêm uma sabedoria ancestral
Que lhes incute cautela.
São inimigos do veloz impulso
Embora sejam mais rápidos do que a luz.
Viajam de noite, contra o sol que queima
Quem dele se aproxima.
Tom "Adam" Hiddleston
Tilda "Eve" Swinton
São Adão e Eva
Eternos amantes lânguidos
De locais proscritos
Não do Génesis
Mas do Apocalipse/*Book of Revelation*.
*Protégées* de John "Christopher Marlow" Hurt.
Afinal sempre acabou por morrer numa taberna,
Onde serviam maus vinhos aos dramaturgos sanguinários
Espancados por mordidelas a rapazes.
Detroit, cidade consagrada da vanguarda do automóvel
Esplendor da Motown e das suas glórias,
Hospedaste Adam/Pã numa casa e rua desertas
Com amplificadores, guitarras e tapetes persas.
Detroit, cidade-fantasma depois da indústria ruir
Com parques de estacionamento



Belos nos planos de enquadramento
E rios verdes tóxicos
Que contrastam com o vermelho do sangue
Envenenado como
Detroit e seus detritos
Esqueletos de carros
Outrora fundidos
Agora esculpidos
Com materiais fora de prazo
Efeito *Crash*.
Noutras paragens idem entorpecentes
Yasmine Hamdan canta em árabe
Incorporando calças de couro com palavras do éter.
Anestesiada, não sei quando o filme acaba.

# DESCANSO

CÁTIA MARQUES

Ping, Ping, Ping,
Abro os portões que te guardam,
Fecho-os sem fazer barulho,
Procuro o número designado,
Onde estás desde 7 de Julho.

Vigilante, ao fundo, numa árvore,
Qual Pallas perdida no tempo,
Uma coruja pia, criando a fantasmagoria,
Que espelha o meu desalento.

Chego por fim à tua morada,
A última que te deram, meu amor,
Após tudo nos terem roubado,
(Sangue, Luz e o Pecado)
Onde poderei descansar.

Ping, Ping, Ping
Sangue ainda corre de mim,
Dando de beber à Terra que te guarda,
Terra que te come e que te abraça,
Decompondo cada pedaço de ti.

Eles não nos queriam juntos,
Tu foste antes de mim,
Mas mesmo assim...
Mesmo assim consegui seguir-te.

Hades tende piedade de nós!
Tenho quatro moedas para o barqueiro,
Uma romã para sua senhora e um osso
para o fiel companheiro,
Dá-nos a paz que não tivemos aqui.

Ping, Ping,...
Silêncio
Vem a irmã Morte buscar-me pela mão,
Tem na outra mão a chama de união,
Pois juntos agora estamos.

© Beatriz Clara 2023. Cemitério dos Prazeres.

# SACRIFÍCIOS OCULTOS

CLÁUDIA PASSARINHO

O primeiro homem pisou as pedras soltas; mordiam-lhe as solas dos pés. Há um mês, tinha feito o mesmo percurso. Voltava a ziguezaguear o caminho da montanha, enrolando-se nela como uma jiboia grosseira. Trazia-lhe um presente, mais um sacrifício. Ela só teria de ser paciente.

A chuva começou a molhar-lhe o saco de pele de búfalo que trazia atado às costas. O outro, que seguia atrás, caminhava nas mesmas condições e pisava as mesmas pedras.

O peso do machado, nos coldres, dava ritmo aos caminhantes. Por momentos, enquanto o cabo lhes batia na coxa, eles pausavam os pensamentos. Quantos dos seus antepassados teriam feito o mesmo percurso? Com um único objetivo, os avós dos seus avós, implementaram procedimentos, técnicas, utilizaram instrumentos, objetos que passaram de mão em mão. Os dois sacos de pele de búfalo não transportavam um corpo, transportavam uma parte de um universo que contribuía para a ordenação social. Um pedaço que ampliaria o ecossistema, fortalecendo-o cem ou mil vezes, se a oferenda fosse digna.

Começou a relampejar. Perfeito. A natureza preparava-se para o ritual. Os irmãos sentiam-se tão preparados quanto ela.

Finalmente, chegaram ao topo. O fedor fê-los engolir saliva e permaneceram imóveis até as narinas se familiarizarem com outros restos que já sarapintavam o cume. Trabalharam em conjunto e munidos de pedras soltas, delimitaram novas e pequenas sepulturas. Concluíram as circunferências sem tristeza. Jovens ressequidos, devorados pelo ritual.

*Anda, está na hora*, lançou um.

Desataram os laços de sisal e abriram os sacos, sacudindo-os como se libertassem teimosas migalhas de pão. Caíram as duas partes; uma de cada saco. Eles vidraram-se no brilho do vermelho e na pele fina, despida de roupas e de vida. Cada um tinha transportado uma metade de corpo. Duas partes que seria impossível tornarem-se simétricas. Com ferocidade, deceparam os dois braços, as pernas e separaram a barriga do peito. O pé direito e depois o esquerdo. Por fim, a cabeça, perdida aos pés do homem. Por pouco, não lhe deu um pontapé, mas a natureza não gostaria: não se brinca com os mortos. O chumbo do céu adivinhava chuva.

A paisagem não parecia agressiva, pelo contrário – no topo da montanha reinava o silêncio e a tranquilidade da morte. O mutismo antes da tempestade. O vento suave, o verde incandescente, a águia a planar sobre a existência. Um *tic-tac-tic-tac* que ninguém ouvia, mas todos respeitavam.

O sol começava a cair e o morto, em partes, rodeado pelas pedras, aguardava rendição. Seria a frescura crepuscular, crepúsculo atrás de crepúsculo, o penetrante cheiro a zimbro-da-montanha, os eflúvios das pedras que iriam cuidar dele e proporcionar-lhe uma última viagem à deriva, desprotegido até se fundir com a natureza.

Mas os irmãos estavam a mais. A montanha tremeu. Abriu-se. Dividiu-se em dois, antes de cuspir uns quantos ossos, numa indigestão aparelhada com os restantes elementos. Com as nuvens soltas, o farfalhar alegre, os trovões sinfónicos. Depois, engoliu-os; cansou-se de rejuvenescer com os mortos. Tinha despertado a pensar nos vivos.

© Beatriz Clara 2023. Cemitério dos Prazeres.

# WHITE ROSES, WHITE SILK

DÁLIA RODRIGUES

White roses
Grey marble
It could be grass but it's gravel

Parallel
One way out
One way in

Symmetry
A walk through the cemetery
I cast a rose upon your grave

Your body inside a coffin
softly brushing the white silk sheets
such a lightweight on the structure of the atmosphere, dear

Your skin embellished
polished velvet touch

You lie so peaceful
quiet
like nothing could ever hurt you
like the world never had anything on you
no worries
or sorrows
no hell could ever reach you

Death suits you well, my darling

# PSICOPOMPOS

FOTOGRAFIA DE GISELA MONTEIRO E TEXTO DE DAVID SOARES

*Psicopompos*, 2019. Cemitério dos Prazeres, Lisboa.



A alma é o que corpo disser.

Haliêutico pronunciado à existência por irregulares frémitos da mente; às vezes pássaros, por vezes flores ou borboletas são os seus tradicionais psicopompos.

Imprimindo canção e fragrância no divino tecido da Luz, estes sofronautas possuem um acelerado metabolismo: esperança convertida em vapor que mancha as pontas dos dedos como nódoas de tabaco — chilreando por sementes de Ressurreição. Integridade e sacrifício: o Uno e o Fragmentado, respectivamente, ambos sagrados. Bebem sumo de estrelas, sem o qual nenhum elemento químico poderia existir para além do hélio — Hélio ou O Sol é magnético para flores e pássaros e Homens que pensam ser pássaros e flores.

Pulmões oxigenam sangue. Cérebro oxigena Alma. Aetérea e translúcida, ela é toda oxigénio: atmosférica e corrosiva, criatura do Plano Astral onde habitam pássaros e cujo desenho se materializa na forma das flores.

A Carne é Alma a dormir. Uma escória de oleiros, galvanizada. Quando duas carnes se unem para produzir uma terceira, as suas almas sacrificam-se para criar outra: vinho velho em odre novo, etiquetado na concepção com hieróglifos que soam a conto de fadas ou a Bíblia. Existem epitáfios que se reproduzem ejaculando esporos de ouro em pó, de Sol em pó; nuvens que flores e pássaros apanham nas pétalas e penas e transportam ao empíreo.

Observando através do fosco vidro da Existência, uma silhuetagem de jazigos articula-se sempre em segundo plano: ciclose cineral animada à laia de taumatropo, não por movimentos Phi e Beta, mas por movimentos Alfa e Ómega — um Vivo e um Jazigo girando em faces diferentes para darem a ilusão de que se sobrepõem. Um dia. Um dia sobrepor-se-ão. Num dia cheio de flores e pássaros.

# ISOTROPIAS DE PUTREFACÇÃO

FOTOGRAFIA DE GISELA MONTEIRO E TEXTO DE DAVID SOARES

*Isotropias de Putrefacção*, 2020. Old Jewish Cemetery, Prague.



Morte é um território que os seus habitantes desconhecem. No exterior, o Medo da Morte tornou-se um óleo que unta mecanismos de desespero, mas esse olente afago não é sentido pelos mortos, que, como fetos incapazes de cheirar o âmnio que os envolve, se desfastiam dessas fantasias coriânicas, desses carnavais fugitirreparabiletempusanos.

O múnus da Morte é metalúrgico na sua simplicidade mineral. O cemitério nunca é construído: como musgo precipita-se da atmosfera e cresce em adequadas e sombrias superfícies, reproduzindo naturalmente artifícios que arquitectos empregam para tornar maiores os espaços exíguos — como espelhos dispostos em volta de frisos é como se iteram os túmulos, estribilhando uma isotropia simultaneamente épica e ctónica; que nem espuma de cadaverina entre os lábios: cada bolha um universo idêntico àquele da qual procedeu.

Existem janelas vazias em quartos sem ninguém, mas um túmulo é uma cela monástica: silenciosa, mas ocupada, em que repercutem litanias tangidas na linguagem secreta da Natureza — ali a corrosão do sudário, fibras rompidas pela garra da humidade; e ali a metalicidade de um ferrolho que desquicia, esqueletização vulcânica operada por aeróbicos serralheiros. Citrina como bílis, a nebrina amarela que se desvanece da corrupção da carne nesses sacros aposentos cheira a mapa rodoviário e a Outono; as suas partículas, pasto de cronóvoros e cadáveres, dieta de sombras.

Morte é um território que os seus habitantes desconhecem. No interior, os túmulos ficam maiores à medida que minguam os mortos, como vestuário de meia-idade envergado no final da vida. Mas no cemitério, como no átomo, tudo tem início em todo o lado. Fruta putrescida jaz no chão em fofas serpentinas; folhas que parecem unhas são, coerentemente, devoradas pelos onicófagos da terra. Na circunferência da Eternidade descobre-se que tudo é Poema: onde a luz rima, o próprio som resplandece.

© Beatriz Clara 2023. Cemitério dos Prazeres.

# A ÁRVORE INVERTIDA

FOTOGRAFIA DE GISELA MONTEIRO E TEXTO DE DAVID SOARES

*A Árvore Invertida*, 2012. Old Jewish Cemetery, Wroclaw.



O Homem é uma árvore invertida e o Coveiro o seu jardineiro.

Rizomática e nefelibata, da cabeça deslastram os ramos; epopeia plurizigótica, palimpsesto vertical onde todos os dramas estão inscritos, todos os epitáfios estão cinzelados. Em muda, bustrofedónica adoração, o Coveiro escuta o solitário *sequor deteriora* da carne gemebunda, como se os caixões transbordassem de borboletas; um cheiro a café aguado desprende-se da madeira. Alter-ego labial do pus ectoplasmático ejaculado por espiritualistas em dias de chuva — inércia seminal, mercurial.

Entre os túmulos, o Coveiro é aristocrata, aristoloquaz entre a cissóide folhagem das heras, tão fleumática quanto uma assíntota, tão ancestral quanto uma galáxia — domo tabernacular. O Coveiro reconhece essa forma quebrada, arcogotical, e toma-lhe a temperatura, não em graus, mas em anos. O Tempo é um leite que apaga pegadas: glaucófano Léthê, loucura que cheira a refeitório, *pot-pourri* de jardineira e suor, telúricos mistérios apropriados a hederáceos e carpideiras.

O Coveiro é Panóptico, Argusóide — o eixo do qual dimanam todas as dendrites do cemitério; comunicação-fantasma entre apodrecei e adipocere — um trabalho é véspera de outro: promessas quadrilobadas sussurradas às sombras.

Os relâmpagos não descem do Céu, mas saem da Terra. Em simetria, o sepultamento é o virar do avesso da Árvore Humana: da Terra conglomera-se uma erecção de espírito e medula, vegetal na sua longitudinalidade. O túmulo é Apoditério: despidos até aos ossos, ascendemos como seiva atraída por magnúmentismo; como se impulsionados por um êmbolon mitocôndrial. Como se regados pelo Coveiro: regados com excesso de Lenda. De Sonho!

# EXCERTO DE «SOBRE A COR DA MORTE», EM *ICHOROGRAFIA* (1576) DE BINMARDER DA SILBA

FOTOGRAFIA DE GISELA MONTEIRO E TEXTO DE DAVID SOARES

*Excerto de «Sobre a cor da Morte», em* Ichorografia (1576) *de Binmarder da Silba*, 2018. Sankt Nikolai, Berlim.



«A cor da Morte é timpaniforme: pulsação carmesim, longínqua como estrela vermelha, pesa como chumbo dentro do coração. O cheiro dela é constelação — crescei e constelai-vos! Numa amostra de quarenta estrelas, diferentes estelantes retrospectivarão em variegadas arieteméticas.

A cor da Morte é hierófuga: Ela não está aqui, Ela ressuscitou! A cor da Morte é purpúrea como a contubernal mistura de sangue e ichor sob a pele magoada. A cor da Morte é mecânica, calendarial como o coito dos elefantes — plúmbea como cúmulo-nimbo e igualmente usneal.

Só conheço uma maneira de caçar a cor da Morte: faça-se uma ratoeira com um túmulo aberto onde se escondeu substância putrescina; mui asinha virá a cor da Morte — ouvir-se-á o ruidar das asas a esfregarem-se ao adoptar a forma hidrofóbica de uma luz que pesadela. Nessa hora tem de ser golpeada com uma palma, como faz o ferreiro na incude, e quem a fere que ininterruptamente revire os olhos no sentido do vento. Também é assim, sabe quem me contou, que os magarefes aprendem a carniceirar.»

© Beatriz Clara 2023. Cemitério dos Prazeres.

# A HERANÇA

GISELA SILVA

Julião Artur Teixeira morreu na cama do neto, quando este ainda era miúdo. A mãe tinha-lhe explicado que, ali, o avô estaria mais perto da máquina de costura para ela o ajudar, caso fosse necessário.

Sempre fora um homem mau que nem as doenças, um rol delas, amansaram. Tinha passado a vida a bater na mulher e dos filhos pouco ou nada quisera saber. Velho e viúvo, recolhido na casa da filha, continuava hostil à bondade. «Há pessoas assim», justificava-o Clara, tentando convencer-se.

Julião Artur Teixeira, que sabia como impor o terror aos netos, obrigava Manuel, o mais novo, a acompanhá-lo ao cemitério todas as semanas, convencendo a filha de que tudo era feito em proveito de uma redenção necessária. Mal entravam, agradava-lhe o barulho rouco do portão enferrujado e, de olhos esgazeados, avançava, arrastando com ele os dez anos de existência da criança. Então, começavam as histórias, a maioria delas inventadas, sobre as pessoas que tinham morrido. Conversava com elas, rindo-se da sua pouca sorte, enquanto obrigava Manuel a escutar o que ele escutava.

O menino não ouvia nada a não ser o seu coração aterrado, mas Julião Artur Teixeira teimava que sim. Agarrando-o pelo pescoço, obrigava-o a colocar-se em frente às campas, exigindo silêncio e solenidade para o momento. Depois, escarnecia da debilidade de todos, num assento de respeito fingido, e fazia-lhes vénias, dependendo do morto. O riso estridente do avô arrepiava Manuel, que pedia para irem embora. «Tens medo? És mesmo um fracote!», dizia empurrando-o para a frente.

Antes de saírem do cemitério, talhado em forma de foice aos olhos de Julião Artur Teixeira, este obrigava o neto a repetir os nomes que tinham lido nas lápides. A cada nome errado ou apelido trocado, este levantava a bengala em forma de ameaça.

Aquela tarde terá sido marcante para ambos. Manuel tinha levado com ela e doera-lhe ao ponto de ter amaldiçoado aquele homem que lhes tinha tomado a casa e a alegria. «Havias de morrer, velho nojento!». As vergastadas que a mãe lhe dera tinham quebrado a confiança que sempre os unira. Clara apenas tinha ouvido as acusações do pai, não acedendo à verdade do filho, e castigara-o como se castigasse a vida.



Nessa noite, vá-se lá saber porquê, Julião Artur Teixeira recolheu-se dobrado sobre o estômago, mastigando palavras de maldição. No dia seguinte, não se levantou e daí em diante as suas andanças pela casa cessaram até que começaram a ouvir-se os gritos de dor que o prenderiam à cama. No início, os netos, espreitando, perguntavam-lhe se precisava de alguma coisa, mas ele corria-os, fustigando-lhes a boa-vontade com acusações ou insultos de «bandidos, vagabundos, mandriões». Um dia, esses impropérios saíram aos vómitos e Julião Artur Teixeira soube que a praga, rogada pelo neto, o fisgara.

Agora, a cirrose desgraçava-o, fazendo-lhe sair às golfadas pedaços de sangue e de fígado esponjoso e amarelecido. O veredicto do médico da aldeia fora claro: «É o rompimento das varizes esofágicas e o fígado completamente arruinado». A magreza escanzelada, que lhe comprometia os movimentos, avivava os reparos de desagrado feitos à filha e aos netos, e todos, menos Clara, evitavam passar junto ao quarto de onde emanava um cheiro azedo e pútrido.

Então, a tarde chegou, como todas as outras, com a única diferença de Clara não estar em casa por conta de uma encomenda de costura. Chamou pelo neto, uma, duas, três vezes, e o rapazito aproximou-se do quarto. A icterícia, que espalhara o tom amarelo da doença por todo o corpo, e o abdómen inchado tinham transformado o avô num ser patético que causava mais dó do que medo. Manuel chamou o irmão mais velho. «Ele quer que lhe esfreguem a barriga. Diz que lhe dói muito e quer a caixa. Anda comigo!».

De braço estendido, apontando para o guarda-roupa, Julião Artur Teixeira exigiu a caixa onde guardara as flores e os círios roubados do cemitério. Manuel sabia o prazer que o velho tivera em surripiar a saudade dos vivos e trazer para casa as lágrimas dos que zelavam pelos seus. «O que é isto, Manel?», quis saber o irmão. Manuel encolheu os ombros fingindo não perceber, enquanto pousava o volume bafiento sobre a cama. «Esfrega-me a barriga», ouviu-se de novo.

Enquanto Manuel aliviava o abdómen carregado de líquidos e gases do avô, este expirou pousando os olhos na mão do neto. O anjo de cal branca, que Julião Artur Teixeira tinha roubado da campa do pequeno João, levado por um golpe de leucemia, arreganhou os dentes num sorriso.

Manuel saiu e regressou com três flores que colocou na mão seca do avô. Eram do cemitério.

© Beatriz Clara 2023. Cemitério dos Prazeres.

# ACORDO DE CORVOS

HELENA MENEZES

Dormia no seu jazigo transformado em casa, situado no ponto mais alto da ilha. No telhado degradado, um corvo vigilante lançava o aviso. Um grasnar ríspido e insistente que chamava os outros corvos da ilha. Depois vinha a procissão do dia. As carpideiras subiam ladeira acima, carregadas de baldes e flores. No alto da ravina, uma moradora oculta servia-se dos olhos dos corvos, pousados nas grades, nas pedras e nos ramos, espalhados por todo o cemitério, para ver as caras que visitavam a sua casa. Não só ver, mas memorizá-las para sempre, até ao dia que lá voltassem inanimadas, suas vizinhas. O funeral era a sua festa domingueira. Dentro do conforto do seu jazigo saltava de alegria por sentir o rebuliço da limpeza das campas. As suas companheiras carpideiras não lhe chegavam aos pés, no culto sincero à morte que prestavam. Ela já tinha sido uma dessas. Mas tinha conseguido forjar a sua morte para ali ainda se encontrar, viva. Tinha feito um acordo de corvos.



# O SUBSTITUTO

J. M. DIAS

– Meu caro, fica quieto e pára de choramingar! Vou revelar-te porque estás aqui. Escuta e perceberás.

O homem, ajoelhado, sentia o chão frio e húmido nas palmas das mãos. As lágrimas pingavam-lhe da ponta do nariz por entre rajadas de soluços. O seu espírito tinha quebrado; confuso, não conseguia raciocinar, só desejava abrir os olhos e desaparecer daquele pesadelo.

Num esforço, as pálpebras abriram, timidamente, como se se tratassem de duas persianas a defenderem-se do amanhecer. Mas não era dia e não era um sonho. À esquerda, reparou numa velha porta dupla, em arco, que servia uma capela. Em frente, havia uma vasta escuridão salpicada pelo reluzir do luar entre cruzes e jazigos. Gritou:

– Que queres de mim?! Deixa-me ir!

Atrás dele, uma figura encapuzada puxou a culatra de uma pistola, na qual cintilava um invulgar efeito criado pela mescla do reflexo da lua no metal. Sentindo-se forçado por aquele clique, e entre respirações curtas e pesadas, o sequestrado parou o choro. O perpetrador continuou:

– Ouve-me e irás entender por que aqui estamos. Há dez anos aterrei nesta cidade, em Sófia, para umas férias. Em Sófia, as noites de primavera são muito frias, ainda há neve na montanha, por isso, eu queria chegar ao hotel o mais rápido possível. Táxis amarelos, conduzidos por figuras estranhas, chegavam e partiam; os clientes acumulavam-se no passeio à espera da sua vez. Eis que, por entre a pequena multidão, um braço se esticou na minha direção: "Ei, venha comigo!", ouvi uma voz rouca e gasta, com sonância de devoradora de cigarros. O taxista, dono de uma larga barba cerrada e grisalha, aparentava ter uns setenta anos e esforçava-se num inglês perceptível; mais tarde, disse-me que naquele dia completara quarenta anos, precisamente a minha idade! Coincidência engraçada... Não lhe fiz qualquer comentário, apenas pensei para comigo que queria fugir do frio; não estava interessado se ele fazia quarenta, setenta ou mil anos.

O encapuzado levantou a cara para as estrelas e pausou a história por uns segundos enquanto fixava a noite limpa. O outro homem, de cabeça abaixada, subiu os

olhos, apontando-os ao portão do cemitério que estava a uns cinquenta metros de distância. Apercebendo-se da distração do raptor, arregalou as pupilas enquanto se imaginava a atacar a arma e a correr para a liberdade. Mas não era um herói e prontamente recusou o pensamento. Voltou a olhar para o chão, soltando um exalar longo e apático.

– Então, entrei para o banco de trás e disse-lhe a morada – continuou o homem do capuz. – Tínhamos de ir para um lugar chamado Manistirski Livadi, que ficava distante do aeroporto, na parte nova da cidade, perto da montanha. O velho, que afinal não era velho – soltou uma risada – puxou de um cigarro e acendeu-o enquanto teclava o endereço no tablet. Exausto do voo, afundei-me no assento. Ele levou a chave à ignição enquanto se apresentava como Ivanov, entre sorrisos sem contexto. Circulámos uns bons quilómetros na via rápida que circundava a cidade, até que o carro se dirigiu para uma saída mal iluminada. Eu podia sentir a bizarria daquele sítio: não havia vivalma na rua, os prédios davam sinais de não estarem habitados e os passeios estavam ocupados por árvores tristes, de aspecto tenso, e hirtas como sentinelas sem expressão. O táxi parou. A voz rouca murmurou umas palavras; pedi ao velho para as repetir. Enquanto levava a mão à alavanca da porta, assim o fez: "Eu disse: saia que o carro avariou". Ao pisar o passeio, os meus olhos encontraram um gradeamento: o deste cemitério. Caminhei até às grades e, por entre as sombras da noite, consegui vislumbrar esta capela e vários jazigos mais à frente. De repente, um estrondo... o velho bateu a porta de tal forma que me fez rodopiar. Apercebi-me imediatamente de que, no tejadilho, pousavam duas garras bem abertas num corpo de pássaro. Semicerrei os olhos para focar no bicho, uma coisa preta com ares de corvo, que me olhava nos olhos; o bico, em forma de turquês, abriu e soltou um timbre estridente. O meu corpo, o meu cérebro, o meu pensamento, tudo em mim se imobilizou no assombro; pressenti que me aconteceria o mesmo que, agora, te vai acontecer. Volta-te, olha para mim...

E, perante o olhar incrédulo do homem de joelhos, o sequestrador levantou a máscara que o escondia. Se uma terceira pessoa se encontrasse naquele cemitério, diria que eles eram gémeos idênticos. O outro, perante a surpresa, arregalou os olhos; as suas mãos e joelhos enterravam-se no chão enquanto se questionava o porquê de tudo aquilo: o rapto, o sósia, as explicações para aquela ação.

Enquanto enrolava o capuz e o guardava no bolso do casaco, continuou a narrativa. Contou que aquele cemitério tinha qualidades especiais. Explicou que, quem ali estivesse sepultado, teria a possibilidade de voltar à vida caso encontrasse o seu sósia. Aí, teria a chance de o transportar para o cemitério e executar o seu substituto no caixão. E fora isso que o velho lhe fizera. É que, por baixo da imensa barba grisalha que o impedia de ser reconhecido, o taxista e ele tinham rostos iguais. Da mesma forma que, dez anos antes, o velho tinha encontrado o seu substituto, agora surgia a oportunidade daquela alma voltar à vida, sacrificando um igual a si.

– Sabes, vou sacrificar-te – disse, com uma voz penosa. – Mas tu, tal como eu e



como o taxista, vais ter a hipótese de te ergueres da campa e cumprires o ritual com o teu substituto. A ave que ali está – apontou para o telhado da capela – dar-te-á o sinal, irá acordar-te quando for o momento. Fica tranquilo. Espero que demore pouco tempo e, até lá, descansa a alma. Espero que não seja um sono eterno. Lamento o que te está a acontecer e desejo que um dia me entendas. Eu perdoei aquele que me sacrificou.

Instantes após aquelas palavras, o sequestrado sentiu-se privado de movimentos. Percebeu que algo externo lhe criava um colete de forças, o corpo assentava pesado e imobilizado como um rochedo. Um bater de asas vindo do cimo da capela aproximou-se e aterrou no seu ombro. Ele continuava espartilhado, como se não tivesse nem corpo para fugir, nem boca para gritar.

De seguida, o corvo deu um salto para a frente e os olhos de ambos focaram-se; ele pôde observar aquelas orbitas amarelas, sem brilho, como dois faróis enevoados.

– A partir de agora, estás sob o nosso controlo – disse o morto-vivo. – Estás ciente dos teus sentidos, mas o teu corpo jamais responderá à tua vontade. Vais levantar-te e seguir o corvo em direção à minha campa. Aqui, despeço-me de ti. Vou entrar na capela e terminar a minha parte da cerimónia. O meu nome é Otto e obrigado por me devolveres a vida.

Otto subiu os pequenos degraus em cerâmica gasta; sabedor de que naquela noite deixaria de ser um morto-vivo, lançou um rápido olhar por cima do ombro momentos antes de a porta bater atrás de si.

O outro homem estava entregue à autoridade do corvo. O pássaro abria e fechava o bico, num ruído mudo, parecendo uma turquês preta a tentar soltar uma fala. Repentinamente, esvoaçou para um espaço entre as lanças que decoravam o topo do portão da entrada do cemitério. Ali, as penas da ave negra notabilizavam o reflexo do luar. Em redor, as árvores agitavam-se com o crescendo da ventania e iam perdendo as folhas como se tivessem recebido uma injeção letal; as vegetações mais pequenas convertiam-se em cinzas.

Quando se apercebeu de que o seu tronco se erguia e as pernas davam os primeiros passos, entendeu que era o fim. Lutava para ganhar o controlo de um corpo que já não lhe pertencia. Curvado, com o peso de mil costados, subiu a pequena inclinação que o levou ao portão; assim que este se fechou atrás de si, a fundura do cemitério acendeu-se como se pirilampos vermelhos povoassem a paisagem.

O corvo soltou as garras do metal enferrujado do portão e voava em cima da corcunda do homem; ambos seguiam, no corredor negro da morte, em direção ao jazigo que tinha sido de Otto, de Ivanov e, quiçá, de muitos mais. Pelo caminho, o substituto ia captando sons abafados vindo das sepulturas, não decifrava se risos, se choros, se murmúrios de lamentação ou contentamento.

© Beatriz Clara 2023. Cemitério dos Prazeres.

# DESCANSA EM PAZ

JOSÉ MARIA COVAS

Após um longo dia de trabalho, Jeremias atravessou o cemitério ao entardecer, como era habitual, para poder voltar a casa e se entregar ao João Pestana. No entanto, o caminho parecia tornar-se cada vez mais difícil de percorrer, como se alguém estivesse a acrescentar pedras às suas costas. Os olhos de Jeremias esforçavam-se para permanecerem abertos e as pernas tentavam manter-se fixas ao chão. Ainda parou para recuperar o fôlego, mas isso não preveniu que o corpo tombasse no pavimento.

Passado algum tempo, com dificuldade, Jeremias despertou do transe do desmaio e ergueu-se, pois tinha, ao recuperar os sentidos, lentamente percebido que já era noite e não sabia onde estava. Tateou o solo de folhas putrefactas, à procura do saco onde tinha uma caixa de fósforos para emergências como esta. Ao encontrá-la, acendeu uma vela e pôs-se ofegantemente a explorar o labirinto delineado pelas sepulturas circundantes. Após atravessar vários destes percursos intermináveis, sem encontrar com sucesso a saída que o levaria a casa, Jeremias viu-se diante de uma campa gradeada, afastada das restantes tumbas, como se tivesse sido propositadamente abandonada nos confins do cemitério. Curioso, tentou decifrar o que estava escrito naquela lápide enegrecida para perceber como é que uma pessoa morta poderia ser tão perigosa ao ponto de serem necessárias tais medidas de aprisionamento.

No entanto, o peso do seu cansaço fez com que Jeremias se esquecesse da apreensão cautelosa que tivera ao ler a inscrição da laje: *Não Despertar*. Subitamente, Jeremias achou, sem ter qualquer explicação lógica para tal, que aquele sítio seria bom para recuperar as forças. Talvez por as árvores em redor do local fornecerem abrigo do vento e da chuva que começara a fustigar o cemitério. Além disso, as vergas de aço e a camada de relva que cobria o sepulcro davam a impressão de haver ali uma cama sólida e surpreendentemente confortável. Não havia também qualquer problema em lidar com o frio, porque trazia sempre consigo um cobertor caso fosse necessário ficar até mais tarde a supervisionar as obras de construção.

Não pensando mais no assunto, o ensonado Jeremias deitou-se na cova. Por fim, podia relaxar e descansar até amanhecer. Nem a estranheza do espaço aberto parecia perturbar o seu repouso. Aliás, Jeremias achava a sua escolha de alojamento mais agradável do que todos os quartos fechados onde residira ao longo da sua vida.



Porém, quando estava quase a adormecer, começou a entrar em pânico: não se conseguia mexer. Por alguma razão, Jeremias associou a vulnerabilidade da sua situação à de um inseto, o qual é atraído pelo doce cheiro de uma planta carnívora, pousa nela, e só se apercebe da armadilha em que caiu demasiado tarde, quando a mesma se fecha à sua volta. Não era a paz de espírito há muito desejada a emanar de dentro de Jeremias, mas sim esquecimento do perigo em que se encontrava, pois, afinal, não estava ali sozinho. Algo, ou alguém, que estava enterrado nas profundezas, por debaixo de Jeremias, havia-o imobilizado.

Jeremias, moribundo, tentou desesperadamente relembrar-se da necessidade de escapar daquele feitiço paralítico. Era inútil, uma vez que a mente se ia, aos poucos, esvaziando de preocupações e o seu corpo murchando, até nada restar no fim do processo – nem de Jeremias, nem das suas roupas ou do seu cobertor, senão as cinzas que passavam pelas grades e regavam o interior da campa. A terra parecia mais remexida e as grades mais oxidadas e soltas, como se alguém tivesse acabado de acordar de um longo sonho e quisesse finalmente levantar-se.

# UM PEDACITO DE TERRA

JUAN UMBARILA

A janela do meu quarto dá a um cemitério
que está a maior parte do tempo
em silêncio.

Algumas vezes convoca pessoas
que vão lá enterrar outras pessoas
ou visitar os restos
e choram ou gemem ou cantam,
ou calam durante um momento
e depois volta o cemitério ficar
silencioso, como aliviado de uma
carga e só o vento mexe um pouco as
árvores ou cantam os pássaros nas madrugadas

Há gente que aplaude aos pores-do-sol na praia
o meu cemitério por sua vez pede silêncio nas
tardes como se fosse um barco encalhado
a enferrujar na areia
e eu fico contente em lho dar
e o receber de volta

O meu avô dizia que não há nada
mais importante nesta vida
que possuir alguma terra nesta terra
"O problema da terra", ele dizia
com dor e com alguma esperança
Só alcançou o seu objetivo após morto
e nela descansa, espero eu, finalmente satisfeito



Um pedacito de terra nalgum canto desta terra

Alguém que já cá não está
que foi a um lugar
onde eu não posso ir
entrou na terra e foi selado
com uma árvore de carvalho

Uma porta algures
com alguém atrás
que não é possível cruzar
mas sim manter soaberta
e pela sua fresta
sussurrar

Quando é que algo é realmente nosso?

Não é acaso a terra afinal do dia
de quem a trabalha?
de quem a rega quem a cultiva
de quem a escuta
de quem a entralha
de quem a beija
de quem a ama?

# A TYPICAL LOVE STORY

KIRA STEEL

My doll resides beyond the dark gate. Her weeping penetrates my very core. Little pearls sparkling in lovely big brown eyes. Although her lips lie, she loves me too.
I salivate for what will come next...
She's on her knees over her grandfather's grave. I'm jealous of the grass that caresses her.
I smell the perfume that my doll always wears... Just for me.
My fingers grasp the lovely curls. My doll gasps, in pleasure I'm sure, the curve of her neck pointing towards the new moon, witnessing our wedding.
The knife caresses her neck. I kiss the mouth that pleads my name.
My doll falls, I steal her love, love, love.
She stops moving. I give her a sapphire ring. We are now married.



# A FAMÍLIA GONZAGA

LAURA VASQUES DE SOUSA

A par do chilrear dos pardais, ondulava um burburinho de lamentações e trabalhos forçados. Passos contundentes, que fustigavam a gravilha, aproximaram-se, contornaram a parede e estacaram na parte lateral da edificação. A torneira calcinada foi forçada a abrir e libertou um jorro de água, cujos soluços ecoaram nas paredes de um balde de plástico.

Paulo abriu os olhos num sobressalto. Tinha sido vencido pelo sono e surpreendido pelo dia. Revirou-se a custo e gatinhou até à porta envidraçada. De cócoras, perscrutou o exterior, escondido atrás das cortinas encardidas e coçadas pelo tempo.

Lá fora, arrastava-se um marasmo tenebroso. Vultos taciturnos e cabisbaixos deambulavam para cá e para lá. O vento roubava as folhas secas das ramagens amontoadas em redor dos contentores atafulhados. O porteiro, coxo e marreco, empurrava um carrinho de mão vazio. Trazia a barriga a querer fugir-lhe por baixo da camisa e um cigarro equilibrista no canto da boca. As chaves do portão vinham penduradas no cinto das calças e sinalizavam, como badalos, a sua localização.

– Não posso sair agora – desabafou em surdina. Ninguém lhe respondeu.

Se fosse visto a abrir a porta pelo lado de dentro, àquela hora, todos saberiam que tinha o costume de ali pernoitar, explicou-se ao jovem Bernardo e à sua mãe, Filomena. A notícia rapidamente se espalharia. Haveria uma denúncia, uma perseguição, uma detenção. Descobririam que entrava no recinto depois de o portão se fechar, trepando pelo canto partido do muro, e que abria a porta envidraçada com uma chave roubada. Alguém trataria de remendar o muro e de devolver a chave à família Gonzaga.

– E vocês, coitaditos, aqui fechados, ficariam para sempre a pensar que eu vos tinha abandonado.

Um esgar de desconforto fê-lo interromper-se. Apoiou-se na prima Alzira, sem pedir licença, e esticou as pernas para aliviar os joelhos.

– Tenho de esperar pelo entardecer e que as ruas fiquem desertas – dirigia-se, desta vez, ao tio Álvaro. – Por sorte, sobrou-me um naco de pão, meio frango assado e meia garrafa de tinto. Sempre dá para me aguentar durante o dia.

O tempo teimava em não passar, alheio ao esforço de Paulo, que tentava enga-

ná-lo com confissões e desabafos: o adultério e o divórcio; as saudades da filha; o desemprego, as dívidas, a casa que se perdeu. Admitiu, emocionado, que encontrara ali, junto deles, o seu amparo e prometeu ser mais cuidadoso. Não voltaria a deixar que a manhã se levantasse antes dele.

Ao início da tarde, assomou-se uma aflição. Pediu-lhes que ficassem num canto, enquanto os amontoava, com as identificações voltadas para a parede. Precisava de privacidade, explicou-lhes. A bexiga queixava-se e era impossível contê-la por mais tempo. Virou-se para o canto oposto, de costas para todos, e aliviou-se. Depois, ajudou-os, um a um, a voltarem aos seus lugares, agradecendo-lhes o obséquio. Quando chegou a vez da avó Palmira, corou e desculpou-se com humildade. A data de nascimento daquela senhora impunha solenidade e respeito.

Finalmente, o céu escurecia e as ruas começaram a ficar despovoadas. Ao longe, soavam as badaladas do relógio da igreja da vila, marcando a hora de encerramento do recinto, e as poucas pessoas que ainda permaneciam começaram a dirigir-se para o portão.

Paulo abriu a porta devagar, confirmando a ausência de vivalma lá fora. Prometeu-lhes que não tardaria a regressar e saiu.

Zeloso, trancou a pequena porta envidraçada e guardou a chave de ferro no bolso das calças. Cruzou os braços em frente do peito e encolheu-se, para se proteger do vento gelado que, tal como ele, contornava a parede de mármore do jazigo da família Gonzaga.

Com passos curtos, mas determinados, avançou pelos intervalos entre as sepulturas, até desaparecer para lá dos ciprestes que ocultavam o canto desabado do muro do cemitério.

© Beatriz Clara 2023. Cemitério dos Prazeres.

# AR DOS MORTOS[1]

LILIANA DUARTE PEREIRA

Segurando o dedo mindinho da mãe, Júlia caminhava irrequieta. O tio Geraldo tinha ido para junto de Jesus e, hoje, iam desejar-lhe boa viagem. Chegadas ao destino, o campo de visão de Júlia só lhe permitia ver pernas especadas que se assemelhavam a troncos de árvores. Estava no meio de uma floresta negra e molhada. O tio repousava enfiado dentro de uma caixa. Tinha dobrado de tamanho e parecia apertado. Distraídos pelo cheiro de criança, rodavam Júlia de colo em colo, como se fosse vedante de estancar a dor.

A cerimónia fúnebre saiu porta fora, arrastando-se até ao cemitério. Ainda o falecido não tinha sido encafuado na terra, já Júlia vomitava os seus quatro anos. Os médicos diagnosticaram-lhe uma gastroenterite infecciosa aguda, daquelas demoradas de passar. Para a benzedeira, a pequena tinha apanhado o «ar dos mortos». Dedicou-lhe infindáveis rezas, enquanto manuseava o corpo dela numa larga bacia com água-benta e ervas. As melhoras chegaram, mas nunca saberia se a tinha ou não acudido a tempo. Os pais agradeceram a ajuda, sem saber o que levavam para casa. Não está fixada em edital, mas é crença comum que nos velórios, os espíritos dos defuntos movimentam-se para encontrar, entre os presentes, grávidas ou crianças. Elas são a porta. As almas apegadas entram pelas vias respiratórias e espalham-se até alcançar cada célula. Quando o vómito expulsa o senhorio, numa troca sem devolução, passam a ser o hóspede permanente.

O tio Geraldo agradece.

1 Este texto foi redigido segundo o Acordo Ortográfico de 1945.



# DEVERES E DEVOÇÕES: REGISTOS ORAIS DOS ÚLTIMOS 'JARDINEIROS FÚNEBRES' DO ALTO ALENTEJO

Coleção de dados para estudo, 2014-2016.

MARIA DURAN

NOTA DOS AUTORES:

O projeto aqui apresentado foi movido pela urgência em documentar e registar as realidade, percursos e contextos dos jardineiros fúnebres nacionais e do seu modo de vida em declínio. Apesar de deterem o estatuto de figuras imprescindíveis no imaginário popular, os estudos antropológicos sobre os mesmos têm-se focado na perceção e padronização das suas práticas, carecendo de registos autobiográficos.

Tradicionalmente homens provenientes de contextos socioeconómicos mais empobrecidos, os jardineiros fúnebres ocupam uma posição social definida pelas funções desenvolvidas ao serviço das comunidades locais, principalmente enquanto interlocutores interdimensionais. Profissão apenas recentemente oficializada, mas com um legado milenar no contexto da Península Ibérica, a comunicação, interligação e apaziguamento das relações entre vivos e falecidos foi, durante séculos, assegurada pelas atividades vitalícias destes indivíduos.

Os 113 jardineiros fúnebres em estudo viveram, e vivem, vidas devotas ao serviço público *post-mortem*, nas margens da sociedade e proibidos de estabelecer relações familiares, completamente segregados nos limites dos espaços de enterro abençoados pelas dioceses locais.

O registo oral que aqui se apresenta reúne relatos de uma geração de guardadores de cemitério de uma área específica do território nacional, nomeadamente o Alto Alentejo. É neste local que se concentra o maior quociente de jardineiros fúnebres no espaço português, tendo, por isso, sido foco de uma investigação aprofundada, baseada em metodologias das práticas antropológicas e sociológicas utilizadas noutros casos de estudo semelhante[1].

A compilação apresentada é composta por uma série de entrevistas realizadas entre o Centro de Práticas Sociais e Religiosas e um grupo alargado de participantes. A linguagem utilizada nestas transcrições não foi alterada, de modo a respeitar os testemunhos originais.

1 Ver Ramirez, Virgília e Victor, Neusa, 2008. Madrid: *Los Guardia-Fantasmas de Andalucía: Compilacion de Testimonios*, Facultad de Ciencias. Universidad Autónoma de Madrid.

TESTEMUNHO A:

Quando era menino, rezava muito.

Depois, cresci. Gostava de ter tido família. Gostava de ter tido filhos. O que é que resta desta vida? Todos os fins de ano risco o caiado do muro, marco outra entrada. Não sei quando nasci, mas sei quando morrerei e não tarda.

Fiquei velho, fiquei cheio de raiva. Mas benzo-me muito e rezo «ave marias», não vá virar demónio fétido quando o tempo chegar. Também não quero ser alma penada. Não tenho aprendiz, sabe Deus que bruxo de meia tigela faria o exorcismo, ainda ficava entre lugares em sofrimento. Isso não, tratei demasiados casos desses no meu tempo.

Não deixo nada ao acaso. Tanto limpo a alma de males e pecados que decerto alcançarei um purgatório decente, seja S. Pedro misericordioso.

Quando era menino, rezava muito. Ainda me lembro da prece, era a minha cantilena quando limpeza as lajes:

> «Quem Mata Sonhos Mortos, Muitos Anos de Tormenta Sofrerá
> Que Guarda Vontades Vidas, Muitas Bonanças Encontrará
> Assim Mandas Quem Já Foi
> Assim Fazem Quem Ficou.
> Nossa Senhora Tudo Sabe
> E Os Falecidos Tanto Mais.»

*Marcelo Castanheiro, Beja, 72 anos. Citando o ditado popular pintado nos azulejos do portão para o Cemitério de Santo Expedito.*

TESTEMUNHO B:

Um posto de cemitério, quando havia uma abertura, era sempre desejado com viva competição. Quando era pequeno, não eram poucas as mães tão desesperadas que davam os filhos à paróquia. Uma vida sepulcral em troca de duas refeições por dia e abrigo de noite, uma camarata com um pequeno forno de campanha na oficina onde se guardavam as sementes, o composto, a terra, a terracota partida dos vasos.

«O lugar dos mortos é o seminário dos pobres», dizia a minha avó. Deixou-me ao cuidado do Jardineiro Pinto Soares, que todos os mortos chamavam Marechal, porque se dizia (e mexerico dos mortos tende a ser acertado) que era descendente de um Junot ou um Soult; e porque regia o cemitério de facto como um oficial da guarda. Horários rígidos, relações controladas, nada de perturbar a paz eterna alheia – e ai de quem fizesse demasiadas birras! Os delinquentes eram exorcizados, só para voltar na próxima lua nova, chorando baixinho e sem manias de se queixarem que a nora roubou as joias à filha ou que os afilhados nunca vinham visitar.

Era duro, o Marechal, mas justo. Sempre me deu bom comer, e nunca deixou que



os maridos continuassem a atormentar as mulheres na morte como o haviam feito em vida, sem prestar atenção aos que sussurravam que era demasiada intromissão deixar linhas de sal para separar duas campas contíguas de casal.

Ainda lá está, ele. Eu próprio o enterrei, quando chegou a altura. Levanta-se hirto e rígido da campa todas as noites de luar, imagine! O homem não para. Somos parceiros, eu vivo e ele com os outros, mantendo a ordem. E eu ainda marco as campas com sal no lugar onde o sal tem de estar, sim, minha senhora.

*Rogério Palma, Igreja de Évora, 64.*

TESTEMUNHO C:

Eu vim pelas flores. Os mortos nem me aquecem nem arrefecem, verdade seja dita. Mas sempre quis ser jardineiro – e sou! Olhe para estes canteiros. Olhe para a alvura destes jarros. O encanto destas camélias.

Os meus mortos gostam muito, é verdade. Até lhes faz bem. Alguns do nosso trabalho não prestam atenção aos verdes, acham um disparate pegado, mas esses são os que já estão eles com um pé na cova. Mas olhe, os mortos gostam muito de flores. Ficam desgostosos com as pestes e as máculas, para não falar do outono, muito mais do que os vivos. Sabia? Um dia há de saber. A vida é linda e bem-cheirosa, minha senhora, vista de qualquer lugar.

*João Pedro Alfaiate, 71, Beja.*

TESTEMUNHO D:

Nunca saí daqui. Este cemitério, a igreja, a casa dos fundos, a garagem, só isso conheço. O meu pai era o pároco desta igreja. Era suposto ser segredo, mas era sabido, e bem sabido. Sua Excelência, meu pai, tinha a minha mãe numa casota aí para os arrabaldes da igreja. Fez-me aprendiz do Sr. Rebelo, custódio dos mortos cá da terra.

Nunca saí daqui. Agora não demora e morro. Às vezes, penso que já devo ter morrido, sou espírito fantasma e não sei. Sua Excelência, sim, está morto de certeza, e muito caladinho, não sai do seu buraco, mais escuro do que a casota, mais frio do que o exílio – uma morte como meu pai merece. Pois, que eu me asseguro disso, ai sim.

*Vicente dos Santos, 74, Crato.*

TESTEMUNHO E:

Ocorre, por vezes, que há gatos de cemitério que nascem em ninhada mal-lo-

© Beatriz Clara 2023. Cemitério dos Prazeres.

grada, enroscados em cima de uma campa, vivem vadiando por onde quiserem. Alguns falam em língua de homem, quero dizer, português de Portugal com sotaque e tudo. Dizem coisas incríveis, verdades malucas, assim as melhores adivinhas deste mundo. Bestiais, verdades bestiais.

Eu percebo disso excelentemente, não há como eu para acertar na solução dos seus ditados. Não tenho outra companhia, pelo que, há de compreender, os gatos do cemitério foram sempre meus mestres de escola, meus amigos e inimigos.

Sei coisas, se sei! Até com o mal-mor já falei, aquele Senhor Belzebu. Muito bem vestido, muito bem-educado, assim vestido todo de preto que parecia um parente rico vindo enlutado para visita do sétimo dia.

Em boca de gato fez-me a sina, prometeu riquezas, liberdade do cemitério, mulheres lindas e muito descanso. Propôs um lindo contrato, e o preço uma ninharia. Quem trabalha com almas sabe; o preço é uma ninharia.

Mas olhe, sabe... eu não sei ler e também não vou pôr um x onde sei lá o que é, num papel como aquele, com cheiro de incenso, perfume doce, e um bocadinho a enxofre também. Mandei-o para as suas terras, e desde então os mortos têm muito medo de mim. De mim!

Bom, eu até sei falar dialetos de gato, e vezes há que os morcegos descem das figueiras do outro lado dos muros para pousar nas minhas palmas e contar segredos do vento e do mato, mas ler não leio nada. Mesmo assim, acho que não há nada que se assemelhe na Santa Bíblia.

*Manuel Campos Silva, 59, Mourão.*



# MÃOS NA PÁ, PÓ NOS OLHOS

MARIA DURAN

Calma! calma rapaz. Enxuga a cara. segura na pá e empurra com os joelhos.
Salva as cruzes que vais precisar delas
para alçar as cruzes dos outros. Ó pobre rapaz!
mãos cheias de terra e apetite voraz. A tua mãe vendeu-te
a deus para enterrarem as almas de novos pobres ricos e velhos.

Mas quem fica lembra-se sempre de ti, rapaz. Ficas na memória.
As costas curvadas e o trabalho pago de cara torta, meio-esmola.

Esquece o padre, a fome, a saudade, o vinho verde, o fumo das velas,
os olhos torvos e a alegria tresloucada dos pardais
(Será que não sabem que todos os dias são dias mortais?).

É bom rapaz! Trata dos frios e dos demais.
Ó rapaz! Quem vai amar a tua cara cheia de paz?
Mestre de covas, protetor de múmias, operário dos funerais
Inveja de viúvas (as mãos no rosário e a pá nas do rapaz!)
destruidor de lares servos dos fracos ladrão dos pais,
fechas os mortos dentro da sua morte sabendo que a ti
ninguém chorará.

Ergue o queixo. Faz da morte teu ofício!
Deus apenas é teu capataz,
e o punho dos homens jamais.

Pobre rapaz! Vejo hoje aquele triste homem que serás.
Aprendeu a segurar a pá e a enxugar a cara
Aprendeu a levantar a cara e levantar a pá
Sem nunca ver a beleza da tarde, da manhã corada, das horas douradas.

E dos pardais saberá como cavar cantando.

© Beatriz Clara 2023. Cemitério dos Prazeres.

# O DIA DOS MORTOS

MARIA GAIO

Madrugada! Lua cheia! O bando destemido caminha ladeando os muros do cemitério envolto num denso nevoeiro. Faz-se sentir um silêncio do além por aquele campo de cruzes, lajes e imagens em pedra. Param e o espetáculo desenrola-se na sua frente. Corpos saem das suas tumbas e encaminham-se para eles numa sofreguidão de carne. Os rapazes desafiam-se uns aos outros para os enfrentarem. Alguns esqueletos estão inteiros, outros trazem pendurados fiapos de carne que arrastam ao sabor dos movimentos. Alvoroçam-se e avançam sobre eles. Alguns rapazes fogem, outros enfrentam-nos, pois, até ao último minuto não acreditam no que veem. Pensam que é tudo fruto da sua imaginação. Os esqueletos, num tremor de ossos e de vozes subterrâneo, imploram para que os levem para o reino dos vivos, tentam agarrá-los – por cada vivo, uma ressurreição.

Lá longe, os restantes do grupo olham para trás, mas já não podem socorrer os colegas que agora estão a ser agarrados e despedaçados para satisfação dos mortos que se banqueteiam com carne fresca.



# LEMBRA-TE QUE ÉS PÓ E AO PÓ VOLTARÁS

MARIA LEONILDA PEREIRA

Os sinos da aldeia dobraram (a)finados e o povo foi convocado a partilhar o momento de perda. Perante aquele triplo repicar, todos sabiam tratar-se de um homem. Com efeito, a morte chamara o avô José. O coração de Aurora vestiu-se de negro, enquanto familiares e amigos se perdiam em condolências, agradecimentos, lamentos, orações e a espargir água benta para elevação da alma do defunto. Elevaria realmente a alma do seu avô? Seria justo todo este cerimonial sepulcral para aquele ser tão doce, alto, magro e um olhar sonhador?

Para a neta, a realidade era dura. O avô jazia naquele caixão de madeira, forrado de cetim branco, com um lenço de tule sobre o rosto cinzento. O ataúde ali permanecia, aberto de par em par, na mesa da sala de jantar, sob a luz ténue do candeeiro a petróleo, a receber as orações, silenciosas ou em coro, que uma aldeã experiente desfiava numa torrente de emoção. O avô fora chamado? Aurora discordava e duvidava desse chamamento. Tremia perante este quadro lúgubre que lhe revolvia o pensamento.

Temia cemitérios, funerais, rituais fúnebres e até as fotografias dos mortos, nas campas floridas, mesmo os que sorriam a lembrar como foram felizes em vida. Esforçava-se por compreender a morte. Inaceitável! Fugia desse lugar letal, ainda que, nos Finados, acompanhasse a mãe resguardada no xaile de merino, numa tentativa de escapar à efemeridade da existência e à certeza de um dia, bem distante, ser apenas pó.

Palavras ternas, fotografias e flores eram os pertences dos defuntos? Sinistra, esta fragilidade e humilhação dos seres! Como poderia acompanhar a avó e os pais neste ato lutuoso de entregar à terra o seu avô, seu fiel contador de histórias, reais ou fantasiadas? Considerou ser egoísta e ganhou coragem para depor uma flor nas mãos do avô. Rezou, chorou baixinho durante o cortejo fúnebre, a pé, dois quilómetros, até ao cemitério da freguesia. Ouviu o sacerdote encomendar o corpo sepultado no esquife de madeira, colocado numa espécie de mesa de granito, aberto para o último adeus. Aurora centrou-se nas palavras agradáveis proferidas sobre o percurso de vida do avô, que fora colocado numa espécie de mesa de granito, aberto para o último adeus. Aurora centrou-se nas palavras agradáveis proferidas sobre o percurso de vida do avô, que fora escolhido, depois de ter cumprido o seu papel na terra. Escolhido?

Aquele rosto pardacento, os lábios roxos, olhos cerrados, enfiado naquela caixa sem luz prestes a ser enterrada? Não foi escolha, mas castigo. Só pode!

As pazadas de terra sobre o caixão ecoaram em simultâneo com os soluços da avó e a menina focou-se nesta realidade crua. Segurou, com ternura, o braço da viúva e murmurou:

– Estou aqui, avó!

Contudo, a imagem da bicharada pronta a banquetear-se, a devorar o corpo com avidez, nauseou Aurora, de oito anos, compleição frágil, rosto oval, onde saltitavam uns olhos castanhos grandes, ávidos de narrativas e de palavras mágicas – as janelas para o mundo dos vivos.



# AQUI JAZ

MARIA LEONILDA PEREIRA

Percorro as campas, flores murchas ou vivas,
olho as fotografias, as datas assinaladas,
leio e medito nas palavras inscritas
com paixão e dor, perda de gente nova.
Pais, filhos e avós jazem sob lápides pesadas,
ossadas carcomidas pela bicharada gulosa,
palato aguçado, ouvido atento, ociosa,
sempre pronta a desfrutar de um lauto manjar.
Arrepio-me com a efemeridade dos seres,
ali abandonados sem o desfrute dos prazeres
e imagino-me sob o peso tumular,
dentro do caixão, lábios roxos, olhos fechados,
boca cerrada à força por um amigo ou familiar
e a bicharada a lamber os dentes aguçados.
Não! Não! Não! Sete vezes Não!
«Chega a vez a todos, ninguém cá fica!»
Arregalo os olhos de espanto e emoção.
A senhora ao meu lado sorri de fraternidade,
fala-me da sua menina e da eternidade.
Miro-a, escuto-a e fico desconcertada,
enquanto murmuro um lento obrigada.
Continuo a ler e a deslindar mistérios
por entre campas e odor a cemitérios,
renovo o pensamento da efemeridade.
Ciente da unidade na fragilidade,
corpórea ou em cinzas, vou chegar.

Roleta ou ciclo de vida de todos nós
que um dia deixamos anoitecer a voz.

© Beatriz Clara 2023. Cemitério dos Prazeres.

© Beatriz Clara 2023. Cemitério dos Prazeres.

# TODOS OS SANTOS

MARIA VARANDA

As portas do cemitério erguiam-se à sua frente como dois imensos anjos da guarda que se afastavam um do outro, permitindo uma passagem cautelosa. À esquerda, fora das altas muralhas de pedra, uma mulher gorda sentava-se entre as flores do quiosque e fazia dinheiro com o luto dos visitantes. Guardava uma nota de cinco euros, sorrindo para uma menina que se afastava aos saltos. Ritinha segurava o molho de crisântemos com as duas mãos demasiado pequenas para o tesouro que seguravam. Ia perdendo pétalas pelo caminho, colorindo a calçada branca com tons de púrpura e amarelo.

Júlia levou a mão ao peito e soltou um suspiro curto e abafado; não se apercebera do regresso de Ritinha, hipnotizada pelo pavor daqueles dois enormes portões de metal que se abriam para receber os enlutados. Rita riu-se perante o sobressalto de Júlia:

– Vamos tia, anda! – disse, correndo para dentro do cemitério, alheia aos sentinelas pesados.

Júlia suspirou novamente, desta vez para ganhar coragem. Não percebia a facilidade com que Rita, em tão tenra idade, encarava o cemitério como um local de alegria. Para Júlia, o cemitério era o sítio onde a tristeza ganhava força e o desespero crescia como erva daninha. Era a certeza de que também ela morreria, um dia, e seria abandonada ali, dentro de uma caixa debaixo de terra.

Naquele dia, todos os anos, era raro ver um túmulo abandonado ao passar das estações. As lápides eram limpas, os gavetões refrescados, e em todos os locais de descanso eterno se viam jarras de flores frescas, velas acesas e oferendas de todos os géneros. Júlia cumpria a tradição todos os anos, nunca se demorando: tinha pesadelos em que os portões se fechavam e ela ficava presa no cemitério.

Júlia caminhou pela calçada ladeada de arbustos floridos e sepulturas brilhantes, os braços cruzados em frente ao peito, a mala pendurada no ombro esquerdo. Mais à frente, Ritinha ia saltando e largando flores pelas campas menos decoradas, desejando um bom feriado aos espíritos e às suas ossadas. Os vivos sorriam, ao ver a menina prestando honras a mortos desconhecidos.

Júlia franziu o sobrolho: não gostava do cemitério, muito menos de ver Rita cor-

rer por entre os mortos como quem brinca no recreio com amigos. Fazia muito barulho, podia perturbar alguém.

A tia alcançou a menina em frente aos gavetões, onde Rita já a esperava. Acompanhava Júlia nas visitas desde tenra idade e fazia-o sempre com agrado. A enorme parede de gavetões de mármore branca erguia-se mais imponente que os dois portões da entrada. Ali, centenas de ossadas dormiam dentro de túmulos de pedra, a carne comida pelos anos passados primeiramente na terra. As portas de mármore branco tinham os nomes escritos a tinta dourada, muitos já pouco legíveis.

Júlia tirou a chave e um pano da mala e abriu o gavetão 113 onde se lia o nome «Jorge Filipe de Mendonça Lencastre». Ritinha podia ter crescido, mas aos dez anos de idade ainda não tinha altura para espreitar o interior do gavetão. Há anos que as duas cumpriam a tradição juntas, e Júlia sabia que não valia a pena tentar levar a sua avante: pegou Rita ao colo e deixou-a dizer um *olá* à caixa de pau santo onde estavam os ossos do avô que nunca conhecera, mas que insistia em amar. Júlia deixou Rita fazer uma carícia à caixa de madeira polida e apressou-se, logo de seguida, a colocar a menina no chão.

O à-vontade com que a menina se movia entre os mortos era arrepiante e a cada ano que passava Júlia tinha mais receio ainda da visita em conjunto. A menina era muito cheia de vida, amor e inocência: um dia chamaria as atenções erradas naquele local cheio de morte.

Com rapidez, limpou o interior, tirando o pó de cima da caixa de madeira onde repousavam as ossadas do seu pai. Tinha receio que, se demorasse muito nas limpezas, um pedaço de si ficasse retido no gavetão. Mais um para além daquele que já lá jazia. Detestava o primeiro dia de novembro.

Fechou a portinha de mármore e procurou Ritinha. Estava ajoelhada no chão, umas passadas mais para a esquerda, para ficar ao nível de um gavetão antigo cuja porta lascada e suja descaíra sobre o repouso eterno inferior. Lia-se: Carlota Henriques, 1975 - 1989, amada filha e neta, anjo eterno olhando por nós.

Ritinha levou as mãos à cintura, cheia de dramatismo:

– Carlota, ainda entalas a mão!

Júlia viu, na frecha que a porta descaída criara para o interior do gavetão, três dedos brancos e ossudos regressar à escuridão do seu repouso. Correu para Ritinha, pegando-a pelo punho e virando costas às gavetas como uma lebre foge de uma raposa, ignorando o pedido da sobrinha de ficar mais uns minutos, afirmando que tinha muitos amigos ainda por visitar. Os crisântemos ficaram caídos à porta de Carlota.

Estava decidido: no próximo ano Ritinha ia ficar em casa. Podia ser que na sua ausência os mortos ficassem a dormir.



# A MALDIÇÃO

MARTA NAZARÉ

Quando a angústia se infiltrou em sensações cromáticas do passado, a minha criança apertou-me com força. O abraço intensificava-se mais quando amanhecia, mas era apenas uma tentativa vã de esmorecer a mágoa de uma perda repentina. O jogo de cores refletido na água salgada despertara-a do descanso inquieto. Ao recomeçar, sonolenta, o ritual de contemplar a dança da luz, a menina resvalou novamente para a nostalgia repetida do naufrágio que lhe levara a mãe.

Nesta praia esquecida, a maré deixava aos pés uma tristeza imensa, enredada nos destroços de tantas perdas no mar. No seu leito, a tranquilidade melancólica do cemitério subaquático aquietava os restos dispersos de presenças extintas antes de tempo. Oculto pelos sedimentos, o esqueleto adormecido de um navio era devorado continuamente por organismos marinhos numa solidão paralisante – tal como eu e ela, a desfazer-nos na escuridão das profundezas até só restar de nós a consciência intemporal. A perda dela e o meu desgosto, ambos com um pesar tão sufocante que nos mantém aqui, nesta praia, a contemplar as ondas do luto.

Não consigo consolá-la. Perco-me no seu infeliz abraço sem encontrar forma de lhe dizer que o naufrágio também a levou. E, enquanto a coragem e as palavras me faltam, partilho com ela esta maldição infinda. Serei para sempre o seu fiel companheiro. Eternamente, o seu ursinho de peluche.

© Beatriz Clara 2023. Cemitério dos Prazeres.

# CHILDREN OF THE GRAVE

TEXTO E FOTOGRAFIA DE MIKY MORGADO

Em 2017, Miky Morgado iniciou um «projecto» de fotografia analógica chamado *Children of the Grave*.

Geralmente, pensar na morte remete a dor e luto e, por isso, os cemitérios têm uma conotação negativa. No entanto, todos chegaremos lá e estas fotografias podem ser vistas como *Memento Mori,* relembrando-nos que somos mortais e que pode existir beleza nisso. O ponto de partida começou por ser apenas um passeio no Cemitério das Caldas da Rainha. Chamou-lhe a atenção o facto dos jazigos terem vidros coloridos, o que dava uma ambiência mágica aos seus interiores. Após essa descoberta, resolveu fotografar esses ambientes, conjugando jogos de luz e sombra e sobreposições de planos na mesma imagem. Optou por não utilizar dupla ou múltipla exposição do filme de 35mm. O ocultismo e a morte são formas de comunicar que costumam estar presentes na sua linguagem artística e foi nesse sentido que estas imagens surgiram, criando atmosferas tão tenebrosas quanto mágicas.

Cemitério Prado do Repouso, Porto, 2020.

Cemitério Prado do Repouso, Porto, 2020.

Cemitério das Caldas da Rainha, 2019.

# A PROPOSTA

M. J. LIMA

Dona Conceição veste o seu casaco bege e ajeita o nó do pequeno lenço que tem ao pescoço. Abre a carteira para ter certeza de que tem tudo o que precisa, inclusive o seu álbum de recortes, antes de sair de casa. É uma manhã fresca e sente-se um vento afiado na rua. Mesmo a viver aqui desde que se conhece como gente, Dona Conceição fica ainda arrepiada com estas manhãs. A capela, desta vez, não fica longe e dá para caminhar sem grande esforço. Hoje, há mais um funeral na cidade e ela faz questão de ir a todos.

Não se lembra bem de como tudo começou, apenas que um dia resolveu ir ao funeral de alguém que não conhecia, porque queria estar com as pessoas da cidade e dar o seu conforto. Talvez, de certa forma, isso lhe trouxesse propósito à sua vida. Dona Conceição gosta de sentir que a sua presença é útil, confortante, mesmo para completos estranhos. Nos momentos de maior dor, ela está ali para quem precisar e, na maioria das vezes, nem se importam se a conhecem ou não. O mais importante era o seu abraço, que fazia lembrar o colo materno, e as suas palavras doces que caíam no ouvido como bálsamo para almas sofridas.

E assim tem sido há uns 30 anos.

Ao chegar à capela, olha à sua volta para ver o melhor sítio para se sentar. No ar, sente-se um silêncio atarefado – homens de fato preto andam de um lado para o outro com arranjos de flores e cadeiras. Pessoas começam a chegar e sentam-se, com a pagela nas mãos, enquanto Dona Conceição permanece serena no seu lugar, na última fila. Quando as cerimónias terminam, caminha até à porta da capela, onde se encontram o senhor da agência funerária e o coordenador a conversarem sobre este ser o vigésimo funeral que faziam naquele mês. Dona Conceição, muito calmamente, retira o seu álbum da carteira, começa a folheá-lo e a contar.

– Na verdade, Senhor Ferreira, este é o seu vigésimo quinto funeral – corrige.

Ambos os homens olham para a senhora baixinha, de casaco e lenço ao pescoço, e fitam o álbum que esta segura nas mãos. Voltam a encará-la, sem saber bem como responder, e, constrangidos, acabam por lhe agradecer a correção.

Dona Conceição coloca a alça da carteira ao ombro e segue até à rua para fazer o seu caminho de volta para casa. O ar já se encontra menos fresco, mas, ainda assim,



sente arrepios pela pele como se estivesse em frente a um frigorífico aberto. Essa sensação não a deixa até colocar a chave na porta e entrar.

No silêncio, senta-se à cabeceira da mesa, na sala de jantar, e abre o seu estimado álbum. Cada página contém uma pagela e informação detalhada, como a data do velório e o nome da funerária. E assim tem sido durante os trinta e poucos anos em que vai a todos os funerais da pequena cidade onde vive. A sensação de frio volta, mas, desta vez, como uma presença fixa nas suas costas – como se fosse alguém atrás de si.

Uma voz baixa ecoa pela sala:

– Dona Conceição, tenho uma proposta para si. – Não sabe porquê, mas a voz e presença não a assustam. É-lhe quase *familiar*. – Gostaria que viesse trabalhar comigo: venha ser uma das minhas Ceifeiras.

Dona Conceição não se atreve a mexer um único músculo para encarar o que quer que estivesse atrás de si – por muita curiosidade e vontade que tivesse. Assim, mantém o olhar preso no álbum, fixo nas faces daqueles que já partiram. A figura continua a falar, explicando em detalhe a sua escolha, mas uma única frase faz Dona Conceição responder à proposta.

– Durante estes anos todos, foi o conforto de tantas pessoas que ficaram. Agora, quero que seja o conforto daqueles que têm de partir.

Nesse momento, ao ouvir tais palavras, Dona Conceição fecha o seu álbum. Levanta-se e, finalmente, encara a figura que se encontrava na sua sala.

– Eu aceito a sua proposta – responde.

E, calmamente, segue a figura. Quando deita um último olhar à sala, vê o seu corpo estendido no chão e sorri.

© Beatriz Clara 2023. Cemitério dos Prazeres.

# SENHORA SOMBRIA

MURILO GUIMARÃES

Uma entidade acorda comigo todos os dias.
Ao seu lado eu sonho, feito um recém-nascido.
Estátua da tumba que sempre foi minha
prepara o meu corpo para uma nova descida.

Francamente e sem derramar lágrima,
assumo a dívida para com a senhora sombria,
a quem me entrego, a cultivar prudência.
Dela é a mão a guiar-me pela rota comprida.

Morrer é tarefa única do ser vivente.
Regurgitar agonias, abnegadamente,
lamber a carne exposta na velha ferida,
em meio a xávenas de café com leite.

Trespassado e guarnecido
pelo amor daquela misteriosa dona,
renovado, por detrás da vida imensa,
mergulho de volta, devagar e sempre,
na cova funda da eterna ausência.



# RIR NA MORTE

NUNO AMARAL JORGE

Quando o curso acabou e o respectivo trabalho final começou, o entusiasmo era enorme. A minha tarefa, apesar de ser absurdamente trabalhosa, não poderia ser mais apaixonante. Para mim, pelo menos.

O cemitério de Alva era antigo. Antigo o suficiente para ter registos que remontavam ao início do século xx. Melhor ainda, numa das campas mais velhas, parece que estava sepultado um dos aldeões que ganhara uma fama infame como assassino, de forma directa ou não. Era dono da maioria dos terrenos agrícolas e os aldeões que não matara à pancada tinham morrido à fome. Um tipo encantador, não havia dúvida, mas na verdade a coisa acabou por não lhe correr bem, já que, segundo o que se consegue apurar, terá tido um fim pouco simpático.

A pesquisa levou-me a ter de ler tudo e mais alguma coisa sobre a aldeia e a sua história, maioritariamente tanatológica. E, não admira, havia mais História no cemitério do que na biblioteca, isto se a aldeia tivesse uma, evidentemente. Consegui falar com pouquíssimos residentes que eram filhos ou netos dos aldeões que tinham privado com o mais infame hóspede do cemitério de Alva. Apesar de tudo, o dinheiro tem sempre muito poder e a família do algoz da aldeia conseguiu que este fosse sepultado no único mausoléu existente em todo o cemitério.

O meu trabalho era árduo e até algo repetitivo, mas para mim representava uma enorme investigação que estimulava o intelecto, já que descobria uma história nova todos os dias. Alva tinha uma narrativa própria, assim como todas as aldeias, vilas e cidades a têm.

Ao entrar no recinto, podia ver o Mausoléu ao longe, no fim do corredor que dividia ao meio as filas de lápides. Era um rectângulo de pedra, feio e claramente deslocado do resto naquele cemitério. Ao aproximar-me, no entanto, era impossível ignorar o incómodo que me causava. Parecia projectar a má presença do seu morador, mesmo depois de mais de oitenta anos desde a data da sua morte.

Talvez por isso não me tenha surpreendido tanto o que ocorreu quando, numa noite de primavera especialmente amena, resolvi calcorrear o cemitério, empunhando uma potente lanterna, e tirar algumas fotografias, apenas e só, para uso e gozo pessoal. A estética das sombras e a ligeiríssima inquietude de estar à noite

num cemitério eram elementos irresistíveis para mim. O respeito silencioso que me impunha estava associado a uma curiosidade pelas sombras, mesmo sabendo que nada se mexeria, nem qualquer som seria audível, a não ser as minhas passadas na terra e pétalas secas, carregadas pelo vento para longe das lápides. Sentia uma presença. Tanto que ali estava e tinha existido, provando realidade, afastando a ideia de nada.

O primeiro movimento foi subtil. O jogo de sombras a ganhar autonomia, já que falar em vida, ali, parece-me sempre uma forma de dar nomes errados às coisas que se passaram. Da minha sensação de ilusão passei ao disparar do coração no peito. A boca tinha aquele sabor metálico do sangue e o sim ritmado nas têmporas quase se sobrepunha ao que eram... passadas. Lentas, mas firmes, um passo de passeio.

Sentado de frente para o mausoléu, iluminado apenas pela lua e as parcas luzes de presença do cemitério, conseguia ver o casal que se aproximava. O cabelo da mulher era farto, sujo, revolto e, assim como as suas unhas, muito comprido. A roupa era parcialmente andrajosa, e os sapatos, se em tempos tinham existido, naquela noite não compareceram. O homem era alto, mas ao contrário da sua contraparte, não tinha um único cabelo em toda a sua cabeça. Era possível ver a palidez extrema da sua compleição e outras características difíceis de fitar de frente.

O meu impulso foi começar a correr e só parar quando o coração finalmente cedesse, mas na verdade fiquei sentado. O casal passou por mim, cumprimentou-me com um aceno cortês e algo anacrónico, e sentou-se numa lápide situada a pouca distância a cerca de uns dez metros do local onde eu estava.

Completamente imerso na minha completa suspensão de descrença, não dei por tudo o resto que começava a acontecer. Homens, mulheres, crianças, mais dentes, menos dedos, um ou outro olho vazado, todos se começaram a levantar das suas campas. A terra que revolviam ao levantar-se era, não sei bem por que força ou poder, imediatamente alisada, como se nada ali se tivesse alguma vez mexido ou sido perturbado.

Conforme os habitantes do cemitério se iam levantando e juntando numa espécie de congregação, podia ouvir as vozes, cujo som era uma mistura entre um sussurro rouco e o esforço de silêncio, provocado pelo tempo, a terra e a decrepitude.

E, a certa altura, ouvi... rir? Sim, era isso mesmo, inconfundível. O som de riso e alegria.

Reparei, então, que todos se tinham sentado de forma a poderem olhar para o mausoléu, situado na extremidade do cemitério.

Subitamente, o silêncio regressou. Todos tinham dado pela minha presença, mas ninguém parecia incomodado ou interessado, porque todos olhavam, até os que não tinham olhos para o fazer, para a porta do mausoléu.

E não demorou muito até que, finalmente, eu percebesse o que se passava.

Da porta do dito mausoléu saiu uma figura. Tinha um andar cambaleante, já que uma das suas pernas apresentava uma curva antinatural nos ossos da tíbia da perna



direita. Era um homem que abria e fechava a boca, em clara angústia. Quando passou por mim, percebi que lhe faltava a língua e que tentava desesperadamente falar, enquanto toda a assembleia, em crescendo, ia aumentando o volume do som do seu riso colectivo.

Como tinha dito, sabia que o mais infame habitante do cemitério de Alva tinha tido um fim pouco simpático. O homem passeava de um lado para o outro, num movimento que mais parecia uma penitência, e todos os mortos se riam.

A certa altura, dei por mim a fazer o mesmo. Como faço agora, anos depois, enquanto peço ao presidente da autarquia (onde Alva se situa) que abra uma excepção e permita que me sepultem naquele cemitério, quando chegar a minha vez. Acho que mais do que rir da Morte, é um privilégio poder rir na Morte.

© Beatriz Clara 2023. Cemitério dos Prazeres.

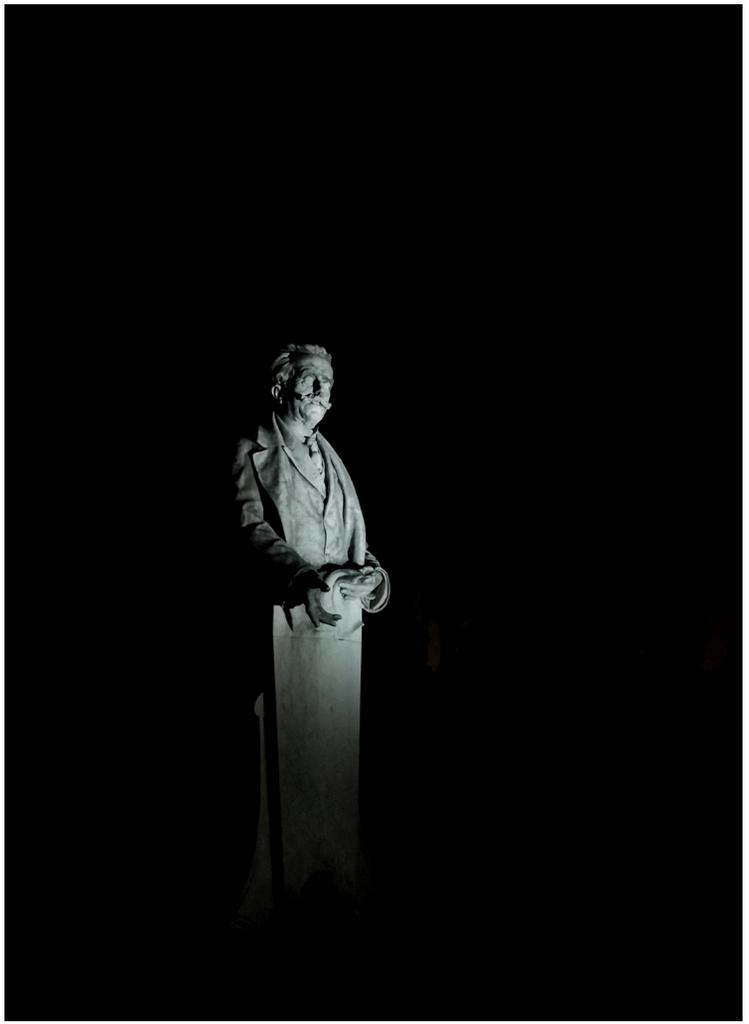
# ATÉ AO CÉU / SENTINELA / A IRMÃ USHER

TEXTO E FOTOGRAFIA DE NUNO AMARAL JORGE

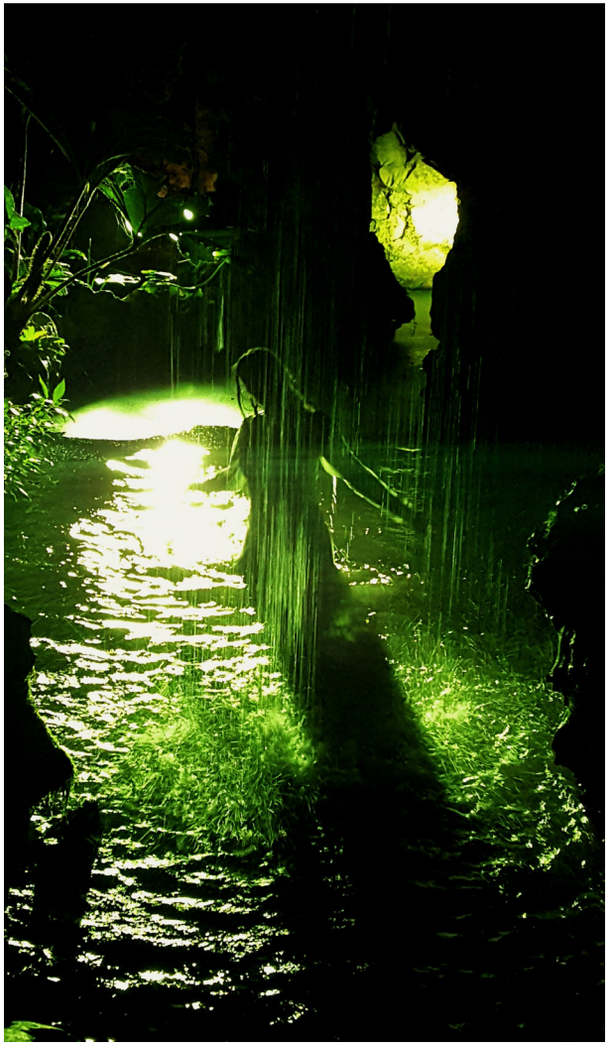
Sempre gostei de fotografar sombras. Os contornos de objectos, edificações e mesmo pessoas, envolvidas num jogo de sombras, que parecem intensificar os contornos e texturas, mas ao mesmo tempo dão um aspecto quase inacabado às fotografias, incitando à pergunta ou à ideia de uma história. Cemitérios, promontórios e edifícios vetustos (se estiverem meio arruinados, melhor) têm um potencial em termos de imagem que lhes permite transmitir ideias de tempo, memória, e persistência de ambos em objectos ou formas que assombram o presente, tornando-se inesquecíveis.

*Até ao Céu*. Foi tirada em 2022 numa aldeia no parque nacional Peneda-Gerês. Infelizmente, não me recordo nem anotei o nome da aldeia, mas esta cruz estava entrincheirada por vários edifícios antigos, feitos da mesma pedra. Parecia uma aldeia fantasma, passo o clichê. Soberba em imagens.





*Sentinela*. Foi tirada em 2022 também, no cemitério dos prazeres em Lisboa. Trata-se da efígie de um alto dignatário do séc. XIX, e a estátua está assim, envolta em sombras, com apenas uma pequena luz que a ilumina como se lhe desse movimento, mas não vida.



*A Irmã Usher*. Tirada em 2019, no palácio da Regaleira, em Sintra, a propósito de um espectáculo teatral imersivo subordinado à temática da obra de Edgar Allan Poe. Esta actriz banhava-se numa das fontes, iluminada com esta luz espectral, num cenário convincente e belissimamente assustador.



# NO DIVÃ

NUNO GONÇALVES

– Terminámos a última sessão quando me falava do seu medo da morte... Quer continuar a partir daí?

O paciente debatia-se contra o acolchoado.

– O melhor é colocar as mãos sobre o peito e relaxar – aconselhou o terapeuta.

– Sim, mas... este caixão parece-me apertado – replicou o paciente, ainda inquieto.

– Em geral, não são feitos para dar grande liberdade aos utilizadores. Bom, mas avancemos.

– Claro... Acho que tudo começou com a morte do meu pai. Ele dizia que me haveria de levar a ver o Benfica e acabou por nunca o fazer... Parece que me começo a habituar. – O paciente fechou os olhos, já devidamente encaixado.

– Continue.

– Não é que ele tivesse muitos sonhos; ou talvez tivesse e nunca falasse sobre eles. Não era de falar muito, em geral. Isto aqui é muito tranquilo, não é?

– É um dos mausoléus mais recatados, sim. Prossiga.

– E mesmo a minha mãe, depois de ele morrer, também ela se recusou a continuar a viver. Acho que nunca mais me abraçou. Até o cheiro relaxa! Isto é o quê?

– Crisântemos. E também tem medo de não viver os seus sonhos?

– Sim, eu... Bom, na verdade, não tenho grandes sonhos. Só não quero morrer.

– Porquê? Como se sente?

– Sinto-me... calmo.

– Nunca esteve nesta posição, correto? Aqui, no meio da morte? Não é assim tão mau, pois não?

– Parece até bastante agradável.

O terapeuta deixou o silêncio invadir o mausoléu.

– Muito agradável. E verá que ainda melhora.

© Beatriz Clara 2023. Cemitério dos Prazeres.

# NA SOMBRA DE UM TÚMULO

PAULA CAMPOS

A promessa de um fim de noite escaldante em casa da voluptuosa Sofia levou-o a aceitar o desafio dela, mesmo sem saber do que se tratava. Tinha a certeza de que a mulher pretendia apenas provar que ele não era digno do seu interesse, mas isso era-lhe indiferente, desde que conseguisse o que queria.

O olhar dela iluminou-se à vista da capela mortuária. O de Dinis ensombrou-se. A mulher percebeu, imediatamente, que a palidez do rosto do seu acompanhante não lhe permitiria sequer entrar no velório. Portanto, este acobardar-se-ia mais cedo que os outros. Contudo, Dinis parecia tê-la esquecido completamente e, de olhos esgazeados, fixos na entrada, avançou. Ela seguiu-o, preocupada. Habitualmente, os homens que levava aos velórios, no fim dos encontros, manifestavam algum desconforto, mas nunca a tinham embaraçado. Dinis entrou na capela e fixou os olhos nos pormenores do elegante caixão de cerejeira, sem pintura, com verniz fosco e forro em cetim. Sofia puxou-o pela manga para saírem dali – nunca conhecia os mortos nem as famílias –, mas Dinis avançou para o caixão, como se fosse movido por uma engrenagem mecânica. Os presentes lamentavam a perda da amizade que devia ter unido o morto e o vivo, devido à bizarra expressão deste, mas Sofia sabia que algo se passava e, constrangida, tentava retirar o companheiro dali.

O vómito súbito de Dinis, aos pés do caixão, levantou todos os presentes, ora porque sacudiam os sapatos da repulsa causada, ora porque tentavam ajudar. No meio da confusão, a bela morena escapuliu-se, sub-repticiamente. Tinha os seus próprios fantasmas para dominar, não precisava deste.

Trazido em braços para a rua, Dinis fixava as pedras da calçada, a mente naquela noite – *naquele* lugar. Oito anos e uma fisga na mão. A janela do vizinho estilhaçada. A orelha rasgada pelas unhas do pai, quando o humilde pedido de desculpas teria bastado. O terror daquela noite mal começara. Se ao menos a mãe não tivesse ido cuidar da avó durante aquela semana... Se ao menos a Arminda tivesse ficado para lhe aconchegar os lençóis, depois da cozinha arrumada...

Fechado com o pai no quarto, Dinis viu o General vestir o Grande Uniforme de Cerimónia: as calças azuis escuras com risca amarela, o casaco da mesma cor com listas amarelas nos punhos e nos ombros e o chapéu de pala. Ao peito, as medalhas de ouro que o pai o obrigara a conhecer de cor: a de valor militar, a de cruz de guerra, a de serviços distintos, a de mérito militar, a de comportamento exemplar. Acompanhava-o a espada com punho em madeira e a lâmina de meia cana de um só gume. Pelo espelho, o General olhou o menino sem qualquer compaixão, severo e resoluto.

– Um homem forma o seu caráter desde que nasce. Disciplina e respeito! Vamos!

O rapazinho desceu a longa escadaria, atrás do pai, apavorado, ainda sem saber que aquela seria a noite mais longa de toda a sua vida. Seguiu-o até à biblioteca, onde, fascinado, o viu tirar um livro de uma das enormes prateleiras escuras que forravam as paredes e apertar uma mola invisível, que abriu uma porta. Por momentos, deslumbrou-se com o sistema e a possibilidade de um segredo que o pai quereria partilhar.

Sem esperar pela ordem do General, entrou atrás dele, que logo acendeu um archote e fechou a porta, com um sistema idêntico ao do exterior. A pouca luminosidade assustava-o mais do que a escuridão. As bafientas escadas em caracol pareciam não terminar e receava cair e empurrar o pai. O coração, do tamanho de um bago de arroz, gritava pela mãe, pela Arminda, por alguém que o tirasse dali. Finalmente, chão sem degraus. A divisão era ampla, gélida e quase vazia. No meio, um estranho bloco de pedra retangular. Parecia um dos túmulos que o menino vira num livro de História, havia pouco tempo.

O pai sempre lhe parecera um homem enorme, mas a força que exerceu para empurrar a tampa que cobria a caixa de pedra, deixando uma pequena abertura, deixou-o estarrecido. Dinis só percebeu o que estava a acontecer-lhe quando se sentiu levantado no ar pelos braços fortes do General. Num segundo, a visão aterradora do que se seguiria fê-lo rebentar em gritos, esperneando, esbracejando, suplicando. Em breve, viu-se dentro do túmulo de pedra. Por entre os gritos de aflição, ouviu a voz atroadora do pai, vociferada pela estreita nesga, onde nem os pequenos dedos do menino cabiam:

– Um homem forma o seu caráter desde que nasce. Disciplina e respeito!

Gritou com quantas forças os seus oito anos lhe permitiam. Arranhou a pedra, empurrou-a, chorou, suplicou. Ouviu o barulho da porta lá em cima a fechar-se. O silêncio. A escuridão, fora e dentro do túmulo. O frio, o terror, os insetos por cima do seu corpo e a incerteza de quanto tempo demoraria a morrer. O colo da mãe, o aconchego de Arminda, os amigos da escola, a árvore de Natal, as brincadeiras no jardim. Depois, o vazio. Dinis deixou de sentir.

Quando, na manhã seguinte, o General o retirou do túmulo, satisfeito com o castigo aplicado, quem saiu de lá não foi o menino de oito anos que educara debaixo de chibatadas. Dinis fizera-se homem naquela noite. Não voltou a falar durante doze anos. Entre internamentos psiquiátricos e o amor da mãe e da ama, foi estudando afincadamente. O pai não voltou a tocar-lhe. Alguma coisa no olhar sempre vazio do

filho passou a intimidá-lo.

Até que, um dia, Dinis voltou da universidade onde estudava, longe de casa, para passar o fim de semana. A mãe tinha ido cuidar da avó, já bem velhinha, durante uma semana. Quando regressou, encontrou uma casa diferente. As janelas abertas, música, a vida a entrar por ali dentro. E as palavras do filho:

– Mãe, quando cheguei a casa, encontrei esta carta do pai. Diz que foi para longe com outra mulher. Não te preocupes, viveremos muito bem, nós os dois.

A mãe assentiu, sem manifestar qualquer estranheza pela ausência do marido nem pelo regresso do filho ao som das palavras, depois de doze anos de silêncio. A vida de ambos prosseguiu com naturalidade. Senhora da alta sociedade, a mãe recebia convidados em tertúlias bem animadas. Amigos, namoradas, boémia para o rapaz.

Agora, quinze anos mais tarde, Dinis confrontava-se, pela primeira vez, com um caixão. Parte da sua alma ficara, naquela noite, naquele túmulo, nos oito anos. A outra parte, numa noite, doze anos depois, naquele túmulo, onde uma espada ensanguentada jazia ao lado do Senhor General.

Dinis levantou-se e dirigiu-se a casa, onde tomou um banho e mudou de roupa. À meia-noite, tocou à campainha de Sofia. A noite era-lhe devida. No bolso do casaco, a pequena, mas afiada réplica da espada do pai esperava para rasgar outro ventre.



# A ÚLTIMA CEIA[1]

PEDRO LUCAS MARTINS

A ideia tinha sido de Tomé. Durante três dias, os onze tinham-se ali reunido, no túmulo frio, tão frio como os últimos restos do corpo mutilado que se estendia na laje de pedra. Não faltava muito, mas a noite ia ser longa.

– Irmãos, hoje é o último dia. – Tomé ocupou um lugar ao centro. – Juntai-vos para a consagração.

– Em nós, ele viverá – entoaram os restantes.

Tomé pegou numa lâmina e talhou onze pedaços de carne cinzenta, pedaços de músculo e tendão fibroso, onde as moscas já se banqueteavam.

Os outros dez homens em jejum ajoelharam-se, então, e abriram a boca em reverência, enquanto Tomé, solene, com as onze porções de carne na mão, se aproximava e proferia:

— O corpo de Cristo.

1 Texto redigido segundo o Acordo Ortográfico de 1945.

© Beatriz Clara 2023. Cemitério dos Prazeres.

# ONDE OS VERMES DORMEM

RITA SANTOS

A viagem de carro foi silenciosa. A imagem de um era o contraste do outro. Ele conduziu o caminho todo de testa franzida. Já Joana, a seu lado, mal continha a excitação. O reflexo das luzes dos candeeiros e dos semáforos no seu rosto era tão forte quanto a luz que morava nos seus olhos.

Chegaram ao cemitério.

– Bem, então... é hoje – começou ela, apertando os lábios. Ao mesmo tempo, passou uma mão pelo cabelo e agarrou uma mecha que entalou atrás de uma orelha.

Sílvio reconheceu aquele gesto que o levava a fazer tudo o que Joana lhe pedisse, mesmo que ela não reconhecesse o seu poder de sedução.

– Não me digas que queres mesmo fazer aquilo? – questionou.

Era demais, até para ele, que pensava que a namorada se devia soltar mais. Desde a noite em que partilharam os desejos mais íntimos que ela não parava de puxar pelo assunto. Tinham-se embebedado em casa com uma garrafa de gin e enrolaram-se no sofá. Algures entre as sessões de marmelada e aleatoriedades como quem cortaria as unhas do Spielberg (o cão, não o realizador), a conversa veio à baila: uma fantasia sexual que nunca tivessem realizado. Fora Sílvio a puxar a conversa. Ele pôs-se de pé, em cima do sofá, sempre a fitá-la, e afirmou de peito inchado, como quem vai fazer uma afirmação chocante, que queria fazer sexo com duas mulheres em simultâneo. Joana ficou pensativa, mas não rejeitou de imediato a ideia. Estava tão convencido de que ela ia dizer qualquer coisa inofensiva, como fazer sexo ao ar livre, que ficou embasbacado, quando, depois de muito insistir, ela revelou a sua fantasia: Joana queria fazer sexo num cemitério! Corada, descreveu com grande pormenor, um sonho de há muitos anos que lhe provocou o orgasmo mais intenso que alguma vez teve. Nele, um completo estranho, raptou-a e levou-a para um cemitério, onde a enterrou até ao pescoço, numa daquelas covas onde se deitam os mortos. Depois de se debater e gritar até quase perder as forças, o estranho puxou-a para a superfície e, possuiu-a ali mesmo, na terra onde os vermes comem as carnes mortas e os cadáveres encontram a morada final. Sílvio não se lembrava da conversa depois disso. Apenas que ficou combinado – porque ela não o deixou esquecer –, que se ele a ajudasse a concretizar aquele desejo, ela aceitaria fazer sexo com ele e com outra mulher, escolhida por ambos.



– Tu prometeste! – a súplica de Joana acordou Sílvio dos seus pensamentos.

– Está bem – disse, resignado. – Vou buscar a pá.

O cabo da pá encaixava na mão de Sílvio como se fosse feito para lá estar. *Swish, swosh, swish, swosh*... Sílvio cavava um pequeno jardim atrás de um jazigo centenário. Notava-se pela ausência de relva e consistência mole que a terra tinha sido mexida há pouco tempo. Estava húmida o suficiente para se deixar desprender do solo. A temperatura, de 25 graus, também não desajudava. *Swish, swosh*... O coração dele começava a acelerar e um formigueiro quase infantil percorria-lhe o corpo. A transgressão da entrada sub-reptícia no cemitério, a pá enrolada num pedaço de lona, o jardim escondido iluminado por um único candeeiro de luz amarela... tudo parecia novo e excitante.

Joana começou a ficar reticente desde que chegaram ao local escolhido. Tirou os sapatos para sentir a terra debaixo dos dedos. Era mais húmida e viscosa do que se lembrava. Pensou que assim que entrasse na cova as dúvidas iriam diluir-se. Sílvio estava a dar-se a muito trabalho. Com certeza não era por querer assim tanto fazer amor com ela e outra mulher.

Chegada a hora, deitou-se na terra, com a cabeça de fora tal e qual imaginara. Antes de entrarem no carro, fez Sílvio prometer que não a ia retirar por mais que pedisse, antes de passarem 5 minutos. Agora, ali deitada, já não o fez. Sílvio começou a deitar terra sobre ela. Não gostou da sensação. A terra estava molhada e a cada nova porção, mais pesada. O cheiro também era diferente. Seria de cheirar... a mortos? Um vómito veio-lhe à boca.

Quanto mais perdia a capacidade de se movimentar, mais se lembrava de uma cobra constritora a apertar as suas vítimas. Devagar, até os órgãos se começarem a liquefazer contra as paredes do corpo e os ossos estalarem, espetando-se de encontro aos tecidos vivos. Já não se conseguia mexer. A terra tapava por completo o peito. Sentiu movimento debaixo dos membros. Primeiro, pensou num morto-vivo a elevar-se, mas depois depreendeu pelas vibrações frias, que se tratavam de minhocas a percorrer o solo, agora que estavam de novo na mais pura escuridão. Estremeceu. Cheio de suor, Sílvio estava belo, imponente, impassível. Nunca tinha visto tanto foco naquele rosto. De repente, ocorreu a Joana que tinha de sair da prisão voluntária de imediato. E se ele a quisesse matar? Quem era louco o suficiente para fazer uma coisa daquelas? Ninguém sabia que ali estavam. Não se apercebeu quando começou a gritar e a chorar, mas Sílvio não queria saber. Foram os 5 minutos mais longos da vida dela.

Saiu da sua prisão em estado de choque. Quando ele tentou arrancar-lhe a roupa para fazer amor como ela pedira, já soluçava histérica. Gritos dignos de acordar as centenas de mortos à sua volta. Estava exausta, suada e a sentir-se nojenta. Ele

moveu o corpo de cima dela e sorriu.

– Vamos para casa.

O regresso a casa foi o espelho da viagem de ida. Sentada no lugar do morto, Joana escondia-se nas sombras. A desculpa que dava a si própria é que não queria que ninguém visse a cara de choro. Na verdade, sentia-se envergonhada e humilhada. Sabia que se Sílvio falasse durante a viagem, ia começar a chorar compulsivamente. Ela confundia o semi-sorriso do namorado com a satisfação de estar certo acerca da fantasia patética dela. Não podia estar mais enganada. Aquele momento tinha sido marcante para os dois, apenas não pelos motivos que julgava. A partir dessa noite, Joana iria recolher-se ainda mais na sua concha, qual caranguejo eremita. Entretanto, algo despertou em Sílvio. Ele fez a viagem com uma nova certeza. Aquela não seria a última vez que iria enterrar uma mulher. Mas, da próxima vez, iria levar o assunto até ao fim.



# O CEMITÉRIO

SABRINA LEÃO

A manhã nasceu prazerosa. Com passo firme, subiu as escadas e estacou em frente ao imponente portão de ferro. Admirou a larga alameda que se revelava à sua frente, orlada de ciprestes altos e esguios.

Com as mãos nos bolsos das calças puídas, recordou a primeira vez que entrou num cemitério, no dia do funeral da Avó Felismina, era ainda uma criança. Agora, volvidos quase quarenta anos, o fascínio por aquele lugar onde passavam os vivos, mas habitavam os mortos, não esmoreceu.

Com um sorriso quase impercetível – que ali não é lugar de (demonstrar) alegrias –, dirigiu-se até à pequena capela. Entrou, pé ante pé. Seis pessoas ladeavam um caixão de madeira tosca, no topo do qual um jovem padre vestido de branco celebrava o rito da Última Encomendação e Despedida. «Deve ser um pobre coitado», pensou. Saiu antes do final da cerimónia e, felizmente, nenhum dos parcos presentes dera por si.

Percorreu, lentamente, os jazigos que se perfilavam, ora majestosos, ora arrogantes e pretensiosos. Deteve-se num ou noutro para contemplar as esculturas de mármore, as cruzes, os vasos, os anjos, as inscrições exuberantes que, muito embora já conhecesse de cor, ainda o conseguiam surpreender. Desde criança que se esgueirava da escola para ir a este lugar odiado por tantos, mas por si amado.

Terminada a ronda que lhe era tão querida, atravessou o labirinto de ruelas estreitas, onde se apinhavam os túmulos dos menos afortunados, até alcançar o da sua Avó Felismina – a única pessoa que o amara incondicionalmente. Por ela, vinha e, com ela, mantinha longos monólogos. Ajeitou o ramo de flores silvestres que, cuidadosamente, depositara no dia anterior, limpou uns poucos grãos de terra que, teimosos, repousavam na lápide impecavelmente tratada e sentou-se.

– Bom dia, Avó! Hoje trago novidades! Acabo de passar pela capela, mais uma alma para te fazer companhia.

– Bem sei, meu querido! E que boa companhia me farás!

© Beatriz Clara 2023. Cemitério dos Prazeres.

# A ENCARREGADA

SANDRA HENRIQUES

Todas as manhãs, Albertina abre o portão mesmo que não venham visitas. Varre os trilhos entre os lotes, junta as folhas caídas numa pilha ao lado do barracão e abre latas de atum para os gatos do bairro.

Depois, senta-se no banquinho de plástico ao guichê, com a sua revista das cusquices das celebridades. Para pretexto de conversa, não para ler.

Todas as manhãs, eles vêm, curiosos, espreitam por cima do ombro dela pelo postigo e sussurram-lhe: «o que há lá fora?».

«Nada», responde Albertina enfastiada, sem levantar os olhos da revista. E, um a um, resignados, regressam às sepulturas.



# O GUARDIÃO

SANDRA MARTINS

Sou o guardião dos destinos finais. Absorvo os restos da humanidade e guardo todos os seus segredos dentro dos meus túmulos.

No escuro das minhas entranhas tudo se extingue.

No meu seio a morte aguarda pacientemente por cada alma que chega ao seu inevitável destino.

Sob a minha sombra ecoam os murmúrios dos mortos, lembrando: “Estamos à tua espera!”

# YA NADIE COMPRA FLORES

SANTI PÉREZ ISASI

Hay que entenderla, a Angustias: habían sido años difíciles. Primero, se quedó viuda de su Ramiro, lo que hasta cierto punto fue más bien un descanso; luego se murió Lurditas, de la floristería de al lado, y eso sí que le dolió, tantas horas pasaban juntas, sentadas en sus sillas a la puerta de la tienda, rodeadas de flores como santas o estrellas de cine. Frita se quedó Lurditas una noche, su hijo se la encontró cuando fue a visitarla tres días después; ya empezaba a oler.

Una floristería al lado del cementerio, en otra época, era un rendimiento asegurado para toda la vida. Pero habían sido años difíciles. Primero, la pandemia, que uno piensa: «¡Pues una pandemia debe ser buena para el negocio!». Pero no: confinamientos, entierros sin parientes o con limitaciones... Nunca se había muerto tanta gente, y nunca se habían vendido tan pocas flores.

Por eso, hay que entenderla, a Angustias, pobre: cuando vio en las noticias que se había muerto Glenda Rodríguez, la actriz de telenovelas, la favorita del público, la princesa del pueblo, dio un salto y un grito. Mejor dicho, cuando vio que se había muerto Glenda Rodríguez, contuvo la respiración apretando un pañuelo de papel arrugado en el puño, y cuando dijeron el nombre del cementerio en que sería enterrada (¡su cementerio!), ahí ya sí se permitió dar un salto y un grito. «¡Ay, Lurditas!», dijo. Por lo que sea, de su marido no se acordó.

Parece mentira que un cuerpo tan pequeño como el de Angustias pueda contener tanta energía, pero cuando llegó el día del entierro ya había limpiado la tienda, comprado todas las flores disponibles, reorganizado el escaparate, preparado quince coronas de distintos tamaños, había lavado y planchado su delantal más nuevo y se había arreglado el pelo, blanco pero espeso, su orgullo de mujer coqueta. Así estaba ella, elegante y profesional, altiva, aunque encorvada, firme en su tienda como un soldado en su garita.

Al principio, aparecieron unos pocos curiosos y algunos fotógrafos; una furgoneta de la policía aparcó frente a la entrada del cementerio, luego otra. Poco a poco, la plaza empezó a hervir como un hormiguero, aunque con la sordina del luto. En su rincón de la plaza, Angustias se distraía recolocando flores, miraba el reloj, se frotaba las manos contra el delantal. Intentaba no sonreír, pobre, ay que entenderla, habían



sido tiempos difíciles.

Un helicóptero sobrevolaba a la multitud, que se iba agolpando en la plaza en grupos cada vez más compactos.

Y sin embargo, y sin embargo... Pasaba el tiempo y Angustias empezaba a preocuparse: cuatro flores había vendido, ninguna corona, con el trabajo que le habían dado. Se acercaba la hora de la llegada del féretro; después de eso, se acabó: la multitud se movería hacia la entrada, habría aplausos, lloros, abrazos y luego todo el mundo a casa. No más flores. Se le estaba acabando el tiempo, pero ¿qué iba a hacer? No podía pregonar a gritos la mercancía...

¿Es que a la gente se le había olvidado cómo comprar flores? ¿Es que a la gente se le había olvidado *para qué* compramos flores?

Angustias se quitó el delantal y se puso en movimiento: colocó las coronas más lustrosas en el interior de la tienda, cerró la puerta, respiró hondo y se adentró entre la multitud.

La confusión de cuerpos y olores la desorientó, bajita como era en comparación con la mayoría, pero pronto se rehízo y consiguió levantar la cabeza para mirar alrededor. Era un ondular de brazos y piernas, pero también de otra cosa: muchas personas tenían flores en sus manos. Unas flores de un rosa descolorido, rodeadas por un lacito blanco con corazones rojos. No era necesario su instinto de florista para reconocer que eran flores de plástico; tampoco hacía falta una vista de águila para identificar, en las cintitas, el logotipo de los supermercados Promocién. Glenda había protagonizado sus anuncios televisivos durante décadas.

Cuando las ideas fueron encajando, Angustias sintió primero una rabia profunda y primitiva, una rabia que no había sentido desde, bueno, desde que se murió su marido. Después, la rabia retrocedió y dio paso a una tristeza igualmente profunda: la tristeza de quien ve su mundo deshacerse en el aire delante de sus ojos, o, mejor dicho, la de alguien cuyo mundo se deshizo en el aire hace mucho tiempo sin que consiguiera verlo.

«¡Ay, Lurditas!», volvió a decir, y rompió a llorar con un llanto convulso y desvergonzado.

El helicóptero sobrevolaba su llanto, como si fuera una revuelta.

De repente, se sintió abrazada por unos brazos gordos y poderosos; un olor a lavanda salía de la ropa contra la que la apretaban. Cuando consiguió separarse de aquel cuerpo, se encontró con la cara de una mujer a la que no reconoció. Angustias intentó recomponerse y limpiarse las lágrimas con un pañuelo de papel arrugado.

– Era muy buena – dijo la mujer desconocida, entre sollozos –, muy buena. Yo siempre la admiré mucho, la seguía desde chiquitina... Vi todas sus películas, todas... Cuando tenía cincuenta y tres años me encontraron un cáncer... un cáncer... y como ella también había pasado por uno, le escribí una carta. A la televisión se la envié, no pensaba ni que le fuera a llegar. Y le llegó. Y me contestó. Me contestó. De su puño y letra, además. Era muy buena, muy buena. Esa carta me salvó la vida – Dijo, y repitió

© Beatriz Clara 2023. Cemitério dos Prazeres.

una vez más, con la rotundidad que da la fe – Esa carta me salvó la vida.

Luego rompió a llorar de nuevo, tapándose la cara con las manos. Esta vez fue Angustias quien la abrazó, un poco por obligación, y quizás conmovida, arrastrada por el llanto ajeno, volvió a dejar ir el propio. Así, abrazadas, deshechas en lágrimas las dos, aunque fuera por motivos diferentes, juntas vieron llegar desde lejos el féretro de Glenda Rodríguez, entre una lluvia de flores de plástico.



# AETERNUM VALE[1]

SUSANA SILVA

Ecos tímidos na madeira.
Sussurrantes,
Pétalas esvoaçantes,
Intocadas.
Terra afogada,
Em golfadas ocas
Numa melodia
A três tempos.

Não uma tumba grandiosa,
Mas uma cova no chão.

O meu olhar viaja,
Espreitando linhas esculpidas,
De bichos e tempo,
Minúsculos grãos de areia,
Tantos; oceanos de chão
Que outrora pisei.
Gotas ínfimas
Mergulham nos meus
Olhos,
Sal,
A noite,
Escuridão.

Regresso ao fundo.
E aguardo.
O Tempo passa.

1 Este texto foi redigido segundo o Acordo Ortográfico de 1945.

Fontes de lágrimas lavadas
Brotam em torno
De mim, e todas as Tuas
Criaturas
Corroem...
As minhas células,
Os meus átomos,
O meu ser.

O Tempo passa.

O metal depura
O meu caixão, no fim.
Mãos trémulas carregando
Uma carcaça vazia
Em longos farrapos bordados.

No salão nobre,
A minha tumba condigna,
O meu sólio.

Beladonas inebriantes
Permanecem aos meus pés,
Suspensas.
Flores e putrefacção.

Sobes os três degraus até mim.
Seguras na minha mão nua,
Carne pura esvanecida.
Agarro um sorriso dos Teus lábios.
E nos meus cabelos
Jaz ouro cravado a fogo,
O Teu coração de cinco pontas,
Meu Rei,
Meu Pedro.

© Beatriz Clara 2023. Cemitério dos Prazeres.

# ERA UN BARATRO VESTITO DI FIORI / IT WAS A VOID DRESSED IN FLOWERS

VANESSA MONTESI

Non fu
Che flebile ronzio
Dal polline portato.

Al suo sussurro sottile
Correndo i miei sogni
Si affacciarono alla porta.

Nera
La voragine del mio desiderio
Scava solchi scoscesi,
Stride
La corda di violino
Toccata dal domani.

Nel cielo blu notte
Incurante
Scalo nubi d'argento.

Appesi alle dita
I miei sogni-palloncino
Allietano la caduta.

It wasn't
But a feeble hum
That the pollen brought.

At his thin whisper
Running, my dreams
Peeped out the door.

Black,
The abyss of my desire
Digs deep cracks,
Creaks
The violin string
Touched by Tomorrow.

In the night-blue sky
Oblivious
I climb on silver clouds.

Hanged at my fingers,
My balloon-dreams
Gladden the fall.



# DON'T YOU REMEMBER HOW?

VERÓNICA SOUSA

Don't you remember
How I ran my fingers
Layered with dirt
Along your headstone?
How I wondered who you were,
Who you are,
Who you could be?

How I eagerly told
Others
That I lived near a cemetery?
How I felt
Enlivened,
With shame and pride
Knowing
That a desire to encounter
You
And others like you,
Existed deep within me?

How I insisted
On the significance of
Remembrance
Even when there is
No memory
To be found?

How I wallowed in
*Saudade*
With a sense of
You
Your warmth
Your breath long chilled,
With a shared smirk
On lips separated
Across
Time and
Space?

# O AMANTE DO QUE NÃO É AMADO

ZEH MAURÍCIO FERREIRA

As cores distraem. O tempo corre com elas e o mundo nem se apercebe. Os amantes da vida, esses, enamoram-se pela sua luminescência e são ofuscados – até preferem nem saber que a sua amada se finda.

Já os como eu, adoram o básico, o cinza, o preto, o branco – a cadavérica faceta da vida. Esta, visito-a sempre à noite, quando nada perturba a beleza da realidade. A penumbra realça as formas ao redor – crucifixos, anjos, lápides, túmulos – e o silêncio, ah, o silêncio! Apenas quebrado pelo estridular dos grilos e os sons dos meus passos perturbando o chão. Caminho sem saber onde ela está, mas não demoro a senti-la. A temperatura cai e os meus pelos levantam-se, a reverenciá-la. As coisas lúgubres tornam-se mais nítidas, apesar da escuridão parecer avançar sobre o todo. Eu paro sabendo que já está aqui.

Um espectro ergue-se enorme, altivo. O manto mais negro do que a noite e a pele tão alva que chega a reluzir.

– Será hoje? – Pergunto-lhe.

– Ainda não, querido. Ainda não.

© Beatriz Clara 2023. Cemitério dos Prazeres.

# AQUI JAZEM
## AS NOTAS BIOGRÁFICAS

### EDITORES

**Alexis F. Viegas** é mestre em Estudos Comparatistas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa com uma tese no âmbito da Narratologia e dos *Game Studies*: "Analepsis and The Theatrics of Empathy in *The Last of Us: Part II*". É também licenciado em Línguas, Literaturas e Culturas pela mesma instituição. Em 2022, co-organizou a conferência "Nosferatu: 100 Anos de Terror" e co-editou a antologia homónima resultante (Edições Húmus, 2023). Actualmente, é membro do Conselho Editorial da revista *estrema* (CEComp-FLUL) e encontra-se a preparar o seu projecto de Doutoramento.

**Patrícia Sá** é mestre em Estudos Comparatistas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com uma dissertação intitulada: «Monstros, humanos, transumanos: ecos literários de *Frankenstein*». De momento, frequenta o Doutoramento em Literaturas, Artes e Culturas Modernas na mesma instituição, planeando enveredar pelo legendário de J. R. R. Tolkien. É escritora de ficção, tendo-se estreado com o conto «Amor» na antologia *Sangue Novo* (2021), obra vencedora do Grande Prémio Adamastor da Literatura Fantástica Portuguesa de 2022. Coeditou a antologia *Nosferatu: 100 Anos de Terror* (2023), resultado da conferência do mesmo nome que coorganizou em 2022, e, em 2023, colaborou na organização da conferência *The Road Goes Ever On and On: Commemorating J. R. R. Tolkien* (*1892–1973*). Além disso, escreve artigos para a *Fábrica do Terror* desde a sua abertura em março de 2022.

# AUTORES

**A. M. Catarino** nasceu em Leiria, Portugal, a 26 de Abril de 1973, mas foi registado como tendo nascido em Benedita (desta forma os pais pretendiam poupar-lhe os 40 quilómetros até à capital do distrito sempre que em adulto necessitasse de algum documento oficial – ecos dum país que mudaria drasticamente na véspera do seu primeiro aniversário, com a Revolução do 25 de abril). Talvez por isso sinta não pertencer a um só lugar ou a um único tempo, reinterpretando o mundo e criando realidades alternativas através da escrita e da fotografia, as duas formas de expressão artística que abraçou como autodidata. E, como não poderia deixar de ser, vive uma vida dupla: na primeira é formador externo em vários centros de formação profissional da zona oeste lusitana; na segunda é autor de variadas obras literárias e fotográficas, tanto a nível individual como coletivo. Poderão encontrar mais do seu trabalho através do seu *website*: www.amcatarino.com.

**Amanda Jansson Breitsameter** é amante de histórias e de escritos. Jornalista e mestra em Estudos de Literatura pela Ufrgs, tem na leitura um escape e na escrita um espaço aconchegante para criar e se expressar. Brasileira de Porto Alegre, atualmente mora com a família em Lisboa, onde faz seu segundo mestrado e busca especializar-se na arte do *dolce far niente*.

**Analita Santos** nasceu nos anos 70. Escreve por paixão e com paixão. É autora, mentora literária, formadora, ativista literária, curadora de um clube de leitura e diretora de uma revista literária. Já participou em várias coletâneas e escreve para diversas publicações. No género do terror, explora o inusitado e o inesperado. As suas histórias misturam provocação, desassossego, erotismo e inquietação. Poderão encontrar mais do seu trabalho através das suas páginas de *Instagram* (@analitaalvesdossantos), *Facebook* (@analitaalvesdossantos) e *LinkedIn* (@analitasantos).

**Andreia Esteves** é formadora e escritora *freelance*. Desde 2018 que se dedica à criação de conteúdos nas áreas de saúde mental, bem-estar e literatura. Já escreveu para empresas sediadas em Portugal, Espanha, Índia e EUA e colaborou com publicações internacionais como a Healthline Inc. e POSUGAR UK. É licenciada em Comunicação e Cultura pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e pós-graduada em Escrita de Ficção pela Universidade Lusófona. Possui ainda formação especializada em Biblioterapia, Cineterapia e *Waking Dream Therapy* pelo Instituto CRIAP. Quando não está a escrever, podem encontrá-la com um livro entre as mãos e uma chávena de



chá a acompanhar. Poderão encontrar mais do seu trabalho através da sua página de *LinkedIn* (@andreia-esteves-7) e do seu *website*: https://andreiaesteves.com/.

**Andreia Pinho** licenciou-se em Artes Plásticas-Pintura Intermédia no IPT em 2015. Entrou, em 2017, no Mestrado de Artes Plásticas na ESAD que finalizou em julho de 2019. No mesmo ano, frequentou o curso técnico de cerâmica criativa no CENCAL, concluído em 2020, com um estágio de dois meses nas Oficinas do Convento, em Montemor-o-Novo. Nos últimos três anos, participou em várias exposições colectivas como a Corrente D'Ar, Emergente, Catraia, Compostival, e entre outros. Em 2022 foi vencedora na categoria Melhor Artista na FESTCC com a obra "A Bruta". Desde 2019 que se dedica à recolha, estudo e processamento de argilas naturais (*wildclay*) com o objectivo de desenvolver um banco de dados e criar peças únicas. Em 2021, montou atelier de cerâmica na sua residência em Leiria, onde está atualmente a desenvolver o seu trabalho. Poderão encontrar mais do seu trabalho através das suas página de *Instagram*: @apinho_ceramics, @pelos_solos_de_portugal e @under.the.pinetree.

**Bárbara de Vallera** nasceu, estuda e vive em Lisboa tendo trabalhado, no âmbito do cinema, em Bruxelas e Coimbra. A autora acredita na fórmula Wildeana que a máscara mostra, escondendo, aquilo que uma cara sem máscara esconde, mostrando. Houve uma época em que a autora saía à rua de máscara. Poderão contactá-la através do seguinte endereço eletrónico: bvallera@sapo.pt.

**Cátia Marques** é licenciada em Sociologia (ISCTE) e mestre em Ciências da Cultura (FLUL), tendo a sua tese, "Reflexos de Sangue", por base a obra *Dracula* de Bram Stoker. Apaixonada por Música e Literatura, participou já em diversos colóquios e convenções. O seu amor pelos livros é espelhado pela página de *Instagram* @ Shadow_Frozen e pelo *Podcast* "Uma Breve História da Ficção Especulativa".

**Claudia J. Fischer** é docente de Estudos Germanísticos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tendo-se doutorado em Teoria da Literatura (FLUL, 2007). Coordena, no Centro de Estudos Comparatistas desta mesma universidade, a linha de investigação dedicada a relações Interartes e Intermedialidades. Publicou a monografia *Sobre Graça e Graciosidade* (Verbo, 2016) e *Contos Musicais. Wackenroder, Kleist e Hoffmann* (Antígona, 2017), uma antologia de narrativas do Romantismo alemão sobre temática musical. No âmbito dos estudos pessoanos, co-editou *Argumentos para Filmes* (Babel, 2011) e *Teatro Estático* (Tinta da China, 2017) e publicou artigos sobre Pessoa enquanto tradutor nas revistas *Real*; *Pessoa Plural*; P*ortuguese Literary &*

*Cultural Studies* e *The Translator*. Traduziu Thomas Mann, Rainer Maria Rilke, Walter Benjamin, Rainer Werner Fassbinder e, em parceria com Vera San Payo de Lemos, *Tempo do Coração* (Antígona, 2020), a correspondência entre Ingeborg Bachmann e Paul Celan. Para mais informações, consultar https://cfischer.weebly.com/.

**Cláudia Passarinho** nasce no ano de 1980, em Lisboa. É a quarta geração a residir numa vila lisboeta, por onde tantos escritores já passaram. Licenciou-se em Desenvolvimento Comunitário e Saúde Mental pelo Instituto Superior de Psicologia Aplicada em 2004, tendo posteriormente completado uma pós-graduação em Gestão de Recursos Humanos. É casada e mãe de dois filhos. Da sua família, sacia o amor, a união e a força para os seus projetos. É nas páginas dos livros que encontra refúgio e será através das suas palavras que procurará deixar um legado. Conta com a participação em várias coletâneas e revistas digitais, enquanto contista. É cofundadora do *podcast* «Livros a três» e desenvolve um papel ativo em projetos de formação de Escrita Criativa, clubes de leitura e na divulgação da importância da leitura para a saúde mental.

**Dália Rodrigues** é escritora, tradutora, revisora, editora e *designer* editorial. Desde sempre apaixonada por histórias fortes, finais abertos e histórias e personagens que nos deixam desconfortáveis. Inspirada por tudo e por nada, por sonhos e pesadelos, pelo reflexo da água e pela sombra da floresta. Poderão encontrar mais do seu trabalho através da sua página de *Instagram* (@daliarrrodrigues).

**David Soares** (Lisboa, 1976) é escritor, historiador, autor de banda desenhada e intérprete de spoken word. Vencedor de quatro prémios para Melhor Argumentista Nacional, atribuídos por vários festivais de banda desenhada.

**Gisela Monteiro** é investigadora na Divisão de Gestão Cemiterial da Câmara Municipal de Lisboa, trabalhando a temática cemiterial em publicações, conferências, exposições, visitas, etc. Mantém a página de divulgação de património, cultura e arte cemiterial *Mort Safe*, disponível em: https://taphophilia.blogspot.com/. Nas redes sociais, poderão encontrar mais do seu trabalho através das suas páginas de *Instagram* (@mort.safe) e *Facebook* (@MortSafe).

**Gisela Silva** é professora de Português do Ensino Básico e Secundário, doutorada em Literatura infantojuvenil, foi professora de Literatura Infantojuvenil e Expressão



Poética e investigadora no CIEC - Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho. É formadora nas áreas/domínios do Português e Literatura Portuguesa, no âmbito de projetos de mediação leitora. É membro do júri do Conto Infantil Ilustrado das Correntes d'Escritas - Porto Editora/ Prémio Literário Luís Sepúlveda; autora e coautora de livros sobre Leitura e Mediação Leitora. Tem uma dezena de livros e contos (em coletâneas de autores) da literatura infantojuvenil.

**Helena Menezes** licenciou-se, tirou mestrado e trabalhou como bolseira de investigação, na área das Ciências da Paisagem, entre 2007 e 2013, na Universidade de Évora. Durante a luta com a escrita científica, de rigidez e precisão necessárias, fez incursões na escrita criativa. Estas, principalmente inspiradas numa viagem de três meses ao sudeste asiático, acabaram por falar mais alto, sendo decisivas na desistência do percurso académico. Iniciou um romance quando na China, estando este confortavelmente inacabado numa gaveta e depois do nascimento da filha, em 2016, começou a escrever contos infantis. Editou o primeiro livro infantil em 2022, e participou numa coletânea de poesia erótica em 2023. A recente exploração da escrita de terror, algo despoletado por uma *masterclass* do Pedro Lucas Martins, fez ressuscitar o gosto pelo dark instalado pelo som predominante na adolescência. Cemitérios? Sempre gostou deles, «ao menos os mortos não chateiam!».

**José Maria Covas,** desde que nasceu a 26 de setembro de 1998, sempre tentou compreender a realidade em seu redor e contribuir para a sua evolução. Licenciou-se em Ciências Biomédicas na Universidade de Coventry e fez o Mestrado de Investigação em Medicina Regenerativa na Faculdade de Medicina e Veterinária da Universidade de Edimburgo, encontrando-se agora a realizar o Mestrado em Artes de Estudos Ingleses na Faculdade de Indústrias Criativas da Universidade de Sunderland. Os seus poemas, contos e guiões conjugam o mistério e o estranho da literatura e cinema com o ocultismo e surrealismo das suas viagens, criando, no processo, o seu próprio universo artístico, que eternamente explora a condição humana. Poderão encontrar mais do seu trabalho através das suas páginas de *Instagram* (@covasjosemaria e @josemariacovas) e *Facebook* (@josemaria.covas).

**Juan Álvarez Umbarila** is a Colombian PhD candidate and poetry enthusiast living in Lisbon.

**Kira Steel**, como escolheu chamar-se, tem 33 anos, vive em Bruges, cidade rodeada por canais de água, e não é casada. Trabalha numa pequena livraria ignorada, exceto

por aqueles que são predestinados a encontrar, e chega a casa, no máximo, às 8 da noite. É alcoólica, porque sempre quis ser como o Hemingway (a verdadeira razão só ela sabe e tu, se fores vítima do infortúnio). Está na cama quando o relógio bate às 11 em ponto e faz questão de dormir 8 horas, independentemente de outros fatores. O que tento explicar é: Kira Steel deseja viver uma vida calma e pacata, onde pode beber e escrever sem interrupções. Faz tudo para preservar essa paz.

**Laura Vasques de Sousa** nasceu em dezembro de 1978, por engano, em Lisboa. Criada na vila da Moita, de onde herdou o sangue, mas não as tradições. Iniciou os estudos em 1985, por curiosidade própria, e ingressou na escola no ano seguinte, como a lei exigia. É licenciada em Biologia Aplicada aos Recursos Animais pela FCUL e em Cardiopneumologia pela ESTESL, profissão que exerce no CHLN. Pratica regularmente exercício físico, panificação com fermentação natural, agricultura de varanda e jardinagem em vaso. Gostava de deitar a mão à olaria, mas não tem espaço (ainda) para um forno. Desde o início desta aventura, sempre esteve rodeada pelos livros, pelas leituras e pelas escritas, mas apenas depois dos 40 anos teve a lucidez de lhes fazer a vontade.

**Liliana Duarte Pereira**, nascida em junho de 1986, é licenciada em Política Social através do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Sempre quis preparar os mortos para os seus funerais, mas não vingou. Tem fobia a pessoas falecidas e a portas entreabertas. Gosta de animais, de fazer doces, de rir de coisas mórbidas e de escrever. Integrou as antologias *Sangue Novo* (2021), *Rua Bruxedo* (2022), *Sangue — Uma Antologia Portuguesa* (2022) e *Des/Pudor — Uma Antologia Portuguesa* (2023). Venceu o Prémio Adamastor de Ficção Fantástica em Conto (2022) com «O Manicómio das Mães», da antologia *Sangue Novo*. Poderão encontrar mais do seu trabalho através da sua página de *Instagram* (@liliana_duarte_pereira).

**M. Francisca B. B. de Alvarenga** é Membro em Treino e Bolseira no Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL). Frequenta o Curso de Doutoramento em Estudos Comparatistas na FLUL. O seu projecto de investigação centra-se na representação da figura do fantasma feminino nas suas formas neo-Victorianas, tanto na literatura como no cinema, com ênfase no seu potencial como forma de memória. Completou o Mestrado na Aarhus University, Dinamarca, em Estudos Interculturais, com uma tese acerca da performance e recepção da identidade bissexual no filme *Call Me By Your Name*. Completou a licenciatura em Artes e Humanidades, com um Major em Estudos Ingleses, na FLUL. As suas principais áreas de investigação são: os Estudos Literários, a Filmologia, os



Estudos Queer, os Estudos de Género, os Estudos de Memória, o Vitorianismo e os Estudos de Terror. Poderão encontrar mais sobre o seu trabalho através do Ciência ID (E114-A139-B40D) e do Orcid (0000-0002-3451-2042).

**M. J. Lima** desde criança que sempre teve uma enorme paixão por criar histórias. Ter ADHD fez com que explorasse meios diferentes de *storytelling*: desde teatro, à dança e, agora, na escrita. Apesar de ter começado a sua carreira na banda desenhada, contando já com histórias publicadas, neste momento encontra-se a dar os primeiros passos na literatura infantil. Porém, gosta de aceitar pequenos desafios e escrever short stories em géneros completamente diferentes. Afinal, está apenas limitada pela sua imaginação. Poderão encontrar mais do seu trabalho através da sua página de *Instagram* (@authormjlima) e do seu *website*: www.mariajlima.com.

**Maria Duran** é uma lisboeta de 25 anos. Completou Mestrado em História de Arte e Património pela Faculdade de Letras, e Pós-Graduação em Curadoria de Arte. Sabe demasiados factos sobre casas do século XIX e tesouros frágeis. Tem publicado poesia em várias revistas americanas e portuguesas.

**Maria Gaio** é natural de Leiria de onde emigrou com os pais para França, onde cresceu. Licenciou-se em Filosofia, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, cidade onde reside atualmente. Muito curiosa em relação às letras, foi escrevendo e guardando, tendo publicado o seu primeiro livro em 2019, intitulado *Sob o ponto de Mira*, um livro de contos cujo tema é o soldado português em diversos contextos de guerra. O livro *O Capa, o V Dobrado e o I Grego* e o *Planeta das Letras*, ambos publicadas em 2022, dirigido a um público infantojuvenil. É membro dos Clube de leitura "Encontros Literários, o prazer da escrita", bem como do Clube dos Writers. Publicou, recentemente, uma crónica no Público, intitulada "Podia ser pior", participou com um microconto na *Fábrica do Terror*, intitulado a "A Larva", e aceita qualquer desafio de escrita para se enriquecer.

**Maria Leonilda Pereira**, nasceu na Guarda a 13 de julho de 1952. As palavras encantaram-na, pelo que se licenciou em Filologia Românica. Dedicou-se ao ensino da Língua Portuguesa até à sua aposentação. Desenvolveu vários projetos, como: organização de seminários da UNL; preparou e realizou Visitas de Estudo e Intercâmbios Escolares Nacionais e estrangeiros. Atualmente, aposentada, dedica-se à escrita e à leitura, o seu projeto de vida.

**Maria Varanda** nasceu em Sintra faz já algumas décadas e muitos desses anos têm sido coloridos com a arte da escrita, uma paixão que gostava de tornar carreira e profissão. Por vezes incorpora nos seus contos os segredos e lamentos que lhe chegam em sonhos e pesadelos, vindos de almas que não se resolveram em vida. É autora de "Godigana" em *Sangue Novo*, "Anfitrite" em *Sangue* e colaboradora da *Fábrica do Terror*.

**Marta Nazaré** licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Inglês-Alemão, na FCSH, em 2005. Nos três anos seguintes, aprofundou os conhecimentos com uma Pós-Graduação em Tradução de Inglês e um Mestrado em Edição de Texto. Deu os primeiros passos no mundo dos livros como assistente editorial, na Dom Quixote, em 2007, onde cresceu a sua vontade de trabalhar no infantojuvenil. Há mais de uma década que se dedica à tradução de livros infantojuvenis e, também, à legendagem de filmes, séries e documentários nos mais variados temas. Em 2020, descobriu a paixão pela escrita. Já tem contos publicados em duas antologias de terror: *Sangue Novo* e *Sangue*, das Edições Trebaruna. O seu projeto mais recente é a coluna Sustinhos, na *Fábrica do Terror*, onde divulga o terror para crianças e jovens em Portugal. Poderão encontrar mais do seu trabalho através do seguinte endereço: https://linktr.ee/mnazare.

**Micaela Morgado**, mais conhecida por Miky Morgado, nasceu a 13 de Novembro de 1995, em Santarém. Atualmente, encontra-se a viver na zona de Alenquer. Em 2018, concluiu a licenciatura em Artes Plásticas pela Escola Superior de Artes e Design, na cidade de Caldas da Rainha. Como artista, desenvolve a sua produção nos campos da pintura, desenho, ilustração, gravura, tatuagem e fotografia. É coautora da revista independente *Invasão*, que já vai na sua 4ª edição, onde também publica os seus trabalhos. Tem-se envolvido em exposições individuais e coletivas, nacionais e internacionais, e adere regularmente a feiras de autor, workshops e outros projetos artísticos. Trabalha como tatuadora há cerca de 10 anos, abordando vários estilos, nomeadamente a estética medieval e ocultista com alguma ironia, e inspiração nas gravuras antigas e iluminuras, criando assim uma linguagem própria que define o seu estilo de tatuadora. Neste momento, tatua num estúdio em Alenquer. Poderão encontrar mais do seu trabalho através das suas páginas de *Instagram* (@mikzzart e @mkz.tattoo) e do seu *website*: https://www.behance.net/mikzzzart.

**Murilo Guimarães** nasceu na Bahia, em 1975. É poeta, músico e antropólogo. Desde cedo, interessou-se pela poesia. Aos 8 anos de idade, tornou-se o escritor oficial de cartões de fim de ano, de aniversário ou de casamento da sua família. Embrenhou-se



pelo estudo do Direito e, posteriormente, da Antropologia, área em que se doutorou pelo Instituto de Ciências Sociais, da Universidade de Lisboa. Publicou o seu primeiro livro de poemas, *Um grifo-pedrês*, pela editora URUTAU, em 2021. Desde 2015, produz o que chama de 'poemas dançantes', com o codinome RG:Murilo. Em 2022, realizou o primeiro concerto baseado neste projecto. Suas experimentações poético-musicais podem ser encontradas nas sua páginas de *Instagram* (@rgmurilo) e *YouTube* (@rgmurilo).

**Nuno Amaral Jorge** nasceu em 1974. É jurista, fotógrafo amador, escritor "freelance" e guionista no projecto de banda desenhada portuguesa *Apocryphus*, desde a primeira edição, em 2016. Em 2018, publicou um livro de contos infantojuvenis chamado *A Joaninha ao Contrário e outras histórias* e, em breve, será publicado um segundo volume de contos, ambos pela editora Ideias com História. Em 2019, publicou um romance chamado *As Três Mortes de um Homem Banal*, pela editora Planeta de Livros e, em 2020, participou na antologia de contos da edição comemorativa dos 30 anos da APAV, *À Roda de uma Vontade*. Em 2022, publicou um conto na antologia *Medos da Cidade*, da Editorial Divergência, e terminou recentemente um segundo romance que será publicado em outubro. Além disso, participará com dois contos em duas antologias, a publicar ainda em 2023. Stephen King, E.A. Poe, Cormac McCarthy e Julian Barnes são as suas referências. Vive em Lisboa com a namorada e os seus três gatos. Poderão encontrar mais do seu trabalho através da sua página de *Instagram* (@estacoes_diferentes) e do seu *blog*: https://estacoesdiferentesblog.wordpress.com/.

**Nuno Gonçalves** devora livros há 30 anos. O prazer da leitura fez crescer a vontade de um dia ver as suas próprias palavras no papel, encadernadas, à espera de um leitor. O caminho escolhido foi outro, e a Medicina atraiu-o mais do que as letras. Manteve a ligação à literatura, retomando os hábitos de leitura e dinamizando um blogue de crítica literária durante alguns anos. Depois de iniciar uma nova caminhada na escrita de ficção, venceu o prémio António de Macedo em 2022 e foi o finalista português do concurso de microcontos da EACWP em duas ocasiões (2022 e 2023). Poderão encontrar mais do seu trabalho através da sua página de *Instagram* (@nunormgoncalves).

**Paula Campos** nasceu do Mondego, com os pés em Coimbra e os sonhos no mundo. Os pés mantêm-se na sua cidade, os sonhos continuam por aí. Cedo se apaixonou pela leitura e pela escrita, pelo que fez profissão destas vontades. Para além de ser professora de Português, dinamiza um clube de leitura bastante ativo, que passou, em tempo de pandemia, de presencial a online, e já organizou atividades literárias na Biblioteca Municipal de Coimbra. Dinamiza, ainda, um grupo de escrita criativa

online. Tenho um conto juvenil publicado na coletânea "Contos que contas tu", da editora Tinta por uma linha, um texto em prosa poética, na coletânea "MUNDO(S) - Livro 22", da editora Colibri, e um poema, um texto em prosa poética e um conto, na coletânea "Contos de um Outono & Poemas de um qualquer Amor", da editora Ventos Sábios. Publico, semanalmente, no jornal O *Ponney*. E os sonhos sempre na leitura e na escrita. Poderão encontrar mais do seu trabalho através das suas páginas de *Instagram* (@anapaulahortacampos) e *Facebook* (@anapaula.campos.5680).

**Pedro Lucas Martins** nasceu em 1983, em Lisboa. Actualmente, entre outras coisas, escreve e edita ficção de terror, tendo sido esta reconhecida com o Prémio António de Macedo (2018) e com o Grande Prémio Adamastor da Literatura Fantástica Portuguesa (2020). Em março de 2022, co-fundou a *Fábrica do Terror,* onde desempenha a função de editor literário. Poderão encontrar mais do seu trabalho através da sua página de *Instagram* (@_pedrolucasmartins_) e do seu *website*: https://pedro-lucas-martins.com/.

**Rita Santos** nasceu em Lisboa, no ano da passagem do cometa Halley, e jura que um dia ainda vai escrever sobre a data. Quis ser desenhadora, arquiteta, pintora e uma mão-cheia de coisas mais. A constante? Cinema. Ver 100 filmes de terror por ano é pouco? Experimentem ver mais com dois filhos e um trabalho full-time. Pois. Fez formação em Escrita de Argumento e Escrita Criativa na *Escrever Escrever* e Design Thinking Foundations na EDIT. Teve mentoria em escrita criativa e *storytelling* com Mónica Menezes, e fez o Creative Bootcamp de David Birss. Criadora do Creativity Camp, gere a Newsletter Ponto Criativo e conduz, também, as *lives* Compasso Criativo no *Youtube*. É autora publicada na *H-alt* e, mais recentemente, na *Fábrica do Terror*. Está ainda a dar os primeiros passos na publicação do seu mundinho negro. Poderão encontrar mais do seu trabalho através da sua página de *Instagram* (@_ritassantos) e *Linktree*: https://linktr.ee/RitaSSantos.

**Sandra Henriques** é escritora de conteúdos digitais e autora de livros de viagens, Sandra Henriques estreou-se na ficção em 2021, ano em que ganhou o prémio europeu no concurso de microcontos da EACWP com «A Encarregada», uma história de terror contada em 100 palavras. Desde aí, para além dos livros de viagens em que continua a colaborar, integrou as antologias *Sangue Novo* (2021), com o conto «Praga», e *Sangue* (2022), com o conto «Equilíbrio». Em março de 2022, cofundou a *Fábrica do Terror*, onde desempenha a função de editora-chefe.



**Sandra Martins** nasceu e vive em Lisboa. Estudou Gestão e Estatística. Escrevia ocasionalmente com o objetivo de informar. A pandemia e o confinamento tornaram a ocasião cada vez mais frequente e deram início a uma fase de exploração para criar algo mais interessante. O desconforto e as incertezas que têm marcado os últimos anos trouxeram a público algumas experiências pouco racionalizadas e potencializaram a escrita de terror.

**Santi Pérez Isasi** es Professor Auxiliar en la Facultad de Letras de la Universidad de Lisboa, e investigador en el Centro de Estudos Comparatistas de esta misma Facultad. Es autor de los libros *Ilustre Ruritania Ilustrada* (ediciones bárbaras, 2015) e *Imposibles impensables* (ed. Nazarí, 2016). Entre otros premios literarios, ha obtenido en dos ocasiones un accésit del concurso de relatos Gabriel Aresti del Ayuntamiento de Bilbao. Ha realizado traducciones académicas y literarias del inglés y del portugués al español; las más recientes, *Dolencia y Lillias Fraser* de Hélia Correia, se ha publicado en la editorial La Umbría y la Solana. Es también cofundador y colaborador del blog *Un libro al día*.

**Susana Silva**, também conhecida como Susie Saint-Claire, nasceu em Lisboa, mas foi Évora a cidade que a viu crescer. É oceanógrafa física, mas desde cedo que a escrita mora na sua gaveta. Após o seu conto de estreia, O "Palco Vazio" (*Sangue Novo*, 2021), integrou a antologia *Sangue* com o conto "Ícor", caminhando em 2023 pelo mundo da poesia nos cadernos da Escrever Escrever com "Linhas Que Pensam Que São Cordas" e "Todos os Oceanos de Tempo" em *Nosferatu, 100 anos de terror*. Para Susie, a escrita é uma forma de expressão sensorial, que usa para pintar imagens aprisionadas na sua mente. Mergulhar na sua prosa poética é descer a um mundo de escuridão, melancolia e tempo. Poderão encontrar mais do seu trabalho através da sua página de *Facebook* (@Susie.Margarida.Silva).

**Vanessa Montesi** é doutora em Estudos Comparatistas pela Universidade de Lisboa, com uma tese sobre a tradução intermedial em dança que recebeu uma menção honrosa pelo Museu Nacional do Teatro e a Dança em 2023. É membro integrado do grupo de pesquisa Synesthesia do Centro de Estudos Comparatistas e, anteriormente, foi membro do grupo Dramaturgical Ecologies, com base na Universidade Concordia, em Montreal. Tem publicado vários artigos académicos, editado zines de recolhas poéticas e ganhado vários prémios literários no âmbito da poesia. Mora em Newcastle, onde trabalha como coordenadora de atividades numa organização de caridade com foco na sustentabilidade ambiental.

**Vera San Payo de Lemos** foi docente do Departamento de Estudos Germanísticos da Faculdade de Letras de Lisboa (1975-2021), onde leccionou Alemão, Didáctica do Alemão, Tradução e Estudos de Teatro. É investigadora do Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras de Lisboa. No teatro, trabalha regularmente desde 1980, na área da tradução e dramaturgia, com o encenador João Lourenço, no Teatro Aberto, em espectáculos criados a partir de dramaturgia e música contemporânea. Publicou artigos sobre teatro, sobretudo nos programas dos espectáculos em que trabalhou. Colaborou na tradução e coordenou a edição dos quatro primeiros volumes do Teatro 1, 2, 3, 4 de Bertolt Brecht (Livros Cotovia, 2003-2007). Traduziu, com Claudia J. Fischer, *Tempo do Coração* (Antígona, 2020), a correspondência entre Ingeborg Bachmann e Paul Celan. Participou em encontros, festivais e júris de teatro em Portugal e no estrangeiro. Recebeu o Prémio Austríaco de Tradução pelas peças *As Presidentes* (1997) e *Peso a mais Sem peso Sem forma* (2004), de Werner Schwab, o Prémio da Crítica 2003 e a Medalha Goethe 2006.

**Verónica Sousa** é uma açoriana luso-americana, estudante do doutoramento em Antropologia Médica no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Ela estudou antropologia médica e literatura na UC Berkeley, Antropologia, Estudos de Género e Sexualidade na The New School for Social Research, e Antropologia e História da Medicina na Universidade de Princeton, antes do seu programa de doutoramento em Lisboa, Portugal. O seu projeto de investigação doutoral, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), é agora sobre as negociações entre cuidado e dano, com foco na política de toque na assistência a idosos durante a pandemia COVID-19 em Lisboa. Ela está interessada no modo como as tecnologias de cuidado e as desigualdades sociais, nomeadamente as relacionadas com género, sexualidade, raça, deficiência/doença e classe, se enredam na prática e experiência de cuidados aos idosos no contexto português. Ela também está a treinar na produção de filme documentário. Poderão encontrar mais do seu trabalho através da sua página de *Twitter* (@veromariasousa).

**Zeh Maurício Ferreira**, de nacionalidade brasileira, atualmente se encontra do outro lado do Atlântico, residindo em Portugal. Graduado em Ciência da Computação e prestador de serviço na área de tecnologia da informação. Em 2014, acreditando na paixão de miúdo por histórias fantásticas, decidiu escrever o seu primeiro conto e desde então não mais parou. Foi selecionado em alguns concursos literários no Brasil, garantindo-lhe a publicação de vários dos seus textos em diversas antologias. Hoje, o seu primeiro romance está em fase de planeamento.



# DESIGN E EDITORIAL FOTOGRÁFICO

**Madalena Cardoso** é uma artista multidisciplinar lisboeta com interesse em design (motion design, mais particulamente), animação e ilustração. Desde cedo, é observada a rabiscar mundos imaginários e fantasias, tendo desenvolvido, ao longo do tempo, um especial gosto por materializar ideias no papel e ecrã. Frequentou Ilustração para os Novos Media na ETIC e Animation na University of Portsmouth, encontrando-se, neste momento, a frequentar o mestrado de Design e Cultura Visual, no IADE. Ambiciona, com a sua arte, provocar impacto e mudança em quem observa as suas obras. Poderão descobrir mais do seu trabalho através da sua página de *Instagram* (@madz.creates) e do seu *website* https://www.madalenacardoso.com/.

**Beatriz Romba Clara**, de 26 anos, é Fotógrafa Profissional formada pelo Instituto Português de Fotografia. É natural de Almodôvar (Beja), mas reside em Almada há 8 anos, com emprego em Lisboa. Foi atleta de competição de Patinagem Artística e de Karaté. Durante 5 anos, percorreu a área da dança, especificamente do KPOP, e o mundo do desporto conduziu-a para a área da Saúde. Começou por tirar o Curso de Enfermagem, mas, recentemente, percebeu que a sua grande paixão é, na verdade, a Fotografia. Tem especial gosto pelas áreas da Fotografia de Paisagem, de Arquitetura e de Rua. Através da imagem, pretende valorizar e preservar a cultura, e compreender os seus mistérios. Um exemplo disso, é a sua mais recente descoberta: a Fotografia Cemiterial. Muito além do mórbido, do temeroso, existe um mundo artístico, curioso e histórico que vale a pena conhecer. Poderão encontrar mais do seu trabalho através da sua página de *Instagram* (@beatrizclaraphotography) e contactá-la através do seguinte endereço: beatrizclaraphotography@outlook.pt.